

**FACULTAD INTERAMERICANA DE CIENCIAS SOCIALES
DIRECCIÓN DE POSTGRADOS**



MESTRADO EM CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO

ISAAC DA COSTA SILVA

**Desempenho Escolar dos alunos do 6º ao 9º Ano do
Ensino Fundamental de um Colégio Municipal no Povoado
de Santa Rita, Município de Riacho de Santana – Bahia.**

ASSUNÇÃO - PARAGUAI

2019

ISAAC DA COSTA SILVA

Desempenho Escolar dos alunos do 6º ao 9º Ano do Ensino Fundamental de um Colégio Municipal no Povoado de Santa Rita, Município de Riacho de Santana – Bahia

Dissertação apresentada ao Programa de Postgrado da Facultad Interamericana de Ciencias Sociales, como requisito para obtenção do título de Mestre em Ciências da Educação.

Orientadora: Prof.^a Dra. Maria Aparecida Antunes Moreira

Assunção - Paraguai

2019

ISAAC DA COSTA SILVA

**DESEMPENHO ESCOLAR DOS ALUNOS DO 6º AO 9º ANO DO
ENSINO FUNDAMENTAL DE UM COLÉGIO MUNICIPAL NO
POVOADO DE SANTA RITA, MUNICÍPIO DE RIACHO DE SANTANA –
BAHIA**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação da Faculdade Interamericana de Ciências Sociais, como requisito para obtenção do título de Mestre em Ciências da Educação.

Aprovada em ____ de _____ de ____.

Profa. Dra. Maria Aparecida Antunes Moreira (Orientadora)
Universidade Evangélica do Paraguai - UEP

Membro da Banca

Membro da Banca

Membro da Banca

Dedico este estudo a todos os profissionais da educação que enfrentam os diversos desafios para aperfeiçoamento das práticas pedagógicas.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por ter me concedido a vida, por ter me dado a oportunidade, a liberdade de escolher diferentes caminhos, de fazer o que gosto, de ter concedido a responsabilidade de arcar com cada uma de minhas escolhas e ter me dado a humildade de reconhecer os meus erros e as fraquezas, e assim continuar me aperfeiçoando a cada dia.

A todos aqueles que, comigo compartilharam dificuldades, receios, incentivos, forças e muita vontade para continuar lutando pela realização de um sonho e estar a caminho do sucesso.

Não é possível refazer este país, democratizá-lo, humanizá-lo, torná-lo sério, com adolescentes brincando de matar gente, ofendendo a vida, destruindo o sonho, inviabilizando o amor. Se a educação sozinha não transformar a sociedade, sem ela tampouco a sociedade muda.

Paulo Freire

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 Imagem de Riacho de Santana

66

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 Alunos Entrevistados	83
Gráfico 2 Cotidiano do aluno na escola	84
Gráfico 3 Índice de repetência	86
Gráfico 4 Importância da escola para o futuro	88
Gráfico 5 O aluno em sala de aula	90
Gráfico 6 O que o aluno percebe do professor	92
Gráfico 7 Pai x Aluno	94
Gráfico 8 O que as famílias têm em casa	96
Gráfico 9 Grau de escolaridade	98
Gráfico 10 Acontecimentos diários dos filhos na escola	100
Gráfico 11 Renda Familiar (classificação)	102
Gráfico 12 Professor	103
Gráfico 13 Convívio diário Professor x Escola (01)	105
Gráfico 14 Convívio diário Professor x Escola (02)	107
Gráfico 15 Professor x Aluno	109

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ECA – Estatuto da Criança e do Adolescente -----	15
LDB - Lei de Diretrizes e Bases -----	15
PPP Projeto Político Pedagógico-----	15
PCNs – Parâmetros Curriculares Nacionais -----	33
LDB - Lei de Diretrizes e Bases -----	35
CF – Constituição Federal -----	52
PNE – Plano Nacional de Educação -----	52
FNDE – Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação básica-----	52
LDB - Lei de Diretrizes e Bases -----	53
MP – Medida Provisória -----	55
FNDE – Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação básica -----	56
BNDES – Banco Nacional do Desenvolvimento econômico -----	57
ABNT – Associação Brasileira de Normas e Técnicas -----	60
IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística -----	63
IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística -----	66
INEP- Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais -----	67
MEC - Ministério da Educação -----	67
PDDE – Programa Dinheiro Direto na Escola -----	76
PPP – Projeto Político Pedagógico -----	77
AEE – Atendimento Educacional Especializado -----	78
PPP – Projeto Político Pedagógico -----	79
LDB - Lei de Diretrizes e Bases -----	79
PPP – Projeto Político Pedagógico -----	79

SUMÁRIO

Introdução-----	15
1.1 Tema -----	16
1.2 Título -----	16
1.3 Problema -----	16
1.4 justificativa -----	17
1.5 Objetivo geral -----	19
1.6 Objetivo Específicos-----	19
2 Marco teórico-----	20
2.1 Origem Teórico Epistemológica do Desempenho Escolar-----	20
2.2 Compreensão do Marco Epistemológico-----	24
2.3 Fatores Determinantes no Desempenho Escolar-----	28
2.4 Infraestrutura no desempenho escolar-----	30
2.5 Importância da Avaliação no Desempenho Escolar-----	32
2.6 Tipos da Avaliação-----	36
2.6.1 Avaliação Diagnóstica-----	37
2.6.2 Avaliação Formativa-----	42
2.6.3 Avaliação Somativa-----	46
2.7 Importância da qualificação professores no desempenho escolar ----	49
2.8 Importância da alimentação escolar para o desempenho escolar----	52
2.9 Importância do transporte escolar no desempenho escolar-----	55
2.10 As demandas do cotidiano da escola-----	57
3 Marco metodológico -----	59
3.1 Definição: Metodologia, método e pesquisa-----	60
3.2 Questionário-----	62
3.3 Local da pesquisa-----	63
3.4 Caracterização da escola-----	67
3.5 instituições pesquisada -----	69
3.5.1 Breve Histórico -----	70
3.6 Universo, amostra e amostragem de pesquisa -----	71
3.7 Metodologia: classificação, Fundamentação, instrumento-----	72

3.8 Instrumento para a coleta de dados-----	72
3.9 A relação estrutura física e ensino e aprendizagem como componente da organização escolar-----	74
3.10 Recursos Humanos-----	75
3.11 Gestão Escolar-----	76
3.12 Matriz Curricular-----	79
3.12.1 Matriz Curricular na Escola-----	80
3.13 Professores-----	80
4 Análise e discussão de dados-----	82
4.1 Apresentação e análise de resultados-----	82
Gráfico 1 Alunos Entrevistados-----	83
Gráfico 2 Cotidiano do aluno na escola-----	84
Gráfico 3 Índice de repetência -----	86
Gráfico 4 Importância da escola para o futuro-----	88
Gráfico 5 o aluno em sala de aula-----	90
Gráfico 6 o que o aluno percebe do professor-----	92
Gráfico 7 Pai x Aluno-----	94
Gráfico 8 O que as famílias têm em casa-----	96
Gráfico 9 Grau de escolaridade-----	98
Gráfico 10 Acontecimentos diários dos filhos na escola-----	100
Gráfico 11 Renda Familiar (classificação)-----	102
Gráfico 12 Professor-----	103
Gráfico 13 Convívio diário Professor x Escola (01) -----	105
Gráfico 14 Convívio diário Professor x Escola (02) -----	107
Gráfico 15 Professor x Aluno-----	109
Conclusão -----	111
Recomendação-----	114
Referências-----	116
Apêndice A – análise documental – questionário para aluno-----	124
Apêndice B – análise documental – questionário para os pais-----	128
Apêndice C – análise documental – questionário para os professores -----	130

Resumo

A não aprendizagem pode estar ligado às suas capacidades intelectuais, onde as informações repassadas não são obtidas, por conta de que os alunos possuem enormes dificuldades em assimilar e processar as informações. O desempenho dos alunos no contexto escolar pode ser influenciado por diversos fatores: sociais, emocionais e culturais. Dessa forma, é relevante ressaltar que cada aluno precisa por si mesmo criar elementos que o ajudem na aquisição de conhecimentos. O desejo de aprender, a curiosidade, para impulsionar a busca por conhecimentos é função primordial do professor. Este estudo tem como objetivo geral é analisar o processo de avaliação e compreender os fatores que prejudicam o desempenho escolar dos alunos do ensino Fundamental de uma escola rural da cidade de Riacho de Santana interior da Bahia, onde o foco principal é analisar as causas dos diversos problemas que afetam o ensino e aprendizagem. Esta pesquisa abrange um total de 326 pessoas, sendo 200 alunos, 24 professores, 100 pais, uma diretora e uma coordenadora pedagógica. Conclui se que a pesquisa qualitativa surge para dar explicação as questões sociais e tentar responder os problemas que envolve a sociedade em diversos acontecimentos embasados em autores renomados. Diante do resultado encontrado, define o processo educacional e subsídio para a formação de cidadãos consciente, críticos e participativos de modo a solucionar os problemas levantados, bem como potencializar os conhecimentos adquiridos.

Palavras chave: Desempenhos, conhecimentos e avaliações.

Abstract

Non-learning may be linked to their intellectual capacities, where information passed on is not obtained, because students have enormous difficulties in assimilating and processing information. The performance of students in the school context can be influenced by several factors: social, emotional and cultural. In this way, it is important to emphasize that each student needs to create elements that help him in acquiring knowledge. The desire to learn, curiosity, to boost the search for knowledge is the primary function of the teacher. The objective of this study is to analyze the evaluation process and to understand the factors that impair the school performance of elementary school students in a rural school in the city of Riacho de Santana, Bahia, where the main focus is to analyze the causes of the various problems that affect teaching and learning. This research covers a total of 326 people, being 200 students, 24 teachers, 100 parents, a director and a pedagogical coordinator. It concludes that qualitative research arises to explain social issues and try to answer the problems that involve society in diverse events based on renowned authors. Given the result found, it defines the educational process and subsidy for the formation of conscious, critical and participative citizens in order to solve the problems raised, as well as to potentialize the knowledge acquired.

Key words: Performances, knowledge and evaluations.

resumen

El no aprendizaje puede estar vinculado a sus capacidades intelectuales, donde no se obtiene la información transmitida, porque los estudiantes tienen enormes dificultades para asimilar y procesar la información. El desempeño de los estudiantes en el contexto escolar puede ser influenciado por varios factores: social, emocional y cultural. De esta manera, es importante enfatizar que cada estudiante necesita crear elementos que lo ayuden a adquirir conocimiento. El deseo de aprender, la curiosidad, impulsar la búsqueda de conocimiento es la función principal del maestro. El objetivo de este estudio es analizar el proceso de evaluación y comprender los factores que afectan el rendimiento escolar de los estudiantes de escuela primaria en una escuela rural en la ciudad de Riacho de Santana, Bahía, donde el objetivo principal es analizar las causas de las diferentes Problemas que afectan a la enseñanza y al aprendizaje. Esta investigación cubre un total de 326 personas, siendo 200 estudiantes, 24 maestros, 100 padres, un director y un coordinador pedagógico. Concluye que la investigación cualitativa surge para explicar los problemas sociales y tratar de responder a los problemas que involucran a la sociedad en diversos eventos basados en autores reconocidos. Dado el resultado encontrado, define el proceso educativo y el subsidio para la formación de ciudadanos conscientes, críticos y participativos para resolver los problemas planteados, así como para potencializar los conocimientos adquiridos.

Palabras clave: Performances, conocimientos y evaluaciones.

1. INTRODUÇÃO

O direito a educação é garantido por meio da Constituição Federal de 1988, da Lei Nº 8069/90 - Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) e na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - LDB 9.394/96, que prioriza o acesso e a permanência do aluno na escola, objetivando a formação do usuário para o exercício da cidadania, preparação para o trabalho, e sua participação social.

Desta forma, o presente estudo propõe uma análise do desempenho escolar dos alunos de um Colégio Municipal no município de Riacho de Santana, a partir das diversas problemáticas e situações que ocorrem no cotidiano das famílias carentes.

Com culturas diversas, observa-se muitas dificuldades no ensino e aprendizagem, na socialização, no acesso à cultura no complexo que inclui o conhecimento, a arte, as crenças, a lei, a moral, os costumes, todos os hábitos, aptidões e na formação do cidadão.

Destaca-se que o desempenho escolar deve estar atrelado ao PPP (Projeto Político Pedagógico) da escola, entretanto o que se nota são: alunos sem perspectivas, dificuldades econômicas extremas, para que possa proporcionar oportunidades, elevação do autoconceito e tornar a aprendizagem agradável e produtiva.

1.1 Tema

Desempenho Escolar

1.2 Título

Desempenho Escolar dos alunos do 6º ao 9º Ano do Ensino Fundamental de um Colégio Municipal no Povoado de Santa Rita, Município de Riacho de Santana – Bahia

1.3 Problema:

Quais os fatores determinantes que interferem no desempenho escolar de um Colégio Municipal no município de Riacho de Santana?

1.4 Justificativa

O presente estudo propõe uma análise no desempenho escolar dos alunos de um Colégio Municipal, diante das diversas problemáticas existente no mundo atual, com culturas diferenciadas, condições sociais precárias, temos consciência que só por meio da educação essas situações podem ser sanadas.

Para compreendermos o processo de ensino e aprendizagem iremos abordar nesse estudo os fatores que prejudicam o desempenho escolar; iremos definir cada problema que envolve o cotidiano, averiguar as condições socioeconômicas e o processo de Avaliação adotado pela escola.

Ao longo dos tempos se observa nos arquivos que os estudantes obtinham resultados positivos, onde se observa a legitimação do conhecimento, valores e ideias. Contudo percebemos um declínio nos últimos anos, que representa um desafio a ser pensado sob a perspectiva da gestão escolar.

Diante de tais dificuldades o PPP, fica em questão na medida em que se afeta não somente a iniciativas e praticas dos professores, mas as finalidades mais amplas que se desejam atingir em sala de aula, qual seja a aprendizagem, socialização, acesso à cultura e na formação do cidadão.

É importante destacar que as diretrizes para a efetivação de desempenho escolar se alinham ao PPP (Projeto Político pedagógico), e que as ações reflitam a visão pedagógica da escola. O desempenho escolar tem sido temas mais variadas conversas, em artigos de revistas e jornais, dentro e fora das escolas.

As relações conflituosas, enfrentadas no cotidiano do processo educacional, acabam interferindo no ensino e aprendizagem, no intelectual, interferindo no desempenho escolar.

No decorrer desta pesquisa elaboramos questionários voltados para os atores que compõem a escola: professores, pais, alunos, foi feita

uma tabulação em gráficos com os dados coletados, na qual deparamos com um sistema de ensino que não atende as demandas da sociedade.

Pois estão presentes na escola alunos oriundos de famílias desestruturadas, sem condições de vida adequadas, que vivem isoladas, sem o uso da tecnologia, má alimentação. Não se pode apontar os culpados, o que se observa é que as responsabilidades devem ser divididas.

Percebe-se que os alunos com dificuldades financeiras, desmotivados, nenhuma perspectivas de futuro que vem para a escola e fica a maior parte do tempo isolado, calado, demonstra insegurança nas atividades propostas para a desenvoltura representativa das suas habilidades pessoais e o conhecimento da sua realidade, não articula e não desenvolve atividades para aquisição de conhecimentos, falta ânimo se tornam incapazes e conseqüentemente ocasionam notas baixas.

Este trabalho foi embasados em diversos autores que estudam o desempenho escolar, de forma eficaz, auxiliam os indivíduos a refletir sobre o cotidiano, analisar o que é correto e nessa perspectiva o ser humano tem a capacidade de se transformar, ter postura ética, buscar independência e adquirir conhecimentos para ir e vir na sociedade. Por meio da educação produzimos aprendizagem significantes para toda uma vida.

1.5 Objetivos

1.5.1 Objetivo geral:

Compreender os fatores que prejudicam o desempenho escolar dos alunos do 6º ao 9º Ano do Ensino Fundamental do Colégio Municipal situado no Povoado de Santa Rita no município de Riacho de Santana – Bahia.

1.5.2 Objetivos Específicos:

- Identificar os fatores que prejudicam o desempenho escolar dos alunos dos Anos Finais do Ensino Fundamental;
- Averiguar as condições socioeconômicas dos alunos dos Anos Finais do Ensino Fundamental;
- Analisar o processo de Avaliação adotado pela escola nas referidas turmas.

2. MARCO TEÓRICO

A pesquisa científica exige uma análise do objeto a ser pesquisado por meio de definições. Por mais que uma pesquisa tenha como objetivo principal, a coleta de dados empíricos sempre exige uma análise de cunho teórico, a qual chamamos de marco teórico.

Define-se como uma afirmação teórica, de uma frase importante, produzida por um autor de grande credibilidade, realizadas por muitas investigações, reflexões sobre determinado tema e chegou a explicações e conclusões confiáveis:

Todas as observações do mundo empírico (científicas ou não) são impregnadas – em diferentes graus – de “teorias” (mais, ou menos válidas, conforme o caso). A orientação teórica dada à descrição de um conjunto de fatos objetivos numa pesquisa é sempre, portanto, uma forma de construção da realidade, mas isso não impede que haja construções mais válidas (tanto de um ponto de vista empírico quanto sob o ângulo dos valores), do que outras. O que significa dizer que a pesquisa comporta sempre uma seleção de aspectos da realidade e deformações (aceitáveis, ou não) da mesma, em virtude da finalidade da pesquisa. De igual modo, tais pesquisas trazem nelas um “projeto de sociedade”, que faz parte da discussão. Contudo, o projeto científico de construção do objeto não é necessariamente incompatível com a busca de uma determinada forma e de um certo grau de objetivação ou de precisão na descrição do real. Ele deve “dar conta” do real. (PIRES, 2008, p. 58)

Contém neste capítulo uma revisão atualizada dos principais autores que abordam a temática da pesquisa “Desempenho Escolar”, propiciando uma ampla discussão dos mesmos com as opiniões do autor diante dos variados contextos existentes no desempenho escolar.

2.1 Origem Teórica Epistemológica do Desempenho Escolar

De acordo o dicionário Educalingo de Língua Portuguesa (2018), o termo Desempenho representa “um conjunto de características ou capacidades de comportamento e rendimento de um indivíduo”, sendo

“possível expressar o desempenho ou performance do ente que se pretende avaliar utilizando-se uma métrica, função ou índice de desempenho em relação às metas, requisitos ou expectativas previamente definidos”.

Isto posto, a palavra que lhe corresponde no português tem suas origens no francês antigo: *performance*, de *parformer* — *accomplir* — (fazer, cumprir, conseguir, concluir), podendo significar ainda levar alguma tarefa ou atividade ao seu sucesso.

É formada pelo prefixo latino *per* mais *formáre* (formar, dar forma, estabelecer). Em seu significado mais elementar pode significar iniciar, fazer, executar ou desenvolver uma determinada tarefa.

Nesse sentido, desempenho escolar é o procedimento adotado pela instituição para acompanhar e avaliar o grau de desenvolvimento do aluno, conhecer dificuldades e possibilidades a fim de planejar as ações educacionais necessárias na aquisição de uma aprendizagem significativa para o educando.

Para Boruchovitch (1999) o desempenho escolar compreende o alto nível de produção intelectual, a motivação para aprendizagem, a existência de metas e objetivos acadêmicos definidos, a atenção prolongada e centrada nos temas de seu interesse, além da persistência dos esforços face às dificuldades inesperadas.

Conforme Alves (1992) a aprendizagem sem significados é um fator decisivo na falta de motivação dos estudantes e pode ser bem exemplificada pela fala de Charlie Brown, personagem de histórias em quadrinhos infantis, ao explicar para o seu amiguinho sobre a importância das notas escolares:

Sabe por que temos que tirar boas notas na escola? Para passarmos do primário ao ginásio. Se tivermos boas notas no ginásio, passamos para o colégio, se no colégio tirarmos boas notas passamos para a universidade, e, se nesta tirarmos boas notas conseguimos um bom emprego, e podemos nos casar e ter filhos para mandá-los à escola, onde eles vão estudar um monte de coisas para tirar boas notas e... (ALVES, 1992, p. 02)

Observamos no humor das frases uma difícil realidade. Deparamos com essas situações do cotidiano escolar, sendo uma exigência com os alunos, em tirar boas notas para serem promovidos, sendo que deveria conscientizar os alunos a estudar para a vida e adquirir conhecimentos para ser cidadãos críticos, conscientes e participativos.

O conceito de Educação Básica é concebido não somente como uma finalidade em si mesma, mas, conforme consta no art. 1º da Declaração Mundial sobre Educação para Todos, como “a base para a aprendizagem e o desenvolvimento humano permanentes, sobre a qual os países podem construir, sistematicamente, níveis e tipos mais adiantados de educação e capacitação” (BRASIL, 1990, p. 6-7).

Do mesmo documento, a seguinte formulação expressa adequadamente o novo sentido atribuído aos processos formais mediante os quais as necessidades básicas de aprendizagem do ser humano devem ser supridas:

Cada pessoa – criança, jovem ou adulto – deve estar em condições de aproveitar as oportunidades educativas voltadas para satisfazer suas necessidades básicas de aprendizagem. Essas necessidades compreendem tanto os instrumentos essenciais para a aprendizagem (como a leitura e a escrita, a expressão oral, o cálculo, a solução de problemas), quanto os conteúdos básicos da aprendizagem (como conhecimentos, habilidades, valores e atitudes), necessários para que os seres humanos possam sobreviver, desenvolver plenamente suas potencialidades, viver e trabalhar com dignidade, participar plenamente do desenvolvimento, melhorar a qualidade de vida, tomar decisões fundamentadas e continuar aprendendo. (Declaração Mundial sobre Educação para Todos - Jomtien-1990, ARTIGO I).

Mesmo aqueles que comparecem à escola de maneira infrequente, não prestam atenção nas aulas, conversam, atrapalham, não faz as atividades propostas pelos professores, tem os mesmos direitos de serem assistidos com acompanhamento e ensino de qualidade, pois esses alunos tem os mesmos desejos e anseios de terem boas notas e de ser alguém na vida, apesar da falta de esforço e dedicação.

Durante séculos, a aprendizagem foi entendida como algo tão natural que não causava surpresa, mas hoje nos perguntamos: Que

importância tem o conhecimento? Por que aprendemos? O que aprendemos? Em que condições aprendemos? Como aprendemos?

A aprendizagem é um processo individual, ativo e social. É individual, pois significa desenvolver uma representação pessoal e única da realidade. Ativa, pois para aprender necessita-se de motivação, de uma tomada de decisão, de estabelecer deduções, relações, vínculos para articular conhecimentos, experiências já vividas em relação ao novo conteúdo, objeto de aprendizagem. É também social, decorrente da cultura em que estamos inseridos, ou seja, aprendemos o que é demanda social. (Pozo, 2002, pg. 24)

Ora aqueles de bons rendimentos têm na maioria das vezes uma família estruturada, sobressaem sobre os demais, pois são acompanhados do uso da informática, possuem um celular conectado com o mundo da internet, se alimentam bem, tem tudo aquilo que faz ficarem motivados, tem perspectivas de futuro.

Percebe-se que os alunos com dificuldades financeiras, desmotivados, nenhuma perspectivas de futuro que vem para a escola e fica a maior parte do tempo isolado, calado, demonstra insegurança nas atividades propostas para a desenvoltura representativa das suas habilidades pessoais e o conhecimento da sua realidade, não articula e não desenvolve atividades para aquisição de conhecimentos, falta ânimo se tornam incapazes e conseqüentemente ocasionam notas baixas.

O fracasso escolar pode ser entendido como a não aprendizagem, a não compreensão de alguns conceitos, habilidades, valores, resultando em notas baixas, reprovação em massa, aumento do índice de abandono escolar, é um assunto muito debatido nas rodas de conversa e seminários, porém, estudos mostram que esse fenômeno não é um problema que surgiu recente, tem raízes muito mais longínquas.

2.2 Compreensão do Marco Epistemológico

Conforme Gadotti (1994) “as classes trabalhadoras nascentes não tinham senão a educação oral, transmitida de pai para filho: só herdavam a cultura da luta pela sobrevivência...” (GADOTTI, 1994, p.55).

Diante das dificuldades financeiras de hoje, muitos alunos são colocados fora da escola por não conseguirem estudar porque precisam trabalhar, precisa levar o sustento para os seus descendentes, precisa se vestir conforme afirma Garrido (1995): “os alunos que não permanecem na escola são aqueles que precisam trabalhar para ajudar no sustento da família...” (GARRIDO, 1995, p.120). Como diz Emília Ferreiro: “em algum momento da história faz falta uma revolução conceitual. Acreditamos ter chegado o momento de fazê-la a respeito da alfabetização”. (WEISS, 1996, p. 25)

Sabemos que a educação acontece em outras instâncias desse organismo vivo denominado sociedade, como na família, nos grupos de amigos, nos clubes, nas associações, nas instituições religiosas, através dos meios de comunicação, contudo a escola é um dos órgãos principais, para a manutenção da vida.

Ela permite pensar, refletir, discutir, fortalecer ou denunciar ideias, ideologias, senso comum, posições vigentes existentes nas estruturas comunitárias, formando um campo fértil de sínteses e reformulações.

Isso só será viável quando a instituição educacional estabelece metas e cria estratégias que possam melhorar a qualidade do processo de ensino e conseqüentemente fortalecendo as condições de aprendizagem.

Entendemos que a educação já passou por uma série de modificações quantitativamente positivas, mas carece de melhoramentos qualitativos para que o crescimento seja constante. A evasão, o abandono, a repetência, a apatia, o desinteresse, o estresse, o iletramento, a falta de assimilação de conhecimentos básicos revela as

dificuldades existenciais no interior do sistema escolar culminando com o fracasso constante.

Segundo Weiss (1997) entende-se como fracasso escolar uma resposta insuficiente do aluno a uma exigência ou demanda da escola. De acordo com a autora, esse fenômeno está relacionado com aspectos comuns que podem ser analisados conjuntamente – aspectos orgânicos, aspectos cognitivos, aspectos emocionais, aspectos sociais e aspectos pedagógicos.

Quando falamos em melhorar a qualidade da educação logo pensamos nas reformulações das estruturas culturais, sociais e políticas, o que verazmente tornaria exequível qualquer proposta neste aspecto.

Mas em contrapartida, não é possível equilibrar o ensino se não houver um repensar lógico e seguro, sem exaltação dos sentimentos pessoais sobre a essência do educador e de sua relação com os alunos, com os pais, com o livro didático, com as atividades, com as avaliações.

Se escuta alguns dizendo que “faço isso porque só sei fazer isso”, não podemos contentar com o que temos com o que sabemos, principalmente quando se trata de conhecimento.

Um campo de conhecimento que permanece imóvel estagnado acaba por ficar muito parecido com uma poça de água parada por muito tempo. O que acontece com a água parada? Ela apodrece, ela se torna imprestável para o consumo humano e animal, ela passa a ser um ambiente perfeito para a proliferação de vírus, bactérias e outros elementos causadores de doenças e problemas. (BAGNO, 2002, pg. 74)

A principal função da escola é ensinar a não apenas ler livros, mas ler o mundo em seus diferentes aspectos – interpretação de textos, símbolos e situações, motivar e preparar indivíduo para o exercício da cidadania, execução de pesquisas e desenvolvimento profissional. Precisa também auxiliar o indivíduo a pensar, comunicar, interpretar, descobrir as coisas, a se relacionar com as outras instâncias da comunidade.

A educação escolar deve constituir-se em uma ajuda intencional, sistemática, planejada e continuada para crianças, adolescentes, e jovens durante um período contínuo e extensivo de tempo, diferindo de processos educativos que ocorrem em outras instâncias como a família, no trabalho, na mídia, no lazer e nos demais espaços de construção de conhecimentos e valores para o convívio social. (BRASIL, 1998, p. 42)

A função social da escola é atender todos os indivíduos da maneira mais eficaz e eficiente possível, portanto os seus conteúdos devem ser flexíveis e significativos. Esses conteúdos devem auxiliar os jovens que planejam ir para a cidade, fazer um vestibular, cursar uma faculdade, adquirir um emprego.

Mas devem auxiliar igualmente aqueles que por algum motivo justo desejam permanecer residindo nos lugares áridos e íngremes onde nasceram seus pais e precisam produzir com qualidade o seu milho, feijão, batata, alface e viver com dignidade tendo acesso ao rádio, a televisão, ao telefone, aos mesmos bens tecnológicos que qualquer outro.

A escola é um importante meio educativo quando tem finalidades autênticas no intuito de conduzir o ensino rumo ao progresso alavancando cada vez mais os resultados da aprendizagem. Para isso, vamos sintetizar dois fatores importantes que vamos pontuar e veremos diversas vezes no decorrer dessa discussão.

O primeiro fator é que o educador nos dias atuais não pode ser um mero transmissor de informações. E para isso necessita ser um constante leitor e pesquisador, um “cientista” competente e convicto que, embora cheio de dúvidas como qualquer cidadão, pode muito fazer pelo ensino e pela educação.

Hoje não é possível ministrar aulas de forma colaborativa se não conhecemos os resultados das constantes pesquisas sobre o homem como ser biológico, cultural e social. Içami Tiba (2005, p. 201) diz que “Conhecimento são ferramentas plásticas de multiuso, que pode ir sofrendo adaptação, modificação e transformação à medida que estas forem necessárias.”

Se não tivermos uma visão interacionista a respeito do ser humano ficaremos no caminho sem chegar ao ponto crucial de chegada que é a formação da criança e do jovem.

O segundo fator é que a escola pode ser um ambiente agradável onde crianças e jovens possam aprender com satisfação.

A aprendizagem na maior parte das vezes, na educação sistemática, é uma entidade penosa, que reúne a necessidade de paciência e submissão. Com a ideia popular de que sem sacrifício nada se alcança, procura-se convencer a criança, o jovem e até o adulto, de que a escola é um mal necessário, uma espécie de estágio probatório para a vida rotineira e desgastante. (CUNHA, 1995, p. 241)

Motivação da aprendizagem é um dos fatores mais questionados nas conversações didáticas atuais. Não se pode excluir das outras questões reais e importantes no processo de ensino-aprendizagem como o ensino para a autonomia, o currículo para o desenvolvimento de competências, as finalidades para permanência do aluno na escola.

A escola é um local frenético e deslumbrante, não se pode permitir que seja um ambiente torturante tendo simplesmente o intervalo e as aulas de educação físicas como momentos de distração.

A apatia, o desinteresse, o estresse, a inadaptação e a indisciplina, que causam desgaste, tanto em educadores como em educandos, podem ser atenuados quando as aulas são bem planejadas. Materiais simples e disponíveis na própria escola, assim como projetos interdisciplinares podem produzir entusiasmo, satisfação.

A escola é um ambiente real onde crianças, jovens e adultos produzem aprendizados significantes para toda sua vida. Ela propõe auxiliar os indivíduos que residem nas grandes metrópoles, nas favelas e no campo a crescer e se desenvolver com consciência crítica.

Segundo Rudio (1999, p. 91), o principal objetivo da educação é, como se sabe, ajudar o indivíduo a tornar a pessoa que ele pode ser, tornar um cidadão autônomo, competente e feliz, mais completo do que os 40 milhões de outros seres.

2.3 Fatores determinantes no desempenho escolar

Os fatores que interferem no desempenho escolar reconhecem o impacto da origem socioeconômica no desempenho educacional do indivíduo e enxerga nessa relação um caminho provável para a reprodução de desigualdades sociais. Entretanto, o sistema de ensino não é encarado como mero instrumento de endosso dessas determinações.

Ao contrário, há um intenso debate sobre a atuação dos fatores escolares no desempenho do aluno, assim como o espaço reservado às políticas educacionais na democratização das oportunidades provenientes de uma formação educacional de qualidade. Ao analisar a estratificação social em países em desenvolvimento.

As diferenças de desempenho educacional entre os indivíduos podem ser explicadas pela interação entre os chamados fatores de oferta e de demanda. Fatores de oferta são as oportunidades educacionais disponíveis, enquanto os fatores de demanda dizem respeito às decisões familiares quanto à educação, processo diretamente ligado às características socioeconômicas e estruturais da família. (BUCHMANN e HANNUM, 2001, p.77-102)

Nos últimos anos, o papel da educação sobre o crescimento econômico e a sua função social tem ganhado bastante espaço nos debates políticos e acadêmicos. Sabe-se que uma população mais educada se apresenta com maior produtividade e isto se revela em maior crescimento do produto de um país.

Segundo Franco e Menezes Filho (2008) um dos efeitos da educação é observado no papel social em que esta possui, no sentido de que os países em que a população é instruída apresentam menores taxas de criminalidade, reduzem problemas de saúde, relacionados às questões básicas de informação e ainda esta sociedade apresenta uma maior consciência política e exerce melhor os seus direitos de cidadania.

O fracasso escolar é um assunto muito comentado ultimamente, porém, estudos mostram que esse fenômeno tem raízes muito mais

longínquas. “As classes trabalhadoras nascentes não tinham senão a educação oral, transmitida de pai para filho: só herdavam a cultura da luta pela sobrevivência”. (GADOTTI, 1994, p.55)

Este trecho demonstra que o fracasso escolar não diz respeito somente à questão da evasão escolar ou seletividade, mas também a não possibilidade de se estudar, à dificuldade de se conseguir educação. Hoje, muitos alunos são colocados fora da escola por não conseguirem estudar, alunos que não permanecem na escola porque precisam trabalhar para ajudar no sustento da família.

Conforme Arroyo (1997), na maioria das causas da evasão escolar, a escola tem a responsabilidade de apontar a dinâmica disfuncional da família, o professor e o aluno não têm responsabilidade para aprender, tornando-se um jogo de empurra.

Sabe-se que a escola atual precisa estar preparada para receber e formar estes jovens e adultos que são frutos dessa sociedade injusta e, para isso é preciso professores dinâmicos, responsáveis, criativos, que sejam capazes de inovar e transformar sua sala de aula em um lugar atrativo e estimulador

Sabemos que a educação acontece em outras instâncias desse organismo vivo denominado de sociedade, na família, nos grupos de amigos, nos clubes, nas associações, nas denominações religiosas, nos meios de comunicação de massa. Porém a escola é um dos órgãos essenciais, assim como outros, para a constituição estrutural desse organismo vivo.

Ela pode pensar refletir, discutir, fortalecer ou denunciar ideias, ideologias, senso comum, posições vigentes existentes nas estruturas comunitárias formando um campo fértil de sínteses e reformulações. Isso só será viável quando a instituição educacional estabelece metas e cria estratégias que possa melhorar a qualidade do processo de ensino e consequentemente fortalecendo as condições de aprendizagem.

Segundo Soares (2006), reconhece-se na literatura educacional que os fatores que determinam o desempenho cognitivo do aluno

pertencem a três grandes categorias: a estrutura escolar, a família e as características do próprio aluno.

Estudos que investiguem tais fatores são importantes para a compreensão da dinâmica e dos determinantes do processo educacional, e contribuem para a formulação de políticas educacionais baseadas em evidências.

No entanto, no Brasil, a maioria desses estudos tem centrado suas análises apenas no impacto dos fatores familiares, nos resultados educacionais, relegando a segundo plano as questões de oferta da educação, em termos de infraestrutura e recursos pedagógicos (RIANI e RIOS-NETO, 2008).

2.4 Infraestruturas no desempenho escolar

A infraestrutura e os recursos pedagógicos dizem respeito aos materiais físicos e didáticos disponíveis nas escolas, incluindo os prédios, as salas, os equipamentos, os livros didáticos, dentre outros.

Esses fatores são componentes fundamentais no âmbito escolar, pois o funcionamento da escola e o bom desempenho dos alunos dependem também dos recursos disponíveis.

Segundo Libâneo (2008), espera-se que as construções, os mobiliários e o material didático sejam adequados e suficientes para assegurar o desenvolvimento do trabalho pedagógico e favorecer a aprendizagem.

No entanto, Heynemen e Loxley (1983) destacam em seu estudo, a partir de uma amostra de 29 países da África, Ásia, América Latina e Oriente Médio, que o efeito da escola e dos professores no rendimento dos alunos é mais significativo em países em desenvolvimento que em países desenvolvidos.

Assim, nos países em desenvolvimento, como é o caso do Brasil, os insumos escolares são significativos em razão da grande variabilidade nos recursos disponíveis nas escolas.

Os grandes responsáveis pelos gastos em educação básica são os estados e municípios; enquanto o governo federal exerce uma função supletiva, com baixa aplicação de recursos na educação básica. (CASTRO, 2007 p. 857-876)

Com isso, há que se considerar que as distribuições de recursos e investimentos por cada esfera ocorrerão segundo as condições econômicas de cada estado e município, o que implica igualmente em condições educacionais diferenciadas a nível local.

Quando falamos em melhorar a qualidade da educação logo pensamos nas reformulações das estruturas físicas das escolas, mas é necessário termos uma boa estrutura cultural, social e política o que verazmente tornaria exequível qualquer proposta neste aspecto.

Nos últimos anos, os estudos nacionais sobre os determinantes da educação destacam a estreita associação entre infraestrutura e aprendizagem.

Franco e Bonamino (2005) apontam que é inegável a relevância dos recursos escolares para a aprendizagem do aluno porque no Brasil ainda há uma grande variabilidade nos recursos escolares disponíveis nas escolas, o que não ocorre nos países desenvolvidos.

Para Beltrame et al. (2009) quanto melhor forem as condições de conforto térmico nos ambientes de uma edificação, melhor será o desempenho de quem os ocupa e o aproveitamento didático dos alunos em sala de aula, por isso tornam-se necessárias a análise e avaliação do ambiente.

No que concerne à escola, Forneiro (2008) nos afirma que o ambiente é estruturado em quatro dimensões bem definidas, mas relacionadas entre si: a dimensão física, que se refere ao aspecto material do ambiente; a dimensão funcional, que se relaciona com a forma de utilização do espaço; dimensão temporal, que reporta à organização do tempo e a dimensão relacional, que se refere às diferentes relações que se estabelecem dentro da sala de aula.

Mas em contrapartida não é possível equilibrar o ensino se não houver um repensar lógico e seguro sem “lirismo” sobre a essência do

educador e de sua relação com os alunos, com os pais, com o livro didático, com as atividades, com as provas. Talvez um professor tenha razão ao dizer “faço isso porque só sei fazer isso”, porém não podemos contentar com o que temos com o que sabemos, principalmente quando se trata de conhecimento.

Elali (2003) afirma que as condições do ambiente, tais como a acústica da sala, a ventilação, temperatura e luminosidade, podem interferir, não somente no desempenho do aluno, mas também na saúde dos mesmos. Ao se considerar que o conforto térmico e o meio ambiente interferem no aproveitamento didático dos alunos em sala de aula, torna-se importante fazer a avaliação do ambiente construído, com objetivo de melhorar a qualidade do ambiente ocupado pelos alunos.

A principal função da escola é ensinar a ler – ler livros e o mundo nos seus diferentes aspectos – compreender textos, símbolos e situações, motivar e preparar indivíduo para o exercício da cidadania, execução de pesquisas e desenvolvimento profissional. Precisa também auxiliar o indivíduo a pensar, comunicar, interpretar, descobrir as coisas, e se relacionar com as outras instâncias da comunidade.

2.5 Importância da avaliação no desempenho escolar

Para Kraemer (2006), avaliação vem do latim, e significa valor ou mérito ao objeto em pesquisa, junção do ato de avaliar ao de medir os conhecimentos adquiridos pelo indivíduo. É um instrumento valioso e indispensável no sistema escolar, podendo descrever os conhecimentos, atitudes ou aptidões que os alunos apropriaram. Sendo assim a avaliação revela os objetivos de ensino já atingidos num determinado ponto de percurso e também as dificuldades no processo de ensino aprendizagem.

Esses casos atestam a possibilidade efetiva de desenvolvimento de pesquisas de vários tipos, até da mais rigorosa pesquisa acadêmica, mesmo nas nossas escolas. É verdade que elas não representam a situação comum das escolas da rede pública no país, como já ficou dito. Mas, guardadas as devidas distâncias, creio que podemos, a partir

de seu estudo, discutir um pouco o estado atual da questão do professor-pesquisador e seu saber, tal como vem sendo apresentada por alguns dos seus estudiosos. (LUCKESI, 2001, p.14)

Percebe-se que o ato de avaliar é amplo e não se restringe ao único objetivo, vai além da medida, posicionando-se favorável ou desfavorável à ação avaliada, propiciando uma tomada de decisão.

Sob a ótica de Sant'Anna (1998) avaliação é:

um processo pelo qual se procura identificar, aferir, investigar e analisar as modificações do comportamento e rendimento do aluno, do educador, do sistema, confirmando se a construção do conhecimento se processou, seja este teórico (mental) ou prático. (SANT'ANNA, 1998, p.29-30)

A concepção de avaliação dos PCNs – Parâmetros Curriculares Nacionais (1997) vai além da visão tradicional, que focaliza o controle externo do aluno mediante notas ou conceitos, para ser compreendida como parte integrante e intrínseca ao processo educacional.

A avaliação, não se restringe ao julgamento sobre sucessos ou fracassos do aluno, é compreendida como um conjunto de atuações que tem a função de alimentar, sustentar e orientar a intervenção pedagógica. Acontece contínua e sistematicamente por meio da interpretação qualitativa do conhecimento construído pelo aluno.

Segundo os Pcns (1997), avaliar significa

“emitir em juízo de valor sobre a realidade que se questiona, seja proposito das exigências de uma ação que se projetou realizar sobre ela, seja a propósito de suas consequências”. (PCNS, 1997, p. 86)

Sabemos que a avaliação não acontece de qualquer maneira num vazio conceitual, mas enfocada por um modelo de mundo e de educação que visa o alcance de resultados cada vez mais aceitável. O verdadeiro papel da avaliação é o de auxiliar na construção da aprendizagem pela superação do antidemocrático, no estabelecimento da autonomia do educando, na transformação da sociedade a favor do ser humano.

Somente assumindo o papel de diagnóstica, a avaliação se constituirá num momento retórico no processo de aprendizagem do aluno, para que isso realmente ocorra, é necessário que o educador planeje sua prática pedagógica, compreendendo o estágio em que cada um dos seus alunos se encontram, para que possa trabalhar com eles, fazendo - os avançar no que se refere aos conhecimentos necessários.

A respeito de uma aprendizagem significativa, os Pcn's (1997) colocam que é

necessária à disponibilidade para o envolvimento do aluno na aprendizagem, o empenho em estabelecer relações entre o que já sabe e o que está aprendendo. Essa aprendizagem exige uma ousadia para se colocar problemas, buscar soluções, e experimentar novos caminhos, de maneira diferente da aprendizagem mecânica, no qual o aluno limita seu esforço apenas em memorizar ou estabelecer relações diretas e superficiais. (PCNs, 1997, p.99)

A citação acima abre o entendimento possibilitando uma reflexão sobre o papel do professor no processo de ensino - aprendizagem, buscando uma conciliação entre o que o aluno já sabe e o que ele está aprendendo.

A realidade da maioria das escolas da sociedade brasileira se torna um trabalho complicado, pois, encontra alunos com disparidades de conhecimentos, com realidades diferentes e professores com dificuldades de compreensão para atender as demandas da sala de aula.

Luckesi (2003) nos alerta sobre o perigo de continuar exercendo o mesmo tipo de avaliação que era exercida nas décadas passadas, que levava em consideração a promoção em vez da verdadeira aprendizagem.

Pais, sistema de ensino, profissionais da educação, professores e alunos, todos têm suas atenções centradas na promoção, ou não, do estudante de uma série de escolaridade para outra. O sistema de ensino está interessado nos percentuais de aprovação/reprovação do total dos educandos; os pais estão desejosos de que seus filhos avancem nas séries de escolaridade; os professores se utilizam permanentemente dos procedimentos de avaliação como elementos motivadores dos estudantes, por meio da ameaça; os estudantes estão

sempre na expectativa de virem a ser aprovados ou reprovados e, para isso, servem-se dos mais variados expedientes. O nosso exercício pedagógico escolar é atravessado mais por uma pedagogia do exame que por uma pedagogia do ensino/aprendizagem. (LUCKESI, 2003, p. 18)

De alguma maneira, sempre atrelamos os resultados às notas, necessárias no processo avaliativo, uma vez que os educadores não dispõem de concepção e tempo para fazerem uma avaliação mais precisa, através de meios mais eficazes e de observações e, além de uma série de fatores que prejudicam a avaliação diagnóstica, como as salas de aulas lotadas e alunos com diferenças alarmantes de nível de aprendizagem.

Dentro dos objetivos da educação, e principalmente na perspectiva de inclusão social, não há como deixar de refletir sobre a atual avaliação predominante nas escolas, uma vez que ela é fundamental no processo de ensino-aprendizagem e na tomada de decisões, com o objetivo de melhorar a qualidade do ensino e da aprendizagem. Exatamente o que é expresso no Art. 9º, Inciso VI da LDB 9394/96 sobre as incumbências da União:

Assegurar o processo nacional de avaliação do rendimento escolar no ensino fundamental, médio e superior, em colaboração com os sistemas de ensino, objetivando a definição de prioridades e a melhoria da qualidade de ensino. (BRASIL, 2002, p. 10).

O papel da avaliação, como mediadora do processo de ensino-aprendizagem dos alunos, possibilita uma reflexão embasada nos dados obtidos por meio desse processo. Caso o professor perceba que sua prática não está favorecendo a todos, ele poderá refletir e adaptar uma prática mais acessível e igualitária.

De acordo com Luckesi (2003), a avaliação que se pratica na escola é a avaliação da culpa. Aponta, ainda, que as notas são usadas para fundamentar necessidades de classificação de alunos, onde são comparados desempenhos e não objetivos que se deseja atingir.

A função social da escola é atender todos os indivíduos da maneira mais eficaz, portanto os seus conteúdos devem ser flexíveis e

significativos. Estes conteúdos devem auxiliar os jovens que planejam ir para a cidade, fazer um vestibular, cursar uma faculdade, adquirir um emprego.

Mas devem auxiliar igualmente aqueles que por algum motivo justo desejam permanecer residindo nos lugares áridos e íngremes, onde nasceram seus pais e precisam produzir com qualidade o seu milho, feijão, batata, alface e viver com dignidade tendo acesso ao rádio, a televisão, ao telefone, aos mesmos bens tecnológicos que qualquer outro.

2.6 Tipos de Avaliação

De acordo com Sant'Anna (2013) avaliação é o processo pelo qual se comprovam as modificações do comportamento e rendimento tanto do educando, quanto do professor e do sistema, buscando confirmar se a construção do conhecimento de fato se processou.

Enfatiza ainda que avaliação da aprendizagem, como processo de conscientização da ação educativa, adquiriu diferentes funções de acordo com o contexto histórico, o modelo de sociedade e o tipo de educação adotada, razão pela qual compreende a forma como vem sendo concebido o ato de avaliar incorporado ao sistema educacional brasileiro faz-se necessário uma viagem histórica.

Nessa perspectiva Luckesi (2003) enfatiza que a

A tradição dos exames escolares, que conhecemos hoje, em nossas escolas, foi sistematizada nos séculos XVI e XVII, com as configurações da atividade pedagógica produzidas pelos padres jesuítas (séc. XVI) e pelo Bispo John Amós Comênio (fim do séc. XVI e primeira metade do século XVII). (Luckesi, 2003, p. 16)

Todas as atividades avaliativas, queiram ou não, servem para medir o grau de desenvolvimento intelectual, social e moral dos alunos. O objetivo do processo de ensino e da educação é que todas as crianças desenvolvam suas capacidades físicas e intelectuais, seu pensamento independente e criativo, tendo em vista atividades teóricas e práticas.

Para Méndez

(...) a avaliação torna-se importante no momento da informação prática aos professores sobre a qualidade das aprendizagens que os alunos estão realizando. Ao mesmo tempo, oferece uma boa oportunidade para melhorar tanto o processo de aprendizagem (...) quanto às ações futuras de ensino mediante a reflexão, a autocrítica e a autocorreção a partir da prática escolar. (MÉNDEZ, 2002, p. 74)

A avaliação deve favorecer o desenvolvimento de todas as crianças, levando-se em conta que todas são diferentes, tanto no nível socioeconômico, como nas características individuais. A avaliação possibilita o autoconhecimento de cada um, da sua posição em relação à classe, estabelecendo uma base para atividades de ensino-aprendizagem. Avaliar não se restringe somente a fazer provas e aplicar trabalhos.

Desde o momento que entra na sala de aula, o professor já faz uma avaliação ao olhar para os alunos, avalia a roupa que eles estão vestindo, o tipo que está o cabelo, a forma que se comunica com os colegas, etc. Também ao conversar com o aluno, o professor o avalia, nos seus gestos, na sua maneira de se comportar e pensar.

A avaliação não acontece em um só momento, ela acontece o tempo todo. Como ressalta Quintana (2003, p. 163), “[...] temos que ver a avaliação como um aspecto integral do processo de ensino-aprendizagem e como parte essencial das tarefas que o docente executa em aula”.

Podemos classificar a Avaliação como sendo de três tipos: a diagnóstica, a formativa e a somativa. A seguir descrevemos cada uma delas.

2.6.1 Avaliação Diagnóstica

A avaliação diagnóstica é aquela que acontece geralmente no começo do ano letivo, antes do planejamento, onde o professor verifica os conhecimentos prévios dos alunos, o que eles sabem e o que não sabem sobre os conteúdos, não tem a finalidade de atribuir nota.

De acordo com Jorba e Sanmartí (2003), a avaliação diagnóstica, também chamada de avaliação inicial, “[...] tem como principal objetivo determinar a situação de cada aluno antes de iniciar um determinado processo de ensino-aprendizagem, para poder adaptá-lo a suas necessidades”. (Jorba e Sanmartí, 2003, p. 27)

Para Luckesi (2000, p. 09), “[...] para avaliar, o primeiro ato básico é o de diagnosticar, que implica, como seu primeiro passo, coletar dados relevantes, que configurem o estado de aprendizagem do educando ou dos educandos”.

Dessa forma:

A avaliação diagnóstica é aquela realizada no início de um curso, período letivo ou unidade de ensino, com a intenção de constatar se os alunos apresentam ou não o domínio dos pré-requisitos necessários, isto é, se possuem os conhecimentos e habilidades imprescindíveis para as novas aprendizagens. É também utilizada para caracterizar eventuais problemas de aprendizagem e identificar suas possíveis causas, numa tentativa de saná-los. (HAYDT, 1988, p. 16-17)

A avaliação diagnóstica permite a captação de progressos e dificuldades do aluno, visando através dos mesmos, uma modificação no processo de ensino que possibilite concretizar seus objetivos. Ela permite o alcance de propósitos como: verificar se o aluno estabelece ou não determinados conhecimentos ou habilidades que são necessários para aprender algo novo, identificar, discriminar, compreender, caracterizar as causas determinantes das dificuldades de aprendizagem, ou essas próprias dificuldades.

Nessa ótica Sant’anna (1998) diz que:

O diagnóstico se constitui por uma sondagem, projeção e retrospectiva da situação de desenvolvimento do aluno, dando-lhe elementos para verificar o que aprendeu e como aprendeu. É uma etapa do processo educacional que tem por objetivo verificar em que medidas os conhecimentos anteriores ocorreram e o que se faz necessário planejar para selecionar as dificuldades encontradas. (SANT’ANNA, 1998, p.33)

É muito importante a realização de um diagnóstico no início do ano letivo, fazendo com que o professor receba dados sobre o nível de conhecimento do aluno, e através destes o professor poderá planejar melhor sua prática, priorizando os conteúdos mais deficitários.

Esse tipo de avaliação funciona como um diagnóstico da realidade que se pretende examinar, fornecendo uma informação prévia acerca dos aspectos enfocados.

Machado (1995, p. 33) observa que

“A avaliação diagnóstica possibilita ao educador e educando detectarem, ao longo do processo de aprendizagem, suas falhas, desvios, suas dificuldades, a tempo de redirecionarem os meios, os recursos, as estratégias e procedimentos na direção desejada”. (MACHADO, 1995, p. 33)

A avaliação diagnóstica também tem a função de ajustar os conhecimentos dos educandos em relação aos programas de ensino, ou vice-versa. O professor pode detectar que está ensinando com base num programa muito fácil para o nível de determinados alunos e alterar o programa ou, da mesma forma, perceber as dificuldades dos estudantes em relação a um programa e ajudá-los a compreender melhor o que está sendo ensinado. (HADJI, 2001, p. 19)

Um médico não se preocupa em classificar seus pacientes, dos menos doentes até os terminais. Tampouco destina a eles o mesmo tratamento. Ao contrário, dedica-se a encontrar para cada doente o tratamento adequado e, por isso, utiliza-se do diagnóstico para conhecer cada um deles. Porém, o diagnóstico sozinho não tem utilidade alguma. É verdadeiramente inútil se depois dele não vier uma ação apropriada. Com a avaliação também é assim: o diagnóstico é importante, mas de nada adianta se a ele não se sucederem ações concretas. (PERRENOUD, 2008, p. 15)

É importante observar e saber que não é o diagnóstico em si que faz a diferença (embora ele seja muito importante), para se analisar o grau de conhecimento de cada estudante, mas sim a ação que se desenvolve depois de formulado o diagnóstico para direcionar o trabalho de forma eficiente e organizada para ter a qualidade no processo de ensino e aprendizagem.

Na visão de Haydt, um dos propósitos da avaliação com função diagnóstica é “informar o professor sobre o nível de conhecimento e habilidades de seus alunos, antes de iniciar o processo ensino-aprendizagem, para determinar o quanto progrediram depois de um certo tempo”. (Haydt, 1988, p. 20)

Diante disso:

Uma avaliação diagnóstica ou inicial faz um prognóstico sobre as capacidades de um determinado aluno em relação a um novo conteúdo a ser abordado. Trata-se de identificar algumas características de um aluno, objetivando escolher algumas sequências de trabalho mais bem adaptadas a tais características. Tenta-se identificar um perfil dos sujeitos, antes de iniciar qualquer trabalho de ensino, sem o que, com certeza, estaria comprometido todo o trabalho futuro do professor. O diagnóstico é o momento de situar aptidões iniciais, necessidades, interesses de um indivíduo, de verificar pré-requisitos. É antes de tudo, momento de detectar dificuldades dos alunos para que o professor possa melhor conceber estratégias de ação para solucioná-las. (RABELO, 1998, p. 72)

Ao iniciar o período letivo, é recomendado que o professor faça uma avaliação diagnóstica da sua classe, para verificar o que os alunos aprenderam nos anos anteriores, quais os conhecimentos prévios que eles estão levando para aquela série. Sabemos que é frequente o nível de conhecimento variar de aluno para aluno de uma mesma série, por ser alunos de culturas diferentes, capacidade maior de assimilação do que lhe é proposto.

Por meio da avaliação diagnóstica, o professor analisa os conhecimentos já alcançados pelos alunos, suas experiências pessoais, seus raciocínios e estratégias espontâneas, suas atitudes adquiridas em relação à aprendizagem, para em seguida adequar seu conteúdo às necessidades e dificuldades dos alunos e para que estes se conscientizem de seu ponto de partida.

Segundo Luckesi (2002, p. 82), “[...] se o conhecimento ou habilidade é importante e o aluno não o adquiriu, há que trabalhar para que adquira [...]”.

Dessa forma:

A avaliação diagnóstica servirá de ajuda ao processo de ensino aprendizagem: fornecerá aos professores elementos que permitem identificar os conhecimentos prévios dos alunos, bem como os pontos críticos para que se avance na construção do conhecimento, tendo em vista um projeto de escola não-excludente. (CANEN, 1999, p. 15-16)

Na análise de avaliação diagnóstica é necessário um diálogo constante entre os que serão os avaliadores e os avaliados, para alavancar a construção do conhecimento e o crescimento intelectual de alunos e professores.

Para isso, diversos instrumentos podem ser utilizados nesse tipo de avaliação, de acordo com a criatividade dos professores e os recursos disponíveis em sua realidade, tais como: provas, testes, portfólio, questionários, roteiros de observação e de entrevista com alunos e pais de alunos.

De acordo com Luckesi (2003), para que a avaliação diagnóstica seja possível, é preciso compreendê-la e realizá-la comprometida com uma concepção pedagógica. No caso, considerarmos que ela deva estar comprometida com uma proposta pedagógica histórico-crítica, uma vez que esta concepção está preocupada com a perspectiva de que o educando deverá apropriar-se criticamente de conhecimentos e habilidades necessárias à sua realização como sujeito crítico dentro desta sociedade que se caracteriza pelo modo capitalista de produção.

A avaliação diagnóstica não se propõe e nem existe uma forma solta isolada. É condição de sua existência e articulação com uma concepção pedagógica progressista. (Luckesi 2003, p.82)

Mas o que se observa que a grande maioria dos professores utiliza apenas como meio de avaliação as provas escritas e testes surpresas como um meio de acerto de contas para aqueles alunos que deram trabalhos durante o semestre letivo.

2.6.2 Avaliação Formativa

Segundo Haydt (1998) a avaliação formativa, exerce a função de controle e é realizada durante todo o decorrer do período letivo, com o intuito de verificar se os alunos estão atingindo os objetivos previstos, isto é, quais os resultados alcançados durante o desenvolvimento das atividades. [...]. É principalmente através da avaliação formativa que o aluno conhece seus erros e acertos e encontra estímulo para um estudo sistemático. (HAYDT, 1988, p. 17-18)

Essa modalidade de avaliação busca identificar as principais insuficiências de aprendizagens iniciais necessárias à realização de outras aprendizagens. Nesse sentido, é formativa no instante em que indica como os alunos estão se comportando em relação aos objetivos propostos.

A avaliação formativa buscaria, além disso, compreender o funcionamento cognitivo do aluno em face da tarefa proposta. Os dados de interesse prioritário são os que dizem respeito às representações das tarefas explicitadas pelo aluno e as estratégias ou processos que ele utiliza para chegar a certos resultados. Os “erros” constituem objeto de estudo particular, visto que são reveladores da natureza das representações ou das estratégias elaboradas por ele. A finalidade da recuperação pedagógica será ajudar o aluno a descobrir aspectos pertinentes da tarefa e comprometer-se na construção de uma estratégia mais adequada. (SOUZA, 1998, p.67)

A avaliação formativa é contínua e visa a uma regulação interativa, ou seja, todas as relações entre professor e aluno são avaliações que possibilitam adaptações na prática cotidiana visando à melhor aprendizagem do aluno.

Conforme Bloom; Hastings e Madaus (1983),

na avaliação formativa é necessário “[...] tentar investigar os tipos de evidências mais úteis ao processo, procurar o melhor método de relatar essas evidências, e encontrar formas de reduzir os efeitos negativos associados à avaliação. (Bloom; Hastings e Madaus 1983, p. 130)

Nesta perspectiva:

É uma avaliação que contribui para melhorar a aprendizagem, pois, informa ao professor sobre o desenvolver da aprendizagem e ao aluno sobre os seus sucessos e fracassos, o seu próprio caminhar. Assim, proporciona segurança e confiança do aluno nele próprio; *feedback* ao dar rapidamente informações úteis sobre etapas vencidas e dificuldades encontradas; diálogo entre professor e aluno, bem fundamentado em dados precisos e consistentes. Além disso, a avaliação formativa assume uma função reguladora, quando permite tanto a alunos como os professores ajustarem estratégias e dispositivos. Ela pode reforçar positivamente qualquer competência que esteja de acordo com alguns objetivos previamente estabelecidos e permitir ao próprio aluno analisar situações, reconhecer e corrigir seus eventuais erros nas tarefas. (RABELO, 1998, p. 73 – 74)

A avaliação formativa indica o que deveria ser feito para tornar a avaliação verdadeiramente útil em situação pedagógica. Considera-se que a avaliação formativa é uma avaliação informativa (HADJI, 2001, p. 20).

Caracteriza-se por um processo interpretação – intervenção sobre o desenvolvimento do ensino-aprendizagem com a finalidade de garanti-lo, aprimorá-lo, direcioná-lo, enfim, de dar condições efetivas para que o ensino e a aprendizagem ocorram com sucesso. (SILVA, HOFFMANN, ESTEBAN, 2003, p. 39).

[...] para além de dar mais oportunidade ao aluno, permitindo-lhe repensar as questões colocadas, é talvez um contributo para que “eles tenham uma atitude diferente em relação à Matemática e possam adquirir mais confiança em si próprios” (LEAL, 1992, p. 255).

“É formativa toda a avaliação que auxilia o aluno a aprender e a se desenvolver, ou seja, que colabora para a regulação das aprendizagens e do desenvolvimento no sentido de um projeto educativo” (PERRENOUD apud HADJI, 2001, p. 20).

Para Méndez (2002, p. 82), a avaliação deve “[...] constituir uma oportunidade real de demonstrar o que os sujeitos sabem e como o sabem. Somente assim o professor poderá detectar a consistência do saber adquirido e a solidez sobre a qual vai construindo seu conhecimento”.

Nesse aspecto:

A finalidade da avaliação, ao desencadear estudos, não é assim, a de simplesmente observar se os alunos apresentam ou não condições de “dar conta” das propostas delineadas, ou perceber, de início, os que apresentam mais ou menos dificuldades em determinada área. Mas a de conhecê-los cada vez melhor, tateando em busca de questões que verdadeiramente os provoquem a agir, à escuta de suas próprias questões, propondo em conjunto situações que lhes sejam verdadeiramente problemáticas a ponto de lhes despertar a atividade, a curiosidade [...] (HOFFMANN, 1995, p. 86)

Segundo Haydt (1988), quando se avalia uma classe, durante ou no final de uma unidade de ensino, e a maioria dos alunos não atingiram um bom resultado, o professor, antes de qualquer coisa, deve questionar a eficácia do seu trabalho didático, ele mesmo deve se avaliar. Ele deve se perguntar se sua linguagem está adequada, se os alunos compreendem o que ele fala, se precisa mudar sua maneira de ensinar, utilizando procedimentos mais eficazes para a fixação dos conteúdos trabalhados, propor situações que motivem seus alunos, entre outros. Dessa forma:

Essas perguntas e outras mais o professor pode fazer a si mesmo, na tentativa de repensar o seu trabalho em sala de aula. Cabe a ele replanejar a sua atuação didática, verificando de que forma pode aperfeiçoá-la, para que seus alunos obtenham mais êxito na aprendizagem. [...] É se colocando essas e outras questões que o professor poderá encontrar novos caminhos na tentativa de melhorar o processo ensino-aprendizagem dos alunos de baixo aproveitamento. (HAYDT, 1988, p. 22)

Na visão de Bloom; Hastings e Madaus (1983, p. 142), “[...] a nosso ver, o maior mérito da avaliação formativa está na ajuda que ela pode dar ao aluno em relação à aprendizagem da matéria e dos comportamentos, em cada unidade de aprendizagem”. Deste modo:

[...] a avaliação formativa não apenas fornece dados para que o professor possa realizar um trabalho de recuperação e aperfeiçoar seus procedimentos de ensino como também oferece ao aluno informação sobre seu desempenho em decorrência da aprendizagem, fazendo-o conhecer seus erros e acertos e dando-lhe oportunidade para recuperar suas deficiências. É nesse sentido que a avaliação assume sua dimensão orientadora, criando condições para a recuperação

paralela e orientando o estudo contínuo e sistemático do aluno, para que sua aprendizagem possa avançar em direção aos objetivos propostos. (HAYDT, 1988, p 21)

Ainda nesta mesma linha de considerações, acrescentam que “[...] se um estudante não aprende, não é apenas porque não estuda ou não possui as capacidades mínimas: a causa pode estar nas atividades que lhe são propostas”. (JORBA; SANMARTÍ, 2003, p. 30).

Segundo Jorba e Sanmartí (2003), a avaliação formativa “[...] responde a uma concepção do ensino que considera que aprender é um longo processo por meio do qual o aluno vai reestruturando seu conhecimento a partir das atividades que executa”.

Nesta perspectiva:

Esse tipo de avaliação tem, pois, como finalidade fundamental, uma função ajustadora do processo de ensino – aprendizagem para possibilitar que os meios de formação respondam às características dos estudantes. Pretende, principalmente, detectar os pontos frágeis da aprendizagem, mais do que determinar quais os resultados obtidos com essa aprendizagem. [...] os erros são objetos de estudo, pois revelam a natureza das representações ou estratégias elaboradas pelo estudante. Por meio dos erros, pode-se diagnosticar que tipo de dificuldades têm os estudantes para realizar as tarefas propostas e dessa maneira poder arbitrar os mecanismos necessários para ajudá-los a superarem-nas. (JORBA; SANMARTÍ, 2003, p. 30)

É necessário que a avaliação seja um momento prazeroso, onde os alunos se sintam à vontade neste elo do processo de ensino – aprendizagem, com recursos eficientes que possibilite a atenção para a aquisição da construção do conhecimento e não um momento de acerto de contas, de exclusão, de julgamento e de medição.

Dessa forma, Luckesi (2000) enfatiza:

[...] Chega de confundir a avaliação da aprendizagem com exames. A avaliação da aprendizagem, por ser avaliação, é amorosa, inclusiva, dinâmica e construtiva, diversa dos exames, que não são amorosos, são excludentes, não são construtivos, mas classificatórios. A avaliação inclui, traz para dentro; os exames selecionam, excluem, marginalizam. (LUCKESI, 2000, p. 07)

Portanto qual a importância de realizar a avaliação formativa? De acordo com Mezzaroba; Alvarenga (1999, p. 67), “[...] porque visa melhorar a formação do aluno; sua preocupação maior é ajudar o aluno a aprender e o mestre a ensinar. Por isso, deve ocorrer desde o início do ano escolar, em todas as matérias [...]”.

2.6.3 Avaliação Somativa

A avaliação somativa tem aspecto autoritário e conservador e não funciona como um instrumento dialético do avanço, de novos rumos. Não serve em nada para a transformação, contudo, é extremamente eficiente para a conservação da estrutura social, pois exacerba a autoridade e oprime o educando, impedindo o seu crescimento.

O arbítrio do professor aqui é total. Ele decide, sem critério prévio e sem relevância dos dados, conceder ou retirar pontos. Nesse caso, a competência é desconsiderada. Vale a gana autoritária do professor que, com isso, pode aprovar incompetentes, agradar os queridos e reprimir e sujeitar os inquietos e malqueridos. A avaliação aqui ganha os foros do direito de premiar ou castigar dentro do ritual pedagógico.

Nesse aspecto, a avaliação somativa:

supõe uma comparação, pois o aluno é classificado segundo o nível de aproveitamento e rendimento alcançado, geralmente em comparação com os demais colegas, isto é, com o grupo classe. A ênfase no aspecto comparativo é própria da escola tradicional. É com esse propósito que é utilizada a avaliação somativa, com função classificatória, pois ela consiste em classificar os resultados da aprendizagem alcançados pelos alunos ao final de um semestre, ano ou curso, de acordo com os níveis de aproveitamento preestabelecidos. Portanto, consiste em atribuir ao aluno uma nota ou conceito final para fins de promoção. (HAYDT, 1991, p. 25, 26)

A avaliação, nessa perspectiva torna-se uma dicotomia entre educação e avaliação. São necessárias a tomada de consciência e a reflexão a respeito desta compreensão equivocada da avaliação com

juízo de resultados porque ela veio se transformando numa perigosa prática educativa.

A verdadeira função da avaliação no sistema de ensino está expressa na citação de Soares (1981), a seguir:

É um dos mais eficazes instrumentos de controle da oferta e do aproveitamento de oportunidades educacionais e sociais e de disseminação de um processo de seleção em que, sob uma aparente neutralidade e equidade a alguns são oferecidas sucessivas oportunidades educacionais e, em consequência, oportunidades sociais, enquanto a outras essas oportunidades são negadas, processo que se desenvolve segundo critérios que transcendem os fins declarados de avaliação. Segundo esses fins declarados, a avaliação educacional pretende verificar se o estudante alcançou, e em que grau, os objetivos que se propõe o processo de ensino. Implica e mascaradamente o controle das hierarquias sociais. (SOARES, 1981 p.47)

Esta avaliação é utilizada como uma forma de controle, no final do ano ou do curso, para avaliar quantos conteúdos os alunos aprenderam no geral. Esse tipo de avaliação é semelhante à avaliação comparativa, mas abrange tudo o que os alunos aprenderam ao longo do ano.

Uma vez que as avaliações somativas abrangem uma ampla variedade de conceitos de um determinado nível, elas não são capazes de avaliar nenhum conceito de maneira profunda.

Conforme Bloom; Hastings e Madaus (1983, p. 98), a avaliação somativa é realizada no final de um período de ensino, “[...] a fim de atribuir uma nota ou dar um certificado aos alunos, relativos a uma unidade, capítulo, curso ou trabalho semestral, entre outras coisas”. E acrescentam que “[...] é justamente a avaliação que gera tanta ansiedade e defesa entre os alunos, professores e programadores do ensino”. (BLOOM; HASTINGS; MADAUS, 1983, p. 128)

Nesta perspectiva:

A avaliação somativa, com função classificatória, realiza-se ao final de um curso, período letivo ou unidade de ensino, e consiste em classificar os alunos de acordo com níveis de aproveitamento previamente estabelecidos, geralmente tendo em vista sua promoção de uma série para outra, ou de um grau para outro. (HAYDT, 1988, p.18)

A avaliação somativa acontece no final do processo de ensino. Serve para ver o que o aluno aprendeu depois de todo conteúdo trabalhado pelo professor. São atribuídas notas que serão divulgadas posteriormente.

Para Rabelo (1998),

uma avaliação somativa normalmente “[...] é uma avaliação pontual, já que, habitualmente, acontece no final de uma unidade de ensino, de um curso, um ciclo ou um bimestre, sempre tratando de determinar o grau de domínio de alguns objetivos previamente estabelecidos”. Acrescentando que “[...] faz um inventário com o objetivo social de pôr à prova, de verificar. Portanto, além de informar, situa e classifica. Sua principal função é dar certificado, titular”. (RABELO, 1998, p. 72).

Estas avaliações são aplicadas para todos os alunos em sala de aula, para que todos tenham uma oportunidade igual de demonstrarem o que sabem. Os alunos demonstram sua capacidade de desempenho em um nível prescrito como padrão para o teste de proficiência.

Segundo Hoffmann (1993),

a avaliação tem se caracterizado como disciplinadora, punitiva e discriminatória, como decorrência, essencialmente, da ação corretiva do professor e os enunciados que emite a partir dessa correção. Daí a crítica que faço sobre a utilização de notas, conceitos, estrelinhas, carimbos, e outras menções nas tarefas dos alunos. O sentido discriminatório da avaliação começa nesse momento. As crianças comparam as tarefas entre si, o número de estrelinhas, os décimos e centésimos. Classificam-se, eles mesmos, em burros e inteligentes, e têm sua auto-estima abalada a ponto de surgirem bloqueios intransponíveis. (HOFFMANN, 1993, p. 111)

Para Luckesi (2002), os alunos têm sua atenção centrada na promoção. [...] O que predomina é a nota; não importa como elas foram obtidas nem por quais caminhos. São operadas e manipuladas como se nada tivessem a ver com o percurso ativo do processo de aprendizagem. [...] Os pais das crianças e dos jovens, em geral, estão na expectativa das notas dos seus filhos. O importante é que tenham notas para serem aprovados. (LUCKESI, 2002, p. 18-19).

Como nos mostra Rabelo (1998) “[...] o objetivo primeiro é uma boa aprendizagem. A avaliação deve tornar-se o momento e o meio de uma comunicação social clara e efetiva”. (RABELO, 1998, p. 80).

Diante disso conclui que:

Não se pode confundir avaliação com nota e muito menos permitir que se continue usando o termo nota como sinônimo de avaliação. Nota é apenas uma forma dentre muitas de se expressar os resultados de uma avaliação. Não ter nota pode ser tão arbitrário e autoritário quanto tê-la. Precisamos apenas entender que a avaliação pode e deve alimentar, constantemente, o diálogo entre aluno e professor, permitindo a ambos, numa relação dialética, informações sobre fazeres e aprendizagens cada vez mais significativas para ambos. O professor precisa apoiar o aluno com informações que possam esclarecê-lo, encorajá-lo e orientá-lo quanto a possíveis sucessos e insucessos, permitindo-lhes situar melhor na sua jornada estudantil. (RABELO, 1998, p. 81)

Mediante o que vivenciamos é que a maioria dos professores se preocupa apenas no resultado dos alunos, se teve boa nota é considerado bom, se não obteve o mesmo sucesso é um mal caráter, um péssimo aluno, que com certeza será mais um entrega a sociedade para ser massacrado e julgado.

2.7 Importância da qualificação de professores no desempenho escolar

Nóvoa (2001) destaca que durante muito tempo, quando se falava em formação de professores, falava se essencialmente da formação inicial do professor. Hoje em dia, é impensável imaginar essa situação. A formação de professores é algo que se estabelece num contínuo.

Nessa perspectiva Imbernón (2001) afirma:

que a formação terá como base uma reflexão dos sujeitos sobre sua prática docente, de modo a permitir que examinem suas teorias implícitas, seus esquemas de funcionamento, suas atitudes etc., realizando um processo constante de autoavaliação que oriente seu trabalho. A orientação para esse processo de reflexão exige uma proposta crítica da intervenção educativa, uma análise da prática do ponto de vista dos

pressupostos ideológicos e comportamentais subjacentes.
(IMBERNÓN, 2001 p.48-49)

A partir desse princípio, abandona-se o conceito de formação docente como processos de atualização que se dão através da aquisição de informações científicas, didáticas e psicopedagógicas, descontextualizadas da prática educativa do professor, para adotar um conceito de formação que consiste em construir conhecimentos e teorias sobre a prática docente.

Os professores precisam dominar cada vez mais os conteúdos curriculares, os processos de ensino e aprendizagem, isto é, especializarem-se no “o que”, no “como” e no “para que” se ensina e se aprende. Ao nosso ver e inspirados nos projetos que visam uma educação de qualidade para todos, o tratamento das questões relativas ao ensino de pessoas com deficiência na formação geral de educadores eliminaria, em grande parte, os obstáculos que se interpõem entre a escola regular e esses alunos. Em resumo, a formação única para todos os educadores propiciaria a tão esperada fusão entre a educação especial e a regular, nos sistemas escolares. (MANTOAN, 2003, p. 93)

Desta forma, a postura reflexiva não requer apenas do professor o saber fazer, mais que ele possa saber explicar de forma consciente a sua prática e as decisões tomadas sobre ele e perceber se essas decisões são as melhores para favorecer a aprendizagem do seu aluno.

Pois segundo Perrenoud (2002), ensinar é, antes de tudo, agir na urgência, decidir na incerteza.

A aprendizagem na maior parte das vezes, na educação sistemática, é uma entidade penosa, que reúne a necessidade de paciência e submissão. Com a ideia popular de que se sacrifício nada se alcança, procura se convencer a criança, o jovem e até o adulto, de que a escola é um mal necessário, uma espécie de estágio probatório para a vida rotineira e desgastante. (CUNHA apud PILETTI, 1995, p. 241)

A apatia, o desinteresse, o estresse, a inadaptação e a indisciplina, que causam desgaste tanto em educadores como em educandos, podem ser atenuados quando as aulas são bem planejadas, materiais simples e disponíveis na própria escola, assim, como projetos interdisciplinares podem produzir entusiasmo, satisfação.

Demo (1993) coloca como meta para qualidade do professor a capacidade deste em elaborar projeto pedagógico próprio, sendo para isso necessário a competência formal e política dos mesmos:

todos os apoios didáticos, importantes em si, dependem da capacidade do professor, inclusive aproveitamento das adequações físicas dos estabelecimentos, do material escolar etc. O único livro didático insubstituível é o próprio professor. Deve estar de tal modo bem formado, que, se necessário for, ele mesmo prepara texto de português, exercício de matemática, projeto de planejamento etc. (DEMO, 1993, p. 89)

Motivação da aprendizagem é um dos fatores mais questionados nas conversações didáticas atuais. Não se pode excluir das outras questões reais e importantes no processo de ensino – aprendizagem como o ensino para a autonomia, o currículo para o desenvolvimento de competências, as finalidades para permanência do aluno na escola.

Portanto o professor é peça fundamental e muito importante dentro do processo educacional, ensinar é uma das mais nobres a ser desempenhada pelo ser humano. Aqueles que se dedicam a incorporar essa notável incumbência herdam um tesouro eterno e absolutamente glorioso.

Desta forma, todo educador é dotado de qualidades extraordinárias que o fazem ser majestoso, criativo, único e poderosamente transformador, porquanto é capaz de influenciar positivamente os outros e elevar essas vidas para um patamar ilustre.

2.8 Importância da alimentação escolar para o desempenho escolar

A Constituição Federal (CF) de 1988 prevê que é responsabilidade de todos os entes federados – União, Estados, Distrito Federal e Municípios – assegurar a alimentação escolar para os alunos da educação básica pública e também de escolas filantrópicas e comunitárias, conveniadas com o poder público, sendo, portanto,

corresponsáveis pela alimentação escolar dos alunos de suas redes públicas de ensino. (BRASIL, 2015, p.10)

Conforme Brito; Chaves (2006), a infância é um período de grande desenvolvimento, marcada por gradual crescimento da criança, especialmente nos primeiros três anos de vida e nos anos que antecipam a adolescência. Essa fase da vida requer cuidados especiais, pois uma alimentação não saudável pode ocasionar consequências no desenvolvimento físico, mental e conseqüentemente na aprendizagem. (BRITO; CHAVES, 2006, p.10).

que quando há disponibilidade de merenda escolar os alunos se apresentam mais alegres, não faltam às aulas e tem rendimento satisfatório quanto à aprendizagem e que, na falta da merenda escolar, o rendimento escolar e a concentração dos alunos diminuem, além de ficarem mais tristes, irritados e difíceis de controlar. (BEZERRA, 2009, p.103 -115)

Sabe-se que a alimentação escolar representa para muitos alunos um atrativo a frequência à escola. Ela consiste numa atividade integrada ao ensino e é planejada com o gerenciamento do (FNDE), Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (BRASIL, 2005, pag.10)

Conhecendo seus alunos, onde uma grande parte vive em dificuldades, muitos passam fome, não se respeitam, vêm para a escola simplesmente por vim, não tem perspectiva de dias melhores, escolhendo a melhor forma de trabalhar com eles, o educador propiciará excelentes oportunidades para elevar o rendimento escolar dos educandos, elevando também o auto conceito, tornando a aprendizagem mais agradável e produtiva.

Santos (2002) considera que os programas de alimentação favorecem a cognição e o progresso escolar, consoante com a ideia de que saúde e estado nutricional afetam a habilidade da criança para o aprendizado e que a irregularidade na oferta de refeições matinais na rotina de vida das crianças conduz a rendimento escolar empobrecido, refletindo bem a importância da alimentação no sucesso escolar.

No entanto, sabemos também que o padrão socioeconômico das famílias se repercute não só nas condições de habitação, higiene, saneamento básico e possibilidade de escolarização das crianças, mas também na saúde e na nutrição das crianças. É desta forma que surge a questão de como poderá a alimentação, por si só, influenciar o desempenho escolar das crianças.

Sabe-se que a criança que é bem alimentada mostra disposição, desenvolvimento em suas habilidades. Neste sentido a alimentação acaba sendo significativa para a contribuição do desenvolvimento da criança tanto na escola como na sociedade, como por exemplo, as crianças terem hábitos mais saudáveis, praticarem exercícios físicos, brincarem com seus amigos, os ajuda no seu aprendizado também, onde o principal foco é a alimentação de qualidade e suas contribuições para a criança. (RIBEIRO & SILVA, 2013, p. 43-47)

Escolas públicas são locais que atendem grande número de pessoas vulneráveis em relação à nutrição e questões socioeconômicas, e por isso, deve-se atentar para as condições do alimento servido já que, muitas vezes, esse alimento é a única refeição consumida do dia pelos escolares. (BRASIL, 2006)

Ribeiro & Silva (2013) continuam:

Uma criança satisfeita mostra disposição e pode aprimorar sua destreza sem maiores problemas. Nesse contexto, o desenvolvimento infantil permeia a prática de recreação, a formação de hábitos mais saudáveis, melhoramento do aprendizado, no sentido de que o foco é a alimentação com qualidade e as formas de contribuição para a criança. A refeição balanceada e controlada em ambiente escolar ou em casa torna a melhorar a aprendizagem, capacidade física, memória, energia para um bom fluxo do cérebro. (RIBEIRO & SILVA, 2013, p. 43-47).

Uma boa alimentação traz um perfeito desenvolvimento do ser humano, facilitando a educação escolar juntamente com sua desenvoltura nas relações sociais, na área institucional nada chama mais atenção do que a alimentação fornecida pela escola pública para os alunos através da merenda escolar.

São alunos oriundos de famílias carentes e que espera sempre pela merenda que é servida na escola e o nosso dever é ajudar o indivíduo a tornar a pessoa que ele pode ser, tornar um cidadão autônomo, competente e feliz, mais completo do que os 40 milhões de outros seres.

A infância é um período de grande desenvolvimento, marcada por gradual crescimento da criança, especialmente nos primeiros três anos de vida e nos anos que antecipam a adolescência. Mais do que isso, é um período em que a criança se desenvolve psicologicamente, ocorrendo mudanças no comportamento e na sua personalidade.

Essa fase da vida requer cuidados especiais, pois uma alimentação não saudável pode ocasionar consequências no desenvolvimento físico, mental e conseqüentemente na aprendizagem.

Você já ouviu falar que “saco vazio não para em pé”? Ou seja, criança que não se alimenta não consegue ser saudável, ficando doente com mais frequência. Então, podemos concluir que uma alimentação saudável é essencial para a saúde, pois uma criança sem se alimentar pode não conseguir aprender o que o professor está ensinado na sala de aula.

Quando uma criança chega à escola em jejum, ela pode ficar sonolenta na sala de aula e não consegue prestar a atenção nas aulas, conseqüentemente isso prejudicará seu desempenho. Por isso, é importante que todas as crianças estejam bem alimentadas durante sua permanência na escola. Sendo assim, a alimentação é fundamental para uma educação de qualidade e o sucesso de cada estudante.

2.9 Importância do Transporte Escolar no desempenho escolar

A trajetória e as dificuldades que muitos estudantes da zona rural têm para chegar à sala de aula, geralmente devido a distância entre as escolas e residências e em decorrência das más condições das estradas, quase sempre inapropriadas para a locomoção dos veículos.

Parece ficar evidente a incoerência estabelecida na Lei de Diretrizes e Base da Educação Nacional - Lei 9394/96 - que, no Artigo 3º, inciso I, garante a igualdade de condições para o acesso e a permanência dos estudantes da educação básica às escolas.

Algumas políticas públicas educacionais, como a de “Transporte Escolar para Todos”, têm tentado amenizar o quadro de problemas que interferem na aprendizagem, porém, outras questões relativas ao transporte escolar ainda precisam ser revistas pelos órgãos públicos competentes, a exemplo dos idealizadores da Cartilha do Transporte Escolar, que ressalta:

O Programa Nacional de Apoio ao Transporte do Escolar (Pnate) foi instituído pela Lei no 10.880, de 9 de junho de 2004, com o objetivo de garantir o acesso e a permanência nos estabelecimentos escolares dos alunos do ensino fundamental público residentes em área rural que utilizem transporte escolar, por meio de assistência financeira, em caráter suplementar, aos Estados, Distrito Federal e municípios. (INEP, 2005, p 7)

Com a publicação da Medida Provisória 455/2009, o programa foi ampliado para toda a educação básica, beneficiando também os estudantes da educação infantil e do ensino médio residentes em áreas rurais.

A Constituição Federal de 1988 assegura ao aluno da escola pública o direito ao transporte escolar, como forma de facilitar seu acesso à educação. A Lei nº 9.394/96, mais conhecida como LDB, também prevê o direito do aluno no uso do transporte escolar, mediante a obrigação de estado e municípios, conforme transcrição abaixo:

Art. 208. O dever do Estado com a educação será efetivado mediante a garantia de: ... VII - atendimento ao educando, em todas as etapas da educação básica, por meio de programas suplementares de material didático-escolar, transporte, alimentação e assistência à saúde. (redação dada pela Emenda Constitucional nº 59, de 2009).

Conforme o que lemos acima e com todas as garantias da lei, nem sempre essa situação é atendida pelo poder público, mesmo tendo

transportes que atendem à demanda dos alunos das diversas regiões circunvizinhas que se adentram a instituição de ensino, percebe-se que as dificuldades de chegar à escola é extrema com estradas ruins, transporte que falta muito, sempre deixando os alunos sem condições de chegarem à sala de aula.

Por outro lado tem aqueles que residem muito distante da instituição, e que precisam sair muito cedo de casa, uns saem as cinco e meia da manhã, fazem um percurso enorme e só chega à escola próximo as sete horas, quase no início das aulas, percebe-se que os alunos chegam a escola ainda com sono e muitos ainda não tomaram café, por sair cedo demais e não deu tempo e outros por ser de famílias carentes e ter dificuldades financeiras precárias ficando à espera do merenda às 9 e meia para se alimentar.

Para garantir segurança e qualidade ao transporte dos estudantes, o Ministério da Educação por meio do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE) mantém dois programas de apoio ao transporte escolar para alunos da educação básica que residem na zona rural.

Esta escola é atendida com apenas um ônibus cedido pelo programa caminho da escola, é uma linha crédito concedida pelo Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) para a aquisição, pelos estados e municípios, de ônibus e micro-ônibus zero quilômetro.

E por cinco ônibus particulares credenciados por licitações junto a prefeitura Municipal, ônibus com a data de fabricação igual ou superior ao ano de 2002, transportes que atendem uma demanda de 295 alunos do Fundamental I e II alunos das diversas regiões circunvizinhas.

Mas mesmo sendo alunos de classe baixa, com todas essas dificuldades a maioria desses alunos tem o máximo de respeito com os professores e com todos os funcionários, são alunos dóceis, amigos, os pais confiam na escola, colaboram, comparecem à escola para tratar de

assuntos referentes aos filhos, e ver o andamento das atividades propostas, a participação, a assiduidade.

2.10 As demandas do cotidiano escolar

As instituições escolares cumprem um papel muito importante na vida social, cultural e emocional das crianças, dos jovens em sua formação de cidadãos conscientes, críticos e participativos para a socialização dos diversos saberes que envolve a sociedade, correlacionam os valores éticos na qual serão transmitidos para a aquisição do processo de ensino-aprendizagem e nas ações realizadas no cotidiano escolar.

A comunidade-escola não pode ficar reduzida a uma instituição reprodutora de conhecimentos e capacidades. Deve ser entendida como um lugar em que são trabalhados modelos culturais, valores, normas e formas de conviver e de relacionar-se. É um lugar no qual convivem gerações diversas, em que encontramos continuidade de tradições e culturas, mas também é um espaço para mudança. A comunidade-escola e a comunidade local devem ser entendidas, acreditamos, como âmbitos de interdependência e de influência recíprocas, pois (...)indivíduos, grupos e redes presentes na escola também estarão presentes na comunidade local, e uma não pode ser entendida sem a outra. (SUBIRATS, 2003, p.76)

Levamos em conta a vida social da criança e de jovens para associar a sua vida escolar, trabalhando a sua realidade, fazendo parâmetro do local para o global, para ser capaz de transformar a realidade.

Para Freire (2001), o educador progressista coerente, o necessário ensino dos conteúdos estará sempre associado a uma “leitura crítica” da realidade.

Ensina-se a pensar certo através do ensino dos conteúdos.

Nem o ensino dos conteúdos em si, ou quase em si, como se o contexto escolar em que são tratados pudesse ser reduzido a um espaço neutro em que os conflitos sociais não se manifestassem, nem o exercício do “pensar certo” desligado do ensino dos conteúdos (...) enquanto numa prática educativa conservadora competente se busca, ao ensinar os conteúdos,

ocultar a razão de ser de um sem-número de problemas sociais, numa prática educativa progressista, competente também, se procura, ao ensinar os conteúdos, desocultar a razão de ser daqueles problemas. A primeira procura acomodar, adaptar os educandos ao mundo dado; a segunda, inquietar os educandos, desafiando-os para que percebam que o mundo dado é um mundo dando-se e que, por isso mesmo, pode ser mudado, transformado, reinventado (...). (FREIRE, 2001, p.29-30).

Os jovens passam uma boa parte de sua vida dentro das instituições: quatro horas por dia, vinte dias por mês, em média dez meses por ano e ao menos doze anos de sua vida, muitas vezes até mais, termos aqueles alunos que por inúmeros motivos, não atendem os critérios, são execrados e não conseguem a aprovação, permanecendo mais tempo, ou acabem desistindo.

3. MARCO METODOLÓGICO

Neste capítulo iremos abordar os procedimentos adotados nos processos metodológicos de forma estruturada, observar os objetivos traçados, que ajudaram na investigação do problema apresentado pela tese, que tem como foco principal analisar o desempenho escolar de estudantes de uma escola rural do interior da Bahia.

A pesquisa adotada neste estudo tem em conta o método, a abordagem, os instrumentos de coleta de dados, de análise e interpretação dos resultados.

Para tanto, busca se identificar nas respostas dos questionários com perguntas fechadas, entender a demanda e a realidade de cada pesquisado que envolve os protagonistas da Escola Municipal na cidade de Riacho de Santana no Estado da Bahia, conhecimentos sobre a vida social, econômica, política, prazeres do cotidiano de cada membro em suas dificuldades.

Para entender o que pesquisamos, nessa perspectiva Thiollent (1986) afirma:

é um tipo de pesquisa social, com base empírica, que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou resolução de um problema coletivo, e, no qual, os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo. (THIOLLENT, 1986, p. 14)

Esta pesquisa foi realizada numa escola pública de Zona Rural na cidade de Riacho de Santana, do interior da Bahia. A modalidade de ensino oferecida pela escola concentra-se no Ensino Fundamental II, funcionando nos períodos matutino e vespertino.

O objetivo desta é analisar o Desempenho Escolar do Ensino Fundamental dos alunos de uma escola pública, realizada com os seguintes protagonistas educativos (professores, alunos, direção e pais).

A escolha para responder os questionários foi feita por sorteio aleatório, os quais estes concordaram em participar livremente do

questionário aplicado, baseada em perguntas fechadas com opções de múltiplas escolhas.

Segundo Luna (2000), essencialmente:

A pesquisa visa à produção de conhecimento novo, relevante teórica e socialmente fidedigno... o conceito novo para o autor, significa neste contexto... um conhecimento que preenche uma lacuna importante no conhecimento disponível em uma determinada área do conhecimento. (LUNA, 2000, p.15)

3.1 Definição: metodologia, método e pesquisa

Em toda construção e elaboração de uma tese, faz se necessário obedecer às normas a serem seguidas e utilizadas, ou seja, busca atender a Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT).

Para Fonseca (2002), *methodos* significa organização, e *logos*, estudo sistemático, pesquisa, investigação; ou seja, metodologia é o estudo da organização, dos caminhos a serem percorridos, para se realizar uma pesquisa ou um estudo, ou para se fazer ciência. Etimologicamente, significa o estudo dos caminhos, dos instrumentos utilizados para fazer uma pesquisa científica.

Segundo Bruyne (1991), a metodologia é a lógica dos procedimentos científicos em sua gênese e em seu desenvolvimento, não se reduz, portanto, a uma “metrologia” ou tecnologia da medida dos fatos científicos.

Afirma ainda que:

A metodologia deve ajudar a explicar não apenas os produtos da investigação científica, mas principalmente seu próprio processo, pois suas exigências não são de submissão estrita a procedimentos rígidos, mas antes da fecundidade na produção dos resultados. (BRUYNE, 1991, p. 29)

De acordo com Demo (1987), a metodologia é uma preocupação instrumental, que trata do caminho para a ciência tratar a realidade teórica e prática e centra-se, geralmente, no esforço de transmitir uma iniciação

aos procedimentos lógicos voltados para questões da causalidade, dos princípios formais da identidade, da dedução e da indução, da objetividade, etc.

Nesta etapa se define onde, como será realizada e dedicada à forma de desenvolvimento da pesquisa. Visa permitir, através da exposição detalhada dos passos seguidos quando da formulação e desenvolvimento do estudo em questão. Definirá o tipo de pesquisa, o universo da pesquisa, a amostragem, os instrumentos de coleta de dados e a forma como pretende tabular e analisar seus dados.

Segundo Strauss & Corbin (1998), o método de pesquisa é um conjunto de procedimentos e técnicas utilizados para se coletar e analisar os dados. O método fornece os meios para se alcançar o objetivo proposto, ou seja, são as ferramentas das quais fazemos uso na pesquisa, a fim de responder nossa questão.

A pesquisa segundo Minayo (1993) é considerada como atividade básica das ciências na sua indagação e descoberta da realidade. É uma atitude e uma prática teórica de constante busca que define um processo intrinsecamente inacabado e permanente. É uma atividade de aproximação sucessiva da realidade que nunca se esgota, fazendo uma combinação particular entre teoria e dados. (MINAYO, 1993, p.23)

Minayo (2007) ainda define metodologia de forma abrangente e concomitante:

- a) como a discussão epistemológica sobre o “caminho do pensamento” que o tema ou o objeto de investigação requer;
- b) como a apresentação adequada e justificada dos métodos, técnicas e dos instrumentos operativos que devem ser utilizados para as buscas relativas às indagações da investigação;
- c) e como a “criatividade do pesquisador”, ou seja, a sua marca pessoal e específica na forma de articular teoria, métodos, achados experimentais, observacionais ou de qualquer outro tipo específico de resposta às indagações específicas. (MINAYO, 2007, p. 44)

Para Rúdio (1999) é um conjunto de atividades orientadas para a busca de um determinado conhecimento. Para que a pesquisa receba o qualitativo de “científica”, é necessário que seja desenvolvida de maneira

organizada e sistemática, seguindo um planejamento previamente estabelecido pelo pesquisador.

É no planejamento da pesquisa que se determina o caminho a ser percorrido na investigação do objeto de estudo:

Afirma ainda que a pesquisa científica se distingue de qualquer outra modalidade de pesquisa pelo método, pelas técnicas, por estar voltada para a realidade empírica, e pela forma de comunicar o conhecimento obtido. (RÚDIO, 1999, p. 9)

Para Almeida Júnior (2000), pesquisar, num sentido amplo, é procurar uma informação que não se sabe e que se precisa saber. Consultar livros e revistas, verificar documentos, conversar com pessoas, fazendo perguntas para obter respostas, são formas de pesquisa, considerada como sinônimo de busca, de investigação e indagação.

Diante deste sentido amplo de pesquisa afirma:

opõe-se ao conceito de pesquisa como tratamento de investigação científica que tem por objetivo comprovar uma hipótese levantada, através do uso de processos científicos". (ALMEIDA, JÚNIOR, 2000, p. 102)

3.2 Questionário

Segundo Marconi, Lakatos (1999) “o questionário é um instrumento desenvolvido cientificamente, composto de um conjunto de perguntas ordenadas de acordo com um critério predeterminado, que deve ser respondido sem a presença do entrevistador”. (MARCONI; LAKATOS, 1999, p.100)

Nessa perspectiva, Gil (1999) define o questionário:

como a técnica de investigação composta por um número mais ou menos elevado de questões apresentadas por escrito às pessoas, tendo por objetivo o conhecimento de opiniões, crenças, sentimentos, interesses, expectativas, situações vivenciadas etc. (GIL, 1999, p.128)

Segundo Mattar (1999), as pesquisas descritivas compreendem grande número de métodos de coleta de dados compreendendo: entrevistas pessoais, entrevistas por telefone, questionários pelo correio, questionários pessoais e observação.

3.3 Local da pesquisa

Este estudo foi realizado com a direção, professores, pais e alunos do Ensino Fundamental II na Escola Municipal na cidade de Riacho de Santana, Bahia. Percebe-se que uma grande parte dos alunos da instituição pertence a uma classe social baixa e outra grande maioria sobrevive de recursos do Bolsa Família.

O Colégio Municipal tem como entidade mantenedora o poder público municipal sendo atendido de maneira positiva os desejos e as necessidades da população estimada em 2.000 mil pessoas, atendendo atualmente uma demanda de 350 alunos, estudam crianças e jovens que residem no povoado e nas cercanias, constituindo um considerável número de comunidades que conservam costumes, culturas, linguajares diferenciados.

Riacho de Santana localiza-se na Região Sudoeste da Bahia, na Microrregião de Guanambi e na Mesorregião do Centro-Sul Baiano. Sua população estimada em 2015 pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) foi de 36.039 habitantes.

A história de Riacho de Santana mostra um passado economicamente rico, porém com uma marcante desigualdade social, típica do período colonial. Índios em franco processo de dizimação e escravidão de negros, os quais foram fundamentais para o desenvolvimento das principais atividades econômicas, como o árduo trabalho nas minas de salitre exploradas em nosso município.

Assim, a presença dos três grupos étnicos constitui-se a base do povo riachense, não fugindo a regra da formação da sociedade brasileira. Os primeiros habitantes foram os índios, os quais habitaram a margem

direita do Rio São Francisco, mas que se teve indícios de que se estabeleceram em diversas partes do município. Os primeiros grupos indígenas a serem conquistados foram os Canindés que se destacam em virtude de alguns conflitos.

Fixaram-se nas margens do rio Boqueirão, mais ou menos onde se localiza atualmente o povoado de Botuquara, à 14 km da cidade. Segundo alguns dados, realizados por historiadores riachense, os Canindés se originaram quando os Caetés se uniram com os Picuris, formando assim um grande exército para se defenderem dos índios inimigos, como os Aimorés.

Riacho de Santana localiza-se na Região Sudoeste da Bahia, na Microrregião de Guanambi e na Mesorregião do Centro-Sul Baiano. Está a 720 Km de Salvador, capital baiana. Limita-se ao norte com o município de Macaúbas, ao sul com Palmas de Monte Alto, a oeste com Bom Jesus da Lapa e a leste com Igaporã e Matina. Está a 627 metros acima do nível do mar, chegando até 1200 metros de altitude na região da Serra Geral. Possui uma área segundo o IBGE de 2.698 km².

A vegetação predominante é a caatinga, tendo também uma parte de Floresta Estacional Decidual, que é uma mistura de espécies da caatinga com árvores de mata tropical. O clima característico é o semiárido, variando de sub úmido a seco. Possui elevadas temperaturas durante o ano todo. Entre os meses de junho e agosto são registradas as menores temperaturas, com dias quentes, passando dos 30 °C e madrugadas frias com média de 15 °C. O período de chuva está compreendido entre os meses de outubro a março.

A hidrografia do município é muito rica, principalmente na Região da Serra Geral. São mais de 70 nascentes catalogadas pelo Grupo Zabelê (Grupo de estudos do município, cuja linha de pesquisa é voltada para a proteção e conservação do meio ambiente local), dando origem a vários rios a economia do município estruturava-se na predominância do cultivo do algodão e da agricultura de subsistência, tendo como principais culturas o milho, o feijão de corda, o feijão branco, arroz e a mandioca.

Propomos a partir dessas diversas problemáticas que ocorrem no cotidiano das famílias carentes. Essas famílias possuem culturas diversas, observa – se muitas dificuldades no ensino e aprendizagem, na socialização, as famílias conhecem o seu habitat, o que se produz, como é o modo de vida, mas falta o acesso à cultura no complexo que inclui o conhecimento, a arte, as crenças, a lei, a moral, os costumes e todos os hábitos e aptidões para a formação do cidadão.

Destaca-se que o desempenho escolar deve estar atrelado ao Projeto Político Pedagógico da escola, entretanto o que se nota são: alunos sem perspectivas, dificuldades econômicas extremas, para que possa proporcionar oportunidades, elevação do autoconceito e tornar a aprendizagem agradável e produtiva.

Com base nos relatórios avaliativos sobre a prova Brasil, os dados confirmam que no montante das notas e nas metas a serem alcançadas sempre esta escola obteve resultados positivos nas décadas de 2000, 2010 até mesmo nos dias atuais são resultados satisfatórios, por serem provas objetivas, marca aleatória e acaba acertando.

Quando parte para a subjetiva, muitas vezes escreve errado e alguns casos não leem, quando se analisa o livro de ata de resultados finais ou as cadernetas é grande o índice de reprovação, de evasão e contudo o que se nota é um declínio nos últimos anos no que tange o desempenho escolar dos alunos.

Esse declínio se tornou problema e isso representa um desafio a ser pensado sob a perspectiva da gestão escolar. Esse fato coloca em questão o próprio projeto político pedagógico da escola, na medida em que afeta não somente as iniciativas e práticas dos professores, mas as finalidades mais amplas que se deseja atingir dentro da sala de aula, qual seja a aprendizagem, socialização, acesso à cultura e formação do cidadão.

A questão colocada anteriormente refere-se aos alunos do Ensino Fundamental II de um Colégio Municipal, o que poderá fornecer

possibilidades de intervir e atuar mais direta com os alunos que apresente dificuldade de aprendizagem.

A perspectiva aqui apresentada reflete a percepção dos profissionais da escola que ressaltam resultados de baixo rendimento na qual vem ocorrendo dentro do ambiente escolar e mais especificamente dentro da sala de aula tais como:

Queda no rendimento escolar; falta de cuidados com o material didático, ocasionando constantes perdas dos materiais de uso diário; ausências nas aulas,; aumento de absenteísmo ; falta de compromisso com os deveres escolares dentro e fora da sala de aula; indisciplina constante dentro da sala de aula; uso de vocabulário inadequado (palavrões) para agredir colegas e direcionados a alguns professores, faltas de noções de respeito.



Figura 1 Foto da cidade de Riacho de Santana – Bahia

Está a 720 km de Salvador, capital baiana. Limita-se ao norte com o município de Macaúbas, ao sul com Palmas de Monte Alto, a oeste com Bom Jesus da Lapa e a leste com Igaporã e Matina. Está a 627 metros

acima do nível do mar, chegando até 1200 metros de altitude na região da Serra Geral

A economia do município estruturava-se na predominância do cultivo do algodão e da agricultura de subsistência, tendo como principais culturas o milho, o feijão de corda, o feijão branco, arroz e a mandioca.

Com o aumento populacional, a atividade agrícola ganha impulso e dinamismo, surgindo a necessidade de programar a produção para atender as necessidades de consumo da população urbana.

Segundo o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (INEP/MEC) a cidade possui vinte e oito escolas municipais, duas estaduais e duas privadas.

3.4 Caracterização da escola

O presente estudo propõe uma análise do desempenho escolar dos alunos de um Colégio Municipal de Ensino Fundamental II, fundado em 07 de março de 1988, sob o decreto Municipal nº. 29/94 do dia 10/12/94.

O Colégio Municipal tem como entidade mantenedora o poder público municipal, sendo atendido de maneira positiva os desejos e as necessidades da população estimada em 2.000 mil pessoas, atendendo atualmente uma demanda de 350 alunos, estudam crianças e jovens que residem no povoado e nas cercanias, constituindo um considerável número de comunidades que conservam costumes, culturas, linguajares diferenciados.

Cito na integra: Charco, Cavalo de Maria, Floresta, Pau Sangue, Riacho Seco, Pau Branco, Solidão, Pequeno, Arrozinho, Caraíba, Jacaré, Impuca, Olaria, Pé do Morro, Castanho, Folha Miúda, Barro Branco, Novato, Barreiro da Caatinga, Caldeirão, Lagoa dos Bois, Várzea Formosa, Várzea Comprida, Flores, Barriguda, Pau de Engenho, Barauninha, Boqueirão das Pombas e Bamburral. Estes alunos têm à sua

disposição seis ônibus responsáveis pelo transporte escolar nas localidades supracitadas.

Funciona nos dois turnos: matutino e vespertino e atende uma clientela de 1º ano ao 9º ano do Ensino Fundamental, com alunos de classe social baixa, onde a maioria aprende regularmente. A educação num ambiente familiar estável, a convivência com atividades culturais, autocontrole no uso da internet são algumas situações que influenciam diretamente o desempenho escolar dos jovens; enquanto a falta dessas experiências e hábitos podem trazer resultados negativos para o aluno.

A faixa etária desses alunos varia de 6 a 28 anos de idade, sendo que 175 alunos fazem uso do transporte escolar; a quantidade de alunos por turmas é de 30 alunos no Fundamental II. São cidadãos simples de classe baixa e de classe média baixa com nível de escolaridade inferior à 8ª série, pequenos fazendeiros, pecuaristas, professores, motoristas, comerciantes, pedreiros, serventes de pedreiros, carpinteiros, oleiros, auxiliar de serviços gerais, agricultores, donas de casa, aposentados e desempregados que muitas vezes deslocam para outras cidades no período das secas.

Esta escola possui 15 professores efetivos e 07 contratos formando um total de 22 professores. Dos professores efetivos 01 é graduado em Língua Portuguesa, 03 em Matemática, 03 em Biologia 01 em História, 01 em Zootecnia, 04 em Pedagogia, 01 geografia e 01 tem apenas o magistério. Dos professores contratados, 03 são graduados em Letras, 01 em Matemática, 01 em história, 02 em pedagogia, a escola ainda dispõe de 8 auxiliares de Serviços Gerais e um porteiro efetivos. Esta escola fica localizada no Povoado de Santa Rita a 22 quilômetros da sede do Município de Riacho de Santana.

O desempenho escolar tem sido tema nas mais variadas conversas, em artigos de revistas e jornais, dentro ou fora das escolas. No entanto, tem sido feita muita tentativa de amenizar este grave problema, mas ainda não conseguimos mudar essa situação.

As relações conflituosas, enfrentadas no cotidiano do processo educacional, acabam interferindo na atividade intelectual, e isso pode interferir no desempenho escolar. Conhecendo seus alunos, onde uma grande parte vive em dificuldades, muitos passam fome, não se respeitam, vêm para a escola simplesmente por vir, não tem perspectiva de dias melhores.

Escolhendo a melhor forma de trabalhar com eles, o educador propiciará excelentes oportunidades para elevar o rendimento escolar dos educandos, elevando também o autoconceito, tornando a aprendizagem mais agradável e produtiva.

A humanidade na passagem desse milênio deixa mais explícito do que em outras épocas, as incertezas, os desequilíbrios, as contradições inerentes à condição do ser humano, do ser vivente integrado a sua lida comum. O que dificulta a compreensão, o entendimento, o respeito da condição humana.

3.5 A instituição pesquisada

Esta pesquisa foi executada no Colégio Municipal, situada no Povoado de Santa Rita, considerando o mapa econômico, social, cultural e histórico, na qual recebe alunos oriundos de 32 microrregiões de culturas diferenciadas e de baixa renda.

Percebe-se que nas duas últimas décadas esta escola obteve resultados positivos, desejos, legitimação de conhecimentos, valores e ideais num espaço tramado por sujeitos que se entrecruzaram.

Nesta pesquisa o argumento central é que nos últimos anos o desempenho escolar dos alunos se tornou problema e isto representa um problema a ser pensado sob a perspectiva da gestão escolar. A questão colocada anteriormente refere-se aos alunos do Ensino Fundamental II do Colégio Municipal, o que nos fornece a ideia de intervir e atuar mais diretamente com os alunos com dificuldade de aprendizagem.

É uma força que coloca em questão o próprio projeto político pedagógico da escola, na medida em que consegue afetar não somente as iniciativas e práticas dos professores, mas as finalidades mais amplas que se deseja atingir dentro da sala de aula, que devem ser a aprendizagem, socialização, acesso à cultura e formação do cidadão.

A perspectiva aqui apresentada reflete a percepção de todos os profissionais da escola que ressaltam nas expressões a qual vem ocorrendo dentro do ambiente escolar e mais especificamente dentro da sala de aula tais como: Queda no rendimento escolar; não há cuidados com o material didático, ocasionando constantes perdas dos materiais de uso diário; Faltas nas aulas sem justificativa plausível; Falta de compromisso com os deveres escolares dentro e fora da sala de aula; Movimentação física constante dentro da sala de aula; Uso de vocabulário inadequado (palavrões) para agredir colegas e direcionados a alguns professores. (entre outros).

3.5.1 Breve histórico

É importante destacar que as diretrizes para o enfrentamento do desempenho escolar estejam alinhadas com o projeto político pedagógico da escola, e que as ações reflitam a visão pedagógica da escola. O desempenho escolar tem sido tema nas mais variadas conversas, em artigos de revistas e jornais, dentro ou fora das escolas. No entanto, pouco tem sido feito na tentativa de amenizar este grave problema.

Uma das saídas para tentar amenizar este problema pode ser encontrada através da relação de afeto entre educadores e alunos, porém, a escola muitas vezes ignora, preocupando-se apenas com os conteúdos e técnicas. As relações conflituosas, enfrentadas no dia-a-dia do processo educacional, acabam interferindo na atividade intelectual, e isso pode interferir no desempenho escolar.

Conhecendo seus alunos, onde uma grande parte vive em dificuldades, muitos passam fome, não se respeitam, vêm para a escola

simplesmente por vim, não tem perspectiva de dias melhores, escolhendo a melhor forma de trabalhar com eles, o educador propiciará excelentes oportunidades para elevar o rendimento escolar dos educandos, elevando também o auto conceito, tornando a aprendizagem mais agradável e produtiva.

3.6 Universo, amostra e amostragem da pesquisa

O universo da pesquisa foi composto pela direção, professores, pais e alunos do 6° ao 9° ano do Ensino Fundamental II, compreendendo uma população de 326 pessoas sendo: 200 alunos, 24 professores, 100 pais, uma diretora e uma coordenadora.

Conforme o dicionário Aurélio (FERREIRA, 2010, p. 614) universo/população é compreendido como conjunto de elementos com determinada característica e cujas propriedades podem ser estudadas a partir de subconjuntos denominados amostra.

A teoria de amostragem baseia-se no conceito da amostra aleatória simples. É aquela amostra que seleciona indivíduos do universo de forma completamente aleatória. Sendo assim, todos os indivíduos devem ter a idêntica probabilidade (sem ser nula) de serem selecionados na amostra.

Quando fazemos uma pesquisa, ou utilizamos algum mecanismo para obter informações, um dos objetivos principais é coletar dados de uma pequena parte de um grande grupo e aprender então alguma coisa sobre esse grupo maior.

A amostragem foi intencional e probabilística, intencional, pois, todos tiveram a mesma probabilidade de serem incluídos na amostra:

A amostragem é realizada com base numa parte representativa da população da pesquisa. Uma amostra é considerada representativa quando ela apresenta as mesmas características gerais da população da qual foi extraída. (CARVALHO, 2006, p. 01)

3.7 Metodologia: Classificação, Fundamentação, Instrumentos

Esta pesquisa foi classificada como um estudo de caso quanto ao delineamento do procedimento técnico por utilizar entrevistas como coleta de dados, foi também quanti-qualitativa quanto à abordagem do problema e exploratória no que diz respeito aos objetivos.

O estudo de caso é um método potencial de pesquisa quando se deseja entender um fenômeno social complexo, pressupõe um maior nível de detalhamento das relações entre os indivíduos e as organizações, bem como dos intercâmbios que se processam com o meio ambiente dos quais estão inseridos. O foco temporal é outro elemento decisivo para a escolha do método. (YIN, 2001, p. 43)

O Estudo de caso investiga o fenômeno contemporâneo dentro de um contexto de vida real, no qual os comportamentos não podem ser manipulados, mas onde é possível fazer entrevistas diretas e sistemáticas. Caracteriza-se pela capacidade de lidar com uma completa variedade de evidências – documentos, artefatos, entrevistas e observações (YIN, 2001).

3.8 Instrumento para a coleta de dados

A entrevista será de forma estruturada onde os questionários foram realizados com perguntas fechadas seguindo um roteiro previamente estabelecidos com os diversos protagonistas educativos (alunos, professores, diretora e coordenadora e pais de alunos) para detectar suas atitudes diante do desempenho escolar.

O questionário (em anexo 1) aplicado no presente estudo foi feita em sorteio aleatório e entregue em mãos de forma impressa, de forma a coletar os dados necessários para a realização do estudo. A opção por este instrumento foi pelas seguintes razões: custo mais baixo, padronização das perguntas, maior facilidade para análise dos dados em

função da uniformidade das respostas e manutenção do anonimato dos respondentes.

O questionário foi submetido a sua aplicação com: 20 pais, 20 alunos e 10 professores, o sorteio e distribuição foi realizado pelo próprio pesquisador buscou-se obter as seguintes informações: grau de escolaridade, aprovação e reprovação, avaliações coerentes, renda familiar, o que possui em casa, gosto pelo estudo, importância da escola para o futuro, questões sociais, políticas, acesso à internet, tv por assinatura, empenho da equipe, contribuição para a aquisição de conhecimentos, dentre outras questões. Todos os sorteados entregaram o questionário respondidos a maioria dentro do prazo estabelecido e combinados.

Segundo Malhotra (2001), para populações infinitas, ou em contextos de constante mudança, o estudo estatístico pode ser realizado com a coleta de parte de uma população (amostragem), denominada amostra.

Amostra é um subgrupo de uma população, constituído de unidades de observação e que deve ter as mesmas características da população, selecionadas para participação no estudo. O tamanho da amostra a ser retirada da população é aquele que minimiza os custos de amostragem e pode ser com ou sem reposição

Os resultados estão apresentados em gráficos com o objetivo da compreensão do desempenho escolar dos alunos de uma escola de zona rural, estes dados foram extraídos das análises e interpretações das respostas dos protagonistas educativos contidas nos questionários aplicados, por eles respondidos.

Esta metodologia foi escolhida pelo fato de ser a que mais se enquadra nos propósitos do trabalho, tendo todos os mecanismos precisos para elaboração e execução desta tese, principalmente por proporcionar a utilização do método de análise de conteúdo para efetuar a análise dos dados coletados.

3.9 A relação estrutura física e ensino-aprendizagem como componente da organização escolar

A escola funciona em dois períodos: manhã e tarde, atende alunos do 1º ao 9º do Ensino Fundamental. Foi observado nas demais salas de aula, que as instalações físicas são bastante semelhantes, apresentam problemas relacionados a aparelhos: ventiladores, portas, iluminação e pintura, precisam passar por melhorias, para que o ambiente educacional influencie de forma positiva sobre o ensino-aprendizagem nas aulas em geral.

A deficiência de infraestrutura nas escolas segundo Satyro e Soares (2007, p.07) afeta diretamente a qualidade da educação. Prédios e instalações inadequadas, a inexistência de bibliotecas, espaços esportivos e laboratórios, a falta de acesso a livros didáticos, materiais de leitura, a relação inadequada ao tamanho da sala de aula e o número de alunos, são problemas que influenciam diretamente no desempenho dos alunos

A escola possui 10 salas de aulas, há uma sala para a coordenação e uma para os professores. Além de uma sala de atendimento educacional especializado com a presença de um psicopedagogo.

Possui também uma sala para a direção, uma para a secretária, uma sala de proinfo (programa de informática). Apresenta uma cozinha (com dois freezers, um fogão, e uma geladeira) e uma dispensa. Disponibiliza ainda um bebedouro, dois pátios (sendo um na parte da frente e outro nos fundos), possui também dois banheiros destinados para os alunos.

Segundo a gestão escolar a manutenção e a conservação das instalações físicas são feitas com recursos dos programas do FNDE e recursos próprios da Prefeitura Municipal. Esta escola dispõe de um Datashow, mapas, globos, livros didáticos e paradidáticos, jogos, material dourado, entre outros recursos.

Mas como trabalhar sem as devidas estruturas escolares? Nesta compreensão, Satyro e Soares (2008) nos ensinam que não é possível falar de infraestrutura escolar sem falar sobre os insumos, pois:

Insumos escolares são entendidos como infraestrutura de todo tipo: número médio de alunos por turma, número de horas/aula, docentes com formação superior, construção e melhoria das dependências da escola, existência de biblioteca ou sala de leitura e outros aspectos positivos. Infraestrutura é, nesse caso, tudo aquilo que o dinheiro pode comprar (Satyro e Soares 2008, pag.09).

Uma das saídas para tentar amenizar este problema pode ser encontrada através da relação de afeto entre educadores e alunos, pois temos alunos com dificuldade financeira, que não possuem um celular, um notebook, esses alunos são de zonas rurais, comunidades isoladas, que se não aproximarmos e adotarmos este, não consegue acompanhar e acaba sendo mais uma vítima da sociedade, porém, a escola muitas vezes ignora, preocupando-se apenas com os conteúdos e técnicas.

3.10 Recursos Humanos

A complexidade do mundo moderno, caracterizado por instabilidade e incertezas, obriga as empresas a se posicionarem com um mínimo de antecipação para enfrentarem esse ambiente de mudanças, o que torna vital o exercício gerencial de planejamento do empreendimento.

A equipe gestora é composta por um diretor, uma vice-diretora e uma coordenadora e um secretário escolar, o diretor formado em Geografia e possui pós-graduação em Geografia e meio ambiente e experiência em gestão de 9 anos. A carga horária de trabalho é de 40 horas semanais e quando perguntada se esta carga horária atende a necessidade da escola, a resposta foi positiva.

A vice-diretora é formada em Letras com Inglês, possui 40 horas de trabalho e a mesma diz que essa carga horária atende a necessidade da

escola. Atua na educação há 24 anos nesta mesma escola e há cinco anos na gestão escolar.

A coordenadora é graduada em matemática, pós-graduada em matemática, cursando mestrado. A mesma afirma que sua carga horária atende a necessidade da escola.

No caso da educação,

A gestão de recursos se refere aos processos diretivos de obtenção, distribuição e articulação de recursos humanos, financeiros e materiais necessários para alcançar as metas de aprendizagem e desenvolvimento dos estudantes de determinado estabelecimento educativo. Os critérios relativos à gestão de pessoas consideram as ações destinadas à implementação de estratégias para melhor utilização dos recursos humanos, o desenvolvimento do trabalho em equipe e a geração de um ambiente de trabalho adequado e motivador. [...]. (FORTUNATI, 2007, p. 53)

Há de se levar em consideração não só os professores, como costumam fazer, mas todos aqueles que trabalham em uma escola, pois

Todos os envolvidos no processo educativo são importantes, são eles os atores do cotidiano escolar que dão o complemento ao que não está completo, os alunos vão para aprender, os professores para ensinar e os funcionários para dar suporte a este conjunto das mais variadas formas. Entretanto, o que visualizamos no dia a dia da escola pública em geral é uma descaracterização de algumas funções de apoio, onde não ficam bem claras as suas obrigações e também acabam por deixar muitas vezes de cumprir suas tarefas por esta falta de organização. (SCHNEIDER, 2009, p. 59).

3.11 Gestão Escolar

A escola dispõe de recursos financeiros: dos programas do governo federal do PDDE, MAIS EDUCAÇÃO, ATLETA NA ESCOLA. A diretora utiliza esses recursos para a compra de materiais de uso didático, como: colas, tesouras, emborrachados, cartolinas, papel ofício, tinta para impressora, entre outros materiais.

Ficando por conta da prefeitura o conserto da estrutura física do prédio da instituição de ensino, como: pintura, reboco, entre outros. O

sistema de efetuação das despesas e sua forma de controle são utilizados na instituição através das reuniões do conselho escolar.

Segundo a coordenadora o “Conselho de Classe é realizado a partir de uma discussão coletiva dentro da escola oriunda das reuniões mensais, nas quais são apontadas as dificuldades dos alunos, professores e instituição, a fim de melhorá-la”. A coordenadora falou também, que na escola existe o Conselho Escolar representado por: pais, estudantes, professores, demais funcionários, membros da comunidade local e o diretor da instituição.

A escola tem como proposta pedagógica orientar suas ações em busca da efetivação de seus objetivos, através de um currículo que valorize a interação constante entre seus membros, entre a escola e a família. A família participa de forma efetiva dos diversos momentos da construção do conhecimento e das decisões que definirão os rumos da escola. Contribuindo assim de forma real para a formação da pessoa humana e para mudança da sociedade.

Segundo o PPP (Projeto Político Pedagógico) da instituição, no momento da construção da proposta pedagógica houve participação de todos os atores envolvidos no processo ensino aprendizagem.

A escola tem como objetivo geral oferecer condições ao aluno de uma aprendizagem voltada às necessidades sócio histórico e cultural, levando-o a ter uma visão crítica para exercer sua cidadania dentro e fora da instituição escolar. Especificamente objetiva aperfeiçoar a gestão da escola, favorecer a aprendizagem dos alunos, excluindo os fatores que incidem na repetência; integrar a escola à comunidade através de reuniões sistemáticas onde serão discutidos os problemas,

Os avanços ou recuos do processo educativo; assegurar as pessoas com deficiência, transtorno globais de desenvolvimento e Altas Habilidades/ Superlotação a efetivação do direito ao acesso à educação e a oferta do Atendimento Educacional Especializado (AEE), criando condições para a plena participação e aprendizagem.

Desenvolver coletivamente, as metas estabelecidas no plano de ação da escola; conhecer e respeitar as atribuições de todos os segmentos da escola proporcionando uma responsabilidade coletiva; inserir os jovens e adultos de nossa comunidade escolar no processo de desenvolvimento político, social, afetivo e intelectual.

Quanto à prática sócio político educativo pedagógico, atualmente a escola se dedica a um projeto de leitura com foco na literatura de cordel, no PPP há um cronograma de atividades, eventos sociais educativos e culturais como: olimpíadas, festas de são João, dia das mães, dias dos pais, oficina de leitura, projetos, feira de conhecimentos, gincana folclórica, palestras educativas, entre outros.

Para ter bons resultados e uma educação de qualidade é necessário que todos os setores da escola estejam engajados e comprometidos com a coletividade. Com isso Dourado ressalta:

Construir uma nova lógica de gestão, que conte com a participação da sociedade e dos atores diretamente envolvidos com a prática pedagógica, implica rever o modelo adotado pelos sistemas públicos, cuja estruturação e funcionamento vivem até hoje características de um modelo centralizador. (2006, p.59).

A participação coletiva no processo educacional é a forma mais prática de formação para cidadania. A educação para a cidadania é pertinente no processo democrático para a tomada de decisão, quando há a participação coletiva e com o mesmo objetivo no processo de ensino e aprendizagem.

As relações entre gestão escolar, funcionários e alunos, precisam ser harmoniosas, de respeito e consideração, nos aspectos afetivos, emocionais e de submissão. Para que isso aconteça Libâneo orienta:

Quem ocupa cargo de liderança como diretor ou coordenador pedagógico precisa despor-se do posicionamento de predominante autocrático para possibilitar o desenvolvimento de um clima em que todos contribuam com ideias, críticas, encaminhamentos, pois a gestão e participação pedagógica pressupõem uma educação democrática. (1996, p.200).

Diante disso só se alcança eficiência na gestão escolar, quando todos os envolvidos no processo educacional, sintam – se confiantes na condução dos trabalhos, para ouvir e partilhar as suas informações.

3.12 Matriz Curricular

A Matriz Curricular é um documento norteador da escola. É o ponto de partida de sua organização pedagógica. É a partir da matriz que se define que componentes curriculares serão ensinados na escola.

Os currículos do ensino fundamental contemplam a base nacional comum e a parte diversificada prevista na LDB, com componentes curriculares e carga horária diversificada (semanal/anual) claramente definida.

A matriz curricular corresponde às exigências da LDB e vai de acordo com o calendário e a carga horária prevista pela gestão em conjunto com a coordenação. Ao investigar o PPP da escola todos os fatores que envolvem o currículo estão de acordo com a LDB 93,94/96 e com as demais leis existentes.

Segundo a LDB 9394/96, Art. 26, “os currículos do ensino fundamental e médio devem ter uma base nacional comum, a ser complementada, em cada sistema de ensino e estabelecimento escolar, por uma parte diversificada, exigida pelas características regionais e locais da sociedade, da cultura, da economia e da clientela”

3.12.1 Matriz curricular da escola:

1. “O ensino religioso é componente curricular obrigatória para os estudantes (Lei 9475/1997)”;
2. “a educação física é componente curricular obrigatório da educação básica, sendo sua prática facultativa ao estudante nos tempos do 3º parágrafo do artigo 26 da LDB 93,94/96 (Lei 10.793/2003)”;
3. “Módulo- aula: 50 minutos.”

O tempo previsto para cada componente curricular claramente definido é seguido pelos professores. e trabalhando todo conteúdo que se pretende no ano letivo, a carga horária é de fato cumprida.

O calendário Escolar estabelece início e término de cada período letivo, feriado nacional e municipal, período de matrícula, período de avaliação e recuperação, reposição de aulas, atividades extras curriculares, eventos e recessos escolares.

3.13 Professores

Professor ou docente é uma pessoa que ensina ciência, arte, técnica ou outros conhecimentos. Para o exercício dessa profissão, requer-se qualificações acadêmicas e pedagógicas, para que consiga transmitir/ensinar a matéria de estudo da melhor forma possível ao aluno.

É uma das profissões mais importantes, tendo em vista que as demais, na sua maioria, dependem dela. Já Platão, na sua obra A República, alertava para a importância do papel do professor na formação do cidadão.

Fazendo um levantamento na formação dos professores constatei que 100% são graduados e que uma grande maioria tem pós-graduação, mas o que percebe é que a formação não está compatível com a atuação em sala de aula. ou seja, a formação é uma e a atuação é outra.

Uma parte dos professores desta instituição possui 40 horas na mesma escola, outros estendem a sua carga horária em outro município,

tendo que fazer o deslocamento na correria para dar conta do compromisso, o seu tempo é escasso para atender as demandas da escola, para participarem de reunião de pais e outras atividades tem que ser de acordo com a disposição do professor.

Mas se observa que as aulas são planejadas e que os alunos alcançam o esperado nas atividades propostas, somente aqueles que tem dificuldades de aprendizagem, por ter distúrbios psicológicos, outros por ser down, ter problemas de audição, mas a escola possui uma sala de atendimento especializado para atender essa demanda.

Além de ser um educador, o professor tem um papel fundamental dentro da escola e se reflete em toda a sociedade, pois ele é um agente ativo na formação de um cidadão. ... atua como gestor de aprendizagem, o professor tem um poder de influência para orientar e motivar seus alunos.

É de suma importância o professor conhecer o aluno, pois assim saberá o que ensinar, para que e para quem. Dessa forma, Libâneo:

afirma que o professor medeia à relação ativa do aluno com a matéria, inclusive com os conteúdos próprios de sua disciplina, mas considerando o conhecimento, a experiência e o significado que o aluno traz à sala de aula, seu potencial cognitivo, sua capacidade e interesse, seu procedimento de pensar, seu modo de trabalhar. (LIBÂNEO 1998, p.29)

A sociedade sempre está em processo de transformação e de mudança constante, nesse sentido o conhecimento de mundo ou o conhecimento prévio do aluno tem de ser respeitado e ampliado. Ensinar bem não significa repassar os conteúdos, fazer dos alunos apenas meros decoradores de conteúdos, mas levar o aluno a pensar, criticar.

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

Segundo a enciclopédia livre (2011) a análise de dados é a atividade de transformar um conjunto de dados com o objetivo de poder verificá-los melhor, dando-lhes ao mesmo tempo uma razão de ser uma análise racional, e analisar os dados de um problema e identificá-los. A análise de dados possui diferentes facetas e abordagens, incorporando diversas técnicas.

Os resultados dos dados desta pesquisa que veremos a seguir foram extraídos das análises e interpretações das respostas dos participantes educativos contidas nos questionários aplicados por eles respondidos.

E nesta perspectiva, tentar responder as questões levantadas nos objetivos específicos, para podermos:

- Identificar os fatores que prejudicam o desempenho escolar dos alunos dos Anos Finais do Ensino Fundamental;
- Averiguar as condições socioeconômicas dos alunos dos Anos Finais do Ensino Fundamental;
- Analisar o processo de Avaliação adotado pela escola nas referidas turmas.

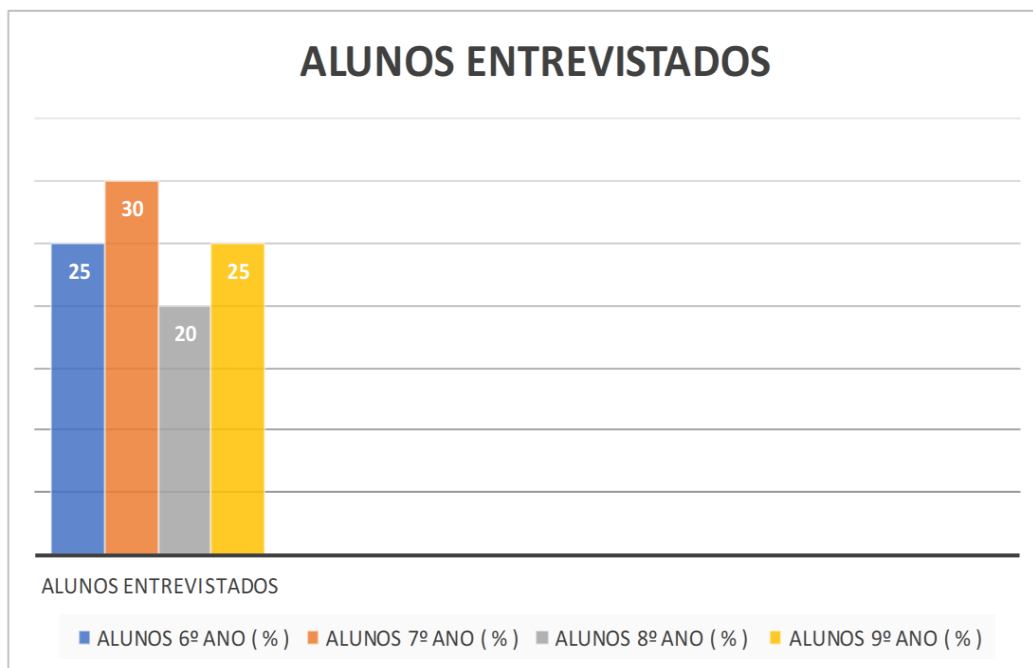
Neste caso, trata-se de um levantamento sobre os indicadores para determinar a eficácia do Desempenho Escolar do Ensino Fundamental de uma escola pública de zona rural.

4.1 Apresentações e análise de resultados

A seguir encontram-se os resultados da pesquisa, eles serão apresentados por meio de gráficos de coluna em análise de porcentagem, bem como a interpretação em texto, para melhor compreensão e entendimento.

GRÁFICO 1 ALUNOS ENTREVISTADOS

O gráfico a seguir refere o número de alunos pesquisados, mostra o quantitativo de alunos em porcentagens, perfazendo um número total de 20 alunos conforme citado no capítulo anterior.



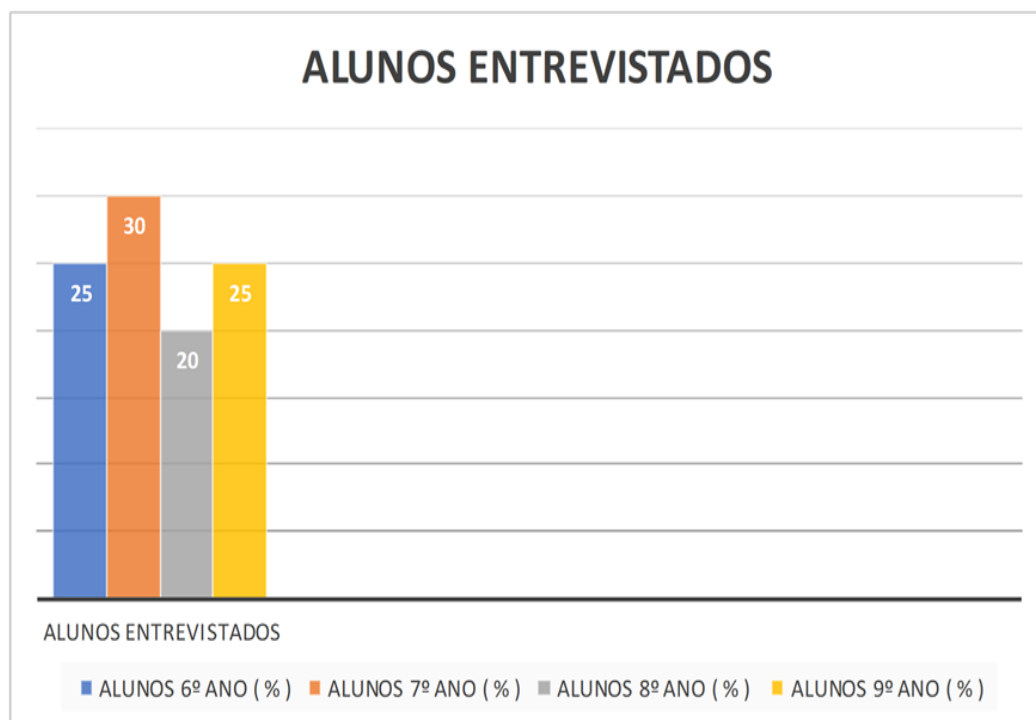
FONTE: Questionário feito pelo entrevistador. (2019)

O gráfico 1 mostra a porcentagem de alunos entrevistados, da escola municipal numa zona rural. A pesquisa foi realizada pelo entrevistador, com uma amostragem de 20 alunos, através de sorteio aleatório em todas as turmas com alunos do Ensino Fundamental do 6º ao 9º ano.

Notamos que a quantidade de alunos por turmas não houve muita diferença em variação ficando uma porcentagem equilibrada entre as turmas pesquisadas.

GRÁFICO 2 O COTIDIANO DO ALUNO NA ESCOLA

O gráfico a seguir retrata e analisa as categorias do cotidiano dos alunos na escola, referente ao cotidiano e os acontecimentos diários no ambiente escolar.



FONTE: Questionário feito pelo entrevistador. (2019)

O gráfico 2 nos mostra uma porcentagem de uma entrevista com 20 alunos das turmas do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental II. Foram analisados o cotidiano que envolve os alunos na instituição no nível da avaliação do rendimento escolar realizadas pela a escola, os dados nos mostra que 5% nunca acham difíceis, outros 60% dos alunos acham algumas vezes difíceis, outros 25% acham que são difíceis na maioria das vezes e 10% acham difíceis todas as vezes.

Na pergunta sobre o gosto pelo o estudo percebemos também que 50% gostam de estudar, outros 30% algumas vezes não gostam de estudar, outros 10% na maioria das vezes não gostam de estudar e outros 10% todas as vezes não gostam, diante destas respostas

analisamos que uma sala de aula nessas condições vai dificultar o ensino e a aprendizagem, pois um vem com um pensamento, com desejos de estudar e ser alguém na vida e outros para simplesmente ocupar um pouco do tempo. Neste mesmo gráfico foi questionado a que horas os alunos precisam se cuidar para sair de casa para vir a aula e os dados nos mostram que 35% dos alunos nunca não precisam levantar muito cedo, outros 5% nas maiorias das vezes levantam muito cedo, enquanto 60 % precisam levar muito cedo todas as vezes.

Os dados nos mostram que 65% dos alunos vem pra escola já alimentado, outros 25% algumas vezes vem sem alimentar e outros 10% vem sem alimentar todas as vezes.

Fazendo com que esses alunos não têm tempo suficiente para tomar café, vindo a escola com as condições de ficarem o tempo todo participando das aulas e interagindo com elas, fazendo as atividades propostas, comportando como se deve, logo deixa de praticá-los e começa a comportar mal, chamando a nossa atenção.

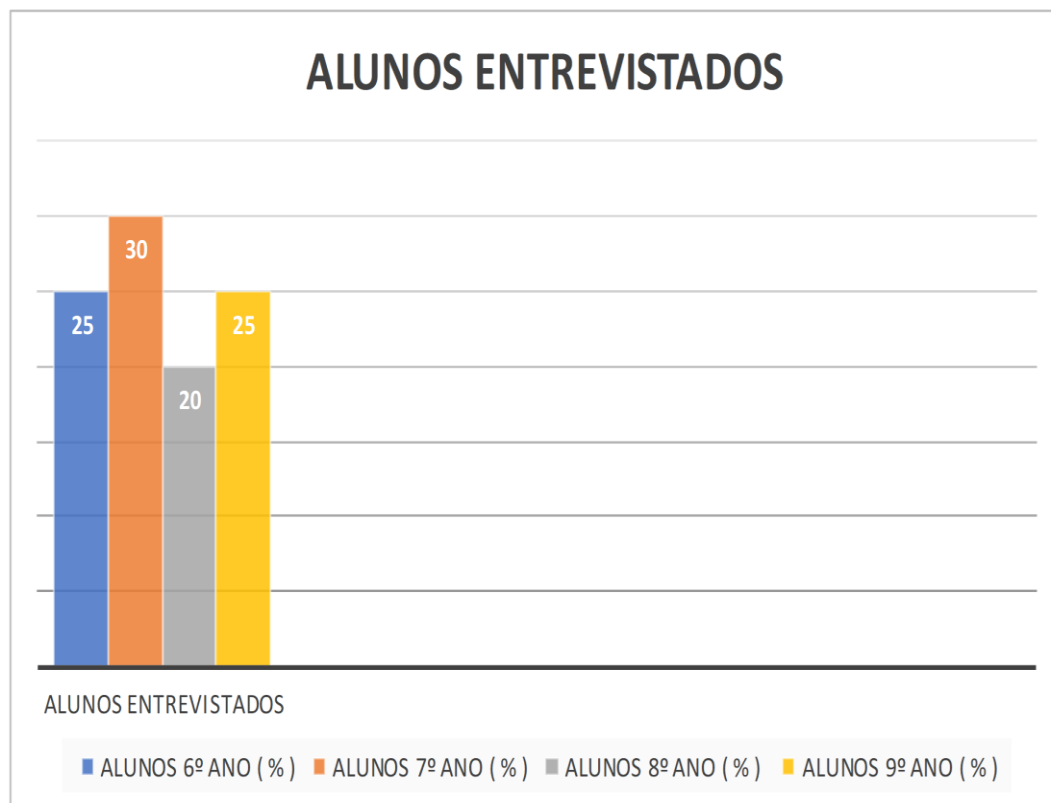
Percebemos de um modo geral que os dados nos mostram uma variação nos resultados dos gráficos pesquisados.

O cotidiano escolar tem que ser um lugar favorável, aconchegante, lugar que sintam propício estar, que convive com harmonia e desejo, pois um ambiente agradável tem uma grande influência na aquisição de conhecimentos.

Moço (2010) baseia-se na ideia de que brincando a criança desenvolve a capacidade de imaginar, se insere na cultura, na sociedade e aprende a viver em grupo. Sozinha ou com os amigos, ela usa todos os recursos de que dispõe para explorar o mundo, ampliar sua percepção sobre ele (e sobre si mesma), organizar o pensamento e trabalhar com afetos e sentimentos. Isso tudo ocorre num grau ainda maior quando o brincar envolve o chamado faz de conta. (MOÇO, 2010, p. 38).

GRÁFICO 3 ÍNDICE DE REPETÊNCIA

O gráfico abaixo mostra o índice de desempenho em relação a reprovação na vida escolar dos alunos, no âmbito educacional.



FONTE: Questionário feito pelo entrevistador. (2019)

Segundo Ferreira (1998), a expressão fracasso pode ser entendida como: desgraça; desastre; ruína; perda; mau êxito; malogro. Então, fracasso escolar seria o mau êxito na escola, caracterizado, na compreensão de muitos, como reprovação e evasão escolar.

Consideramos essa expressão em seu sentido mais amplo: além da reprovação e da evasão, a aprovação com baixo índice de aprendizagem, retratado nas escolas pela aprovação por Conselho de Classe. Este tipo de procedimento muito nos preocupa, pois significa que o aluno estaria reprovado, já que não aprendeu o mínimo necessário para aprovação.

Segundo Maria Helena de Souza Patto (1987),

... O fracasso da escola pública elementar é o resultado inevitável de um sistema educacional congenitamente gerador de obstáculos à realização de seus objetivos. Reprodução ampliada das condições de produção dominantes na sociedade que as incluem, as relações hierárquicas de poder, a segmentação e a burocratização do trabalho pedagógico, marcas registradas do sistema público de ensino elementar, criam condições institucionais para a adesão dos educadores à similaridade, a uma prática motivada acima de tudo por interesses particulares, a um comportamento caracterizado pelo descompromisso social. (PATTO, 1987, p.01)

É incrível, mas muito pouco tem sido feito para reverter o quadro do fracasso escolar. Além do que, há sérios indícios de que também pode haver problemas nas escolas e no sistema educacional. Sabemos que, quando um aluno é reprovado, ele é taxado de incapacitado para prosseguir os estudos e essa condição afeta bastante sua autoestima de forma negativa.

Estudos já comprovaram que a repetência não leva o aluno a uma aprendizagem melhor no ano seguinte, isto é, repetência não é sinônimo de melhoria na aprendizagem e bom desempenho nos anos seguintes.

O gráfico 3 nos mostra que 80% dos alunos nunca repetiu um ano, observando parece ser um número significativo, alunos considerados aptos para seguir em desenvolvimento e se dar bem na vida, o que nos chama a atenção são os dados a seguir: 10% repetiu o ano escolar uma vez nesta escola, outros 5% repetiu uma vez em outra escola e outros 5% repetiu duas ou mais vezes.

Observando os índices dos que nunca repetiram parece ser dados relevantes, mas não é, pois em linha geral 20% dos alunos são oriundos de reprovações no decorrer da vida estudantil, poderia ser melhor, pois esses números não são o suficiente, e não satisfatório, sempre cientes que reprovar não é a melhor maneira, não muda o comportamento, não muda o pensamento, aumenta a desmotivação, o desejo de superar dificuldades.

GRÁFICO 4 A IMPORTÂNCIA DA ESCOLA PARA O FUTURO

O gráfico a seguir mostra a distribuição em porcentagem sobre a importância da escola para a perspectiva de futuro na análise dos alunos.



FONTE: Questionário feito pelo entrevistador. (2019)

O gráfico 4 tem a intenção de pesquisar e saber a importância da escola para o futuro dos alunos, e estes nos mostram que 10% dos alunos considera a escola com pouca importância, outros 65% acham a escola importante, outros 20% acham decisiva e outros 5% não sabe a importância da escola para o futuro.

Segundo Young (2007), [...] as escolas devem cumprir um papel importante em promover a igualdade social, elas precisam considerar seriamente a base de conhecimento do currículo, mesmo quando isso parecer ir contra as demandas dos alunos (e às vezes de seus pais). As escolas devem perguntar: “Este currículo é poderoso?”. Para crianças de

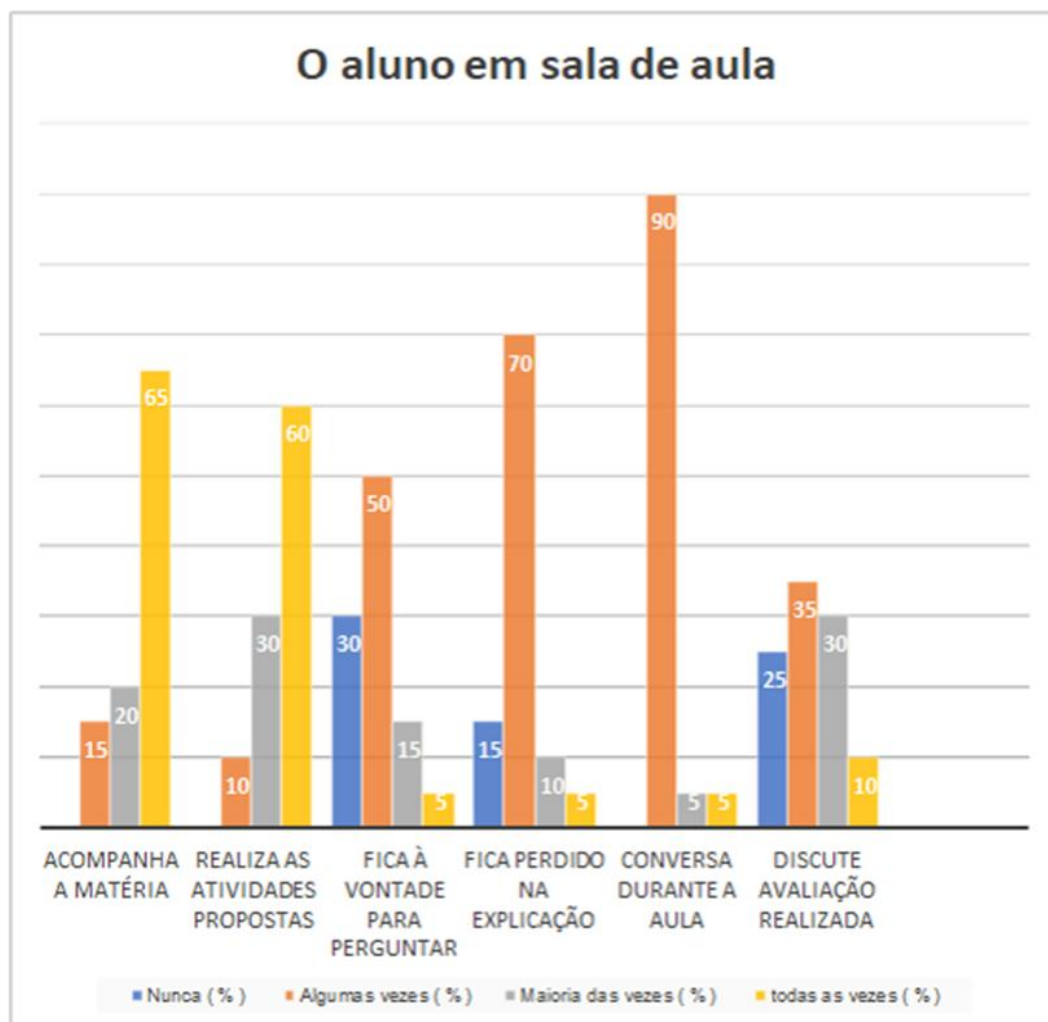
lares desfavorecidos, a participação ativa na escola pode ser a única oportunidade de adquirirem conhecimento poderoso e serem capazes de caminhar, ao menos intelectualmente, para além de suas circunstâncias locais e particulares. Não há nenhuma utilidade para os alunos em se construir um currículo em torno da sua experiência, para que este currículo possa ser validado e, como resultado, deixá-los sempre na mesma condição. (YOUNG, 2007, p. 1297).

Os resultados nos revelam que 15% dos alunos não compreendem a importância da escola para o sucesso das sociedades, sendo necessários um trabalho de motivação maior para chamar a atenção, para entender a importância dos estudos para o meio que se vive.

Devemos nos preocupar em mostrar a importância da escola para que os envolvidos no processo educacional não fiquem à mercê da sociedade e cai no marasmo dos problemas ilícitos e sem solução que nos envolve de tomarmos pessoas conscientes, críticas e participativas.

GRÁFICO 5 O ALUNO EM SALA DE AULA

O gráfico abaixo mostra a quantificações das categorias que cerca o cotidiano do aluno em sala de aula.



FONTE: Questionário feito pelo entrevistador. (2019)

O gráfico 5 nos retrata o cotidiano dos alunos em sala de aula, mostra que 15% dos alunos pesquisados acompanha a matéria algumas vezes, outros 20% na maioria das vezes acompanha a matéria e outros 60% dos alunos acompanha a matéria todas as vezes.

Mostra também que em relação as atividades propostas :10% dos alunos realiza algumas vezes, outros 30% na maioria das vezes e outros 60% todas as vezes.

Na questão em ficar à vontade para perguntar: 30% nunca, 50% algumas vezes 15% na maioria das vezes e 5% todas as vezes.

Outra questão relacionada quanto ao aluno ficar perdido na explicação: 15% nunca, 55% algumas vezes, 10% maioria das vezes e 5% todas as vezes.

Os dados mostram que 90% dos alunos algumas vezes conversa durante a aula, outros 5% na maioria das vezes e outros 5% todas as vezes.

Outra questão sobre as avaliações realizadas: 25% nunca discutem, outros 35% discutem algumas vezes, outros 30% discutem na maioria das vezes e 10% discutem todas as vezes.

Na pesquisa os dados nos mostram que 35% dos alunos não acompanha a matéria na íntegra, dificultando assim a compreensão das atividades e conteúdos propostos, destes 40% não realiza as atividades propostas pelos professores, dificultando o acompanhamento.

Outro dado importante que chama atenção, e que não contribuem com o processo de ensino e aprendizagem, nos assusta são os 70% dos alunos de uma forma ou de outra que não questiona o suficiente sobre as atividades propostas, deixando assim 85% dos alunos perdidos na explicação dos conteúdos e atividades propostas.

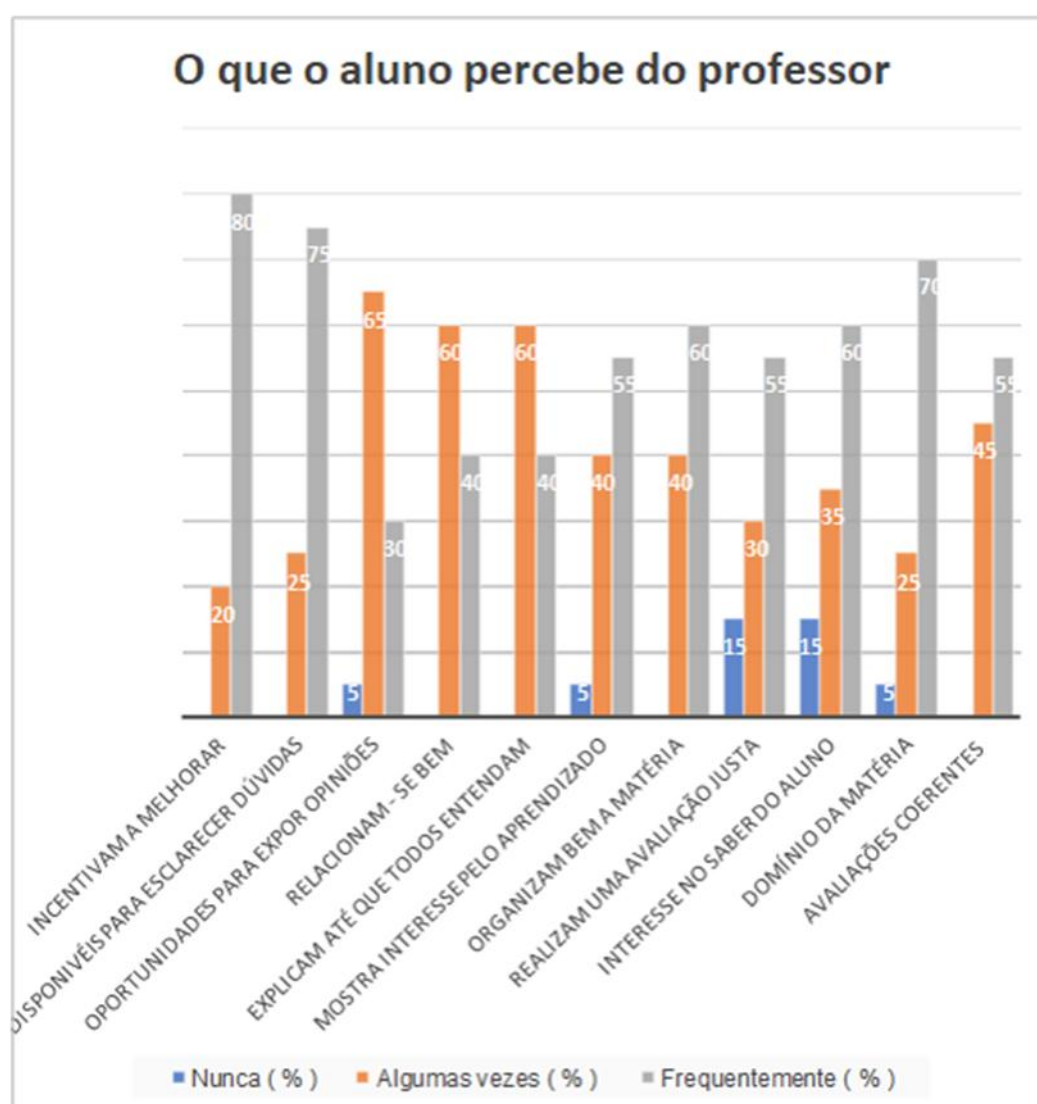
E diante dos fatos de muitos alunos ficarem perdidos na explicação dos conteúdos e das atividades propostas, neste índice muito alto, alarmante que não perguntam, para sanar as dúvidas, ter compreensão do que lhe foi apresentado para alcançar uma boa aprendizagem consequentemente, gera incompreensão e o não entendimento.

Num patamar alarmante em análise minuciosa sobre conversas em sala de aula constatamos que em linha geral 100% dos alunos de uma forma mais e menos moderado conversam em sala de aula. E essa grande maioria conversa muito durante as aulas, dá a entender que as aulas não estão interessantes, não lhe traz conforto e prazer, e assim ficam em conversas paralelas atrapalhando a aula.

Os resultados dos alunos sobre discussão das avaliações realizadas, ou seja, a análise dos erros e acertos são altos os índices, os dados nos revelam que 75% desses alunos não se preocupam em observar e discutir as avaliações realizadas nos semestres letivos.

GRÁFICO 6 O QUE O ALUNO PERCEBE DO PROFESSOR

O gráfico a seguir mostra a quantificação em porcentagens sobre a ideia que o aluno percebe sobre o perfil do professor em sala de aula



FONTE: Questionário feito pelo entrevistador. (2019)

O gráfico 6 nos mostra que em todas as perguntas feitas na entrevista se alcançou a opção frequentemente em média de 60%, percebe-se que em algumas vezes alcançou uma média de 50%, e o mínimo escolheram a opção nunca uma média de 5%.

Muitos professores não compreendem a importância da dimensão do seu papel na vida dos alunos, que a tarefa docente tem um papel social e político insubstituível.

O professor precisa entender o real significado de seu trabalho, sendo necessário que saiba um pouco mais sobre sua identidade e a história de sua profissão.

Teríamos que conseguir que os outros acreditem no que somos. Um processo social complicado, lento, de desencontros entre o que somos para nós e o que somos para fora [...] somos a imagem social que foi construída sobre o ofício de mestre, sobre as formas diversas de exercer este ofício. Sabemos pouco sobre a nossa história. (ARROIO, 2000, p.29)

Devemos ter compreensão do real significado de se conhecer a identidade, de onde vem cada um dos membros envolvidos na educação, para assim, conhecer a história de cada um, para aprimorar e colaborar com o desenvolvimento, intelectual, moral e social dos seus discentes.

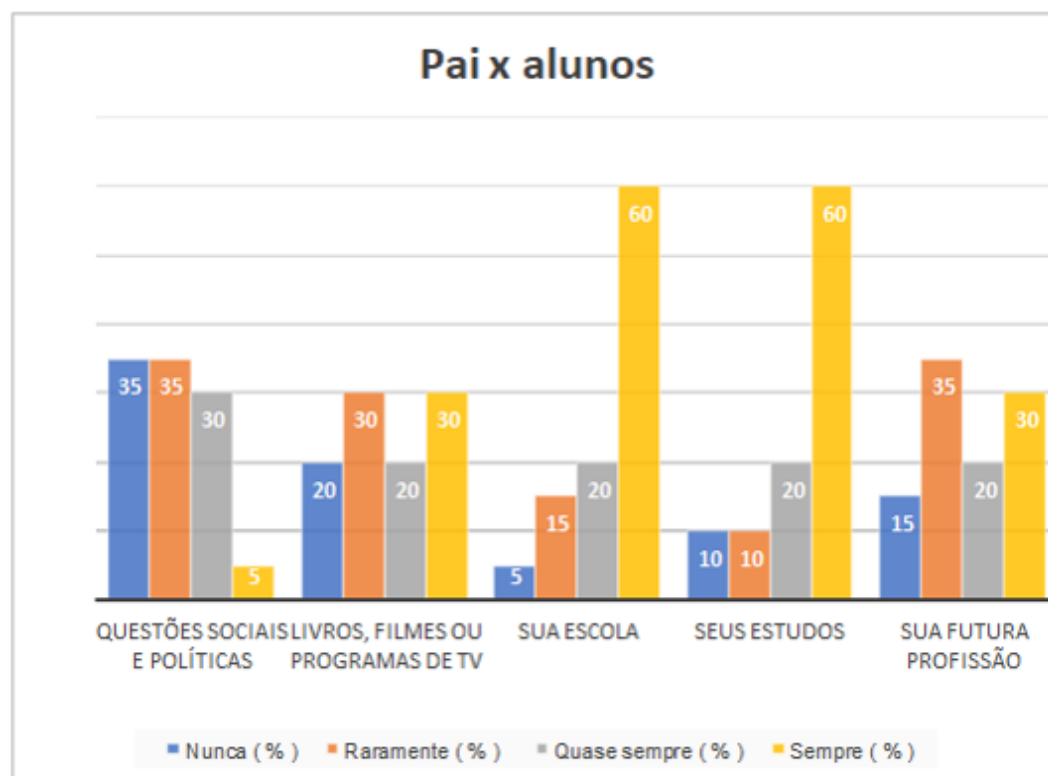
Florestan Fernandes (1989) ressalta que o professor deve pensar politicamente juntando seu papel de educador a seu papel de cidadão para que dessa forma consiga mudanças:

Se o professor pensa que sua tarefa é ensinar o ABC e ignora a pessoa de seus estudantes e as condições em que vivem, obviamente não vai aprender a pensar politicamente ou talvez vá agir politicamente em termos conservadores, pendendo a sociedade aos laços do passado, ao subterrâneo da cultura e da economia. (FERNANDES, p 165, 1989)

Portanto se alcança êxito no processo ensino e aprendizagem, com determinação, coragem e não fazer de conta que se ensina para os alunos não fazer que aprende, e lá na frente perceber que a nossa caminhada não foi em vão.

Gráfico 7 PAI X ALUNOS

O gráfico a seguir propõe a análise em porcentagens sobre o que os pais conversam com os alunos sobre os diversos temas relacionados do cotidiano.



FONTE: Questionário feito pelo entrevistador. (2019)

No gráfico 7 os resultados nos mostram que 35% dos pais nunca conversam sobre as questões sociais e políticas, 35% conversam raramente, 30% quase sempre e 5% conversam sempre.

Diante destes dados percebe-se que sobre livros, filmes ou programas de TV, 20% nunca conversam, 30% conversam raramente, 20% quase sempre e 30% sempre conversam.

Os dados sobre a escola, 5% dizem que nunca conversam, 30% conversam raramente, 20% conversam quase sempre e 60% conversam sempre.

Conversa sobre os estudos: 10% nunca conversa, 10% conversam raramente, 20% quase sempre e 60% sempre conversam.

Os dados relatam também quanto a questão da futura profissão: 15% nunca conversa, 35% conversam raramente, 20% quase sempre e 30% conversam sempre.

Para Tacca (2006), o diálogo é um momento de troca de intimidades que não admite autoritarismo, negligência ou protecionismo; sendo uma ocasião em que se viva a intersubjetividade na responsabilidade mútua. O processo educativo se compõe de forma que tanto alunos como professores devem estabelecer dentro de sala de aula um relacionamento que envolva compromisso e responsabilidade a fim de se almejar uma relação de confiança mútua.

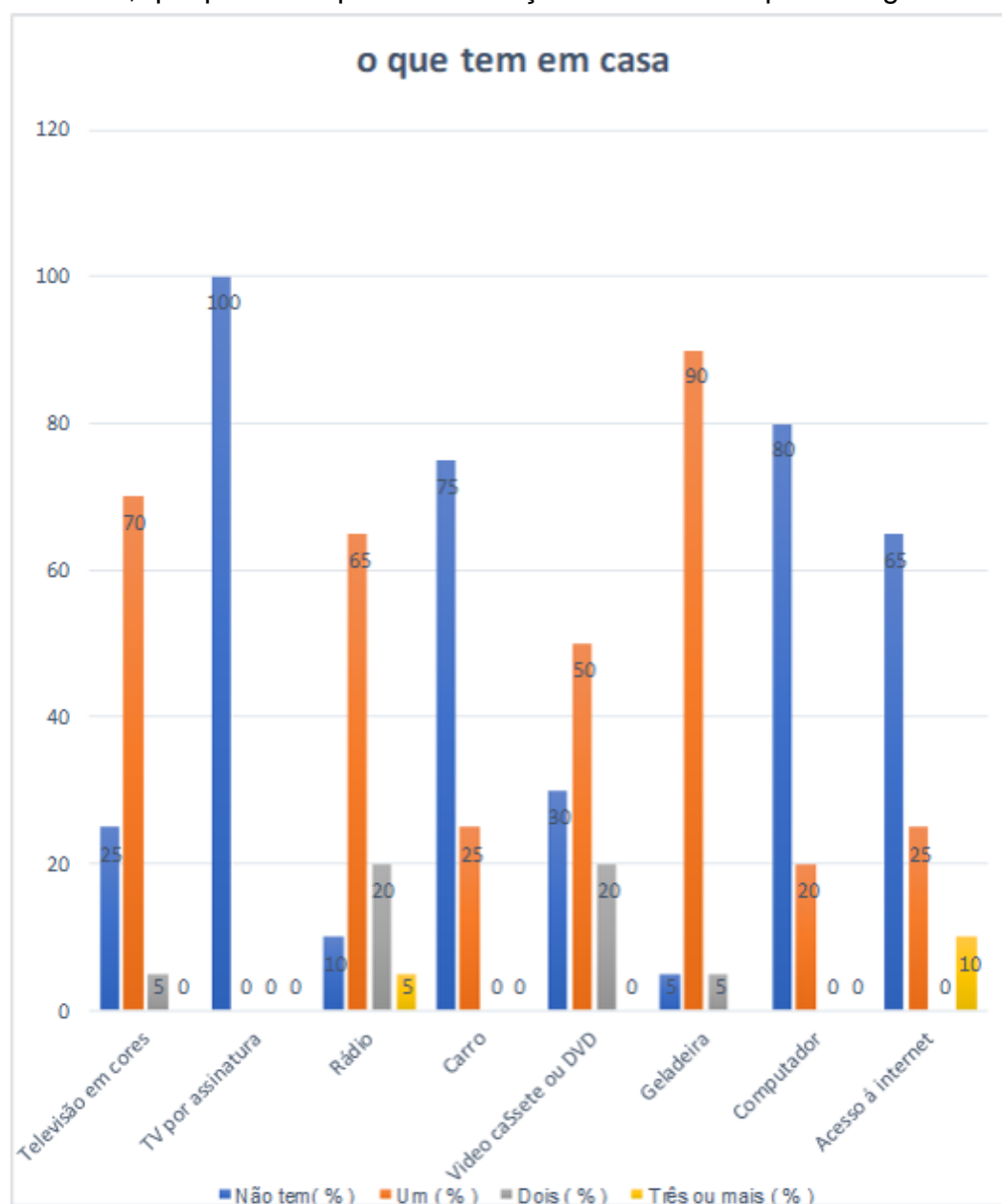
Observamos que uma grande maioria não conversa com os filhos e que quando não há diálogo as coisas ficam complicadas, os alunos não aprendem e não sabem a importância e que só existe diálogo quando o falar e o ouvir estão presentes. A relação não é de poder e a hierarquia não existe. O respeito, o comprometimento, a responsabilidade, o crescimento e a confiança são sentimentos importantes que o verdadeiro diálogo desperta nas pessoas (BUENO, 2002).

Rodrigues (2003) destaca a relevância da qualidade de ensino para o aprimoramento da aprendizagem, afirmando que esse processo educativo não ocorre somente em sala de aula. Em situação escolar, faz-se mister que os alunos participem também de atividades extracurriculares, tornando-se importante não só as práticas extensionistas e na iniciação científica, assim como nas ações integrativas propiciadas pelo lazer, pela recreação e pela cultura.

Isto estimula o aluno e, de forma real e prazerosa, o gosto pelo estudo, propiciando-lhe a oportunidade do desenvolvimento do espírito crítico e reflexivo necessário à sua formação, preparando-o para ser um agente de mudança e de transformação. Assim sendo, isso nos leva a repensar a nossa realidade escolar. É tempo de romper com os velhos paradigmas e de procurar alternativas.

GRÁFICO 8 O QUE AS FAMILIAS TÊM EM CASA

O gráfico a seguir mostra a análise o que cada aluno possui em casa em porcentagens mostrando a dificuldade enfrentada por cada um, quantos aos bens, que possuem para contribuição do ensino e aprendizagem.



FONTE: Questionário feito pelo entrevistador. (2019)

Os dados nos mostram que 25% não tem televisão em cores, 65% tem uma e 5% tem duas.

Quanto a tv por assinatura 100% não tem.

Os dados mostram que 5% não possui rádio, 65% tem apenas um, 20% tem dois e 5% mais de dois.

Mostra que 75% não possui carro e 25% possui apenas um.

Mostra que 25% não possui vídeo cassete ou DVD, 45% tem um e 20% tem mais de um.

Quanto ao número de geladeira: 5% não possui, 90% tem uma e 5% tem duas.

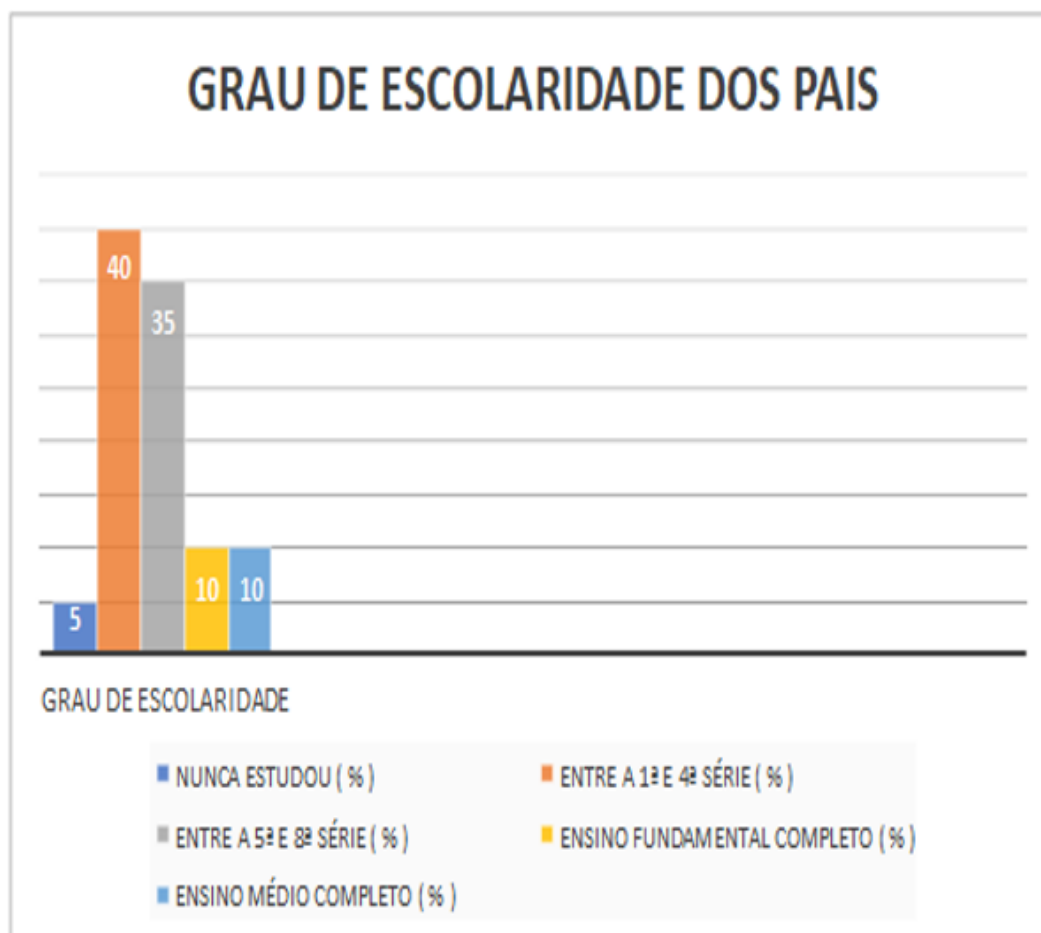
Quanto ao número de computador 80% não possui e 20% possui apenas um.

Quanto ao acesso à internet 65% não tem acesso, 25% tem um e 10% tem acesso a três ou mais.

Diante deste cenário o quadro é lamentável, ver as famílias sendo massacradas pelas dificuldades financeiras, por viver uma situação miserável de pobreza, dificultando a aquisição de bens, que os façam viver inteirados com as notícias, assistir um jogo em canal por assinatura, pouco uso da internet e um alto índice de pessoas que nem sequer tem um computador em casa.

GRÁFICO 9 GRAU DE ESCOLARIDADE

O gráfico abaixo mostra em porcentagens a distribuição de acordo com o grau de codificação de nível de escolaridade – num total de 20 pais dos alunos do fundamental II realizado em sorteio aleatório para realização das pesquisas



FONTE: Questionário feito pelo entrevistador. (2019)

Os dados do gráfico revelam que 5% nunca estudaram, outros 40% estudaram entre a 1ª e 4ª série, outros 35% estudaram entre a 5ª e a 8ª série, 10% concluíram o ensino fundamental e outros 10% concluíram o ensino médio completo.

O grau de instrução é uma classificação usadas para identificar quanto uma pessoa estudou ou para determinar a escolaridade dela e no quadro apresentado afirmamos que o grau de instrução dos pais

entrevistados não é satisfatório, pois o nível de escolaridade é baixo, portanto essas pessoas têm pouca instrução a contribuir na educação e participação na vida escolar dos alunos.

Quem detém o conhecimento, raciocina com mais clareza, está mais preparado para o mercado de trabalho e tem uma visão de mundo que o ajuda a obter sucesso no campo profissional. Os dados desta pesquisa está a baixo da média nacional conforme retrata o IBGE numa pesquisa realizada no ano de 2009, com o grau de escolaridade com a seguinte informação:

Escolaridade dos trabalhadores – Em 2009, 43,1% da população ocupada tinham pelo menos o ensino médio completo, frente aos 33,6% em 2004. Aqueles com nível superior completo representavam 11,1% do total; em 2004, era 8,1%. Nas regiões Sudeste, Sul e Centro-Oeste, os percentuais de pessoas ocupadas com pelo menos o ensino médio ultrapassaram 40% em 2009.

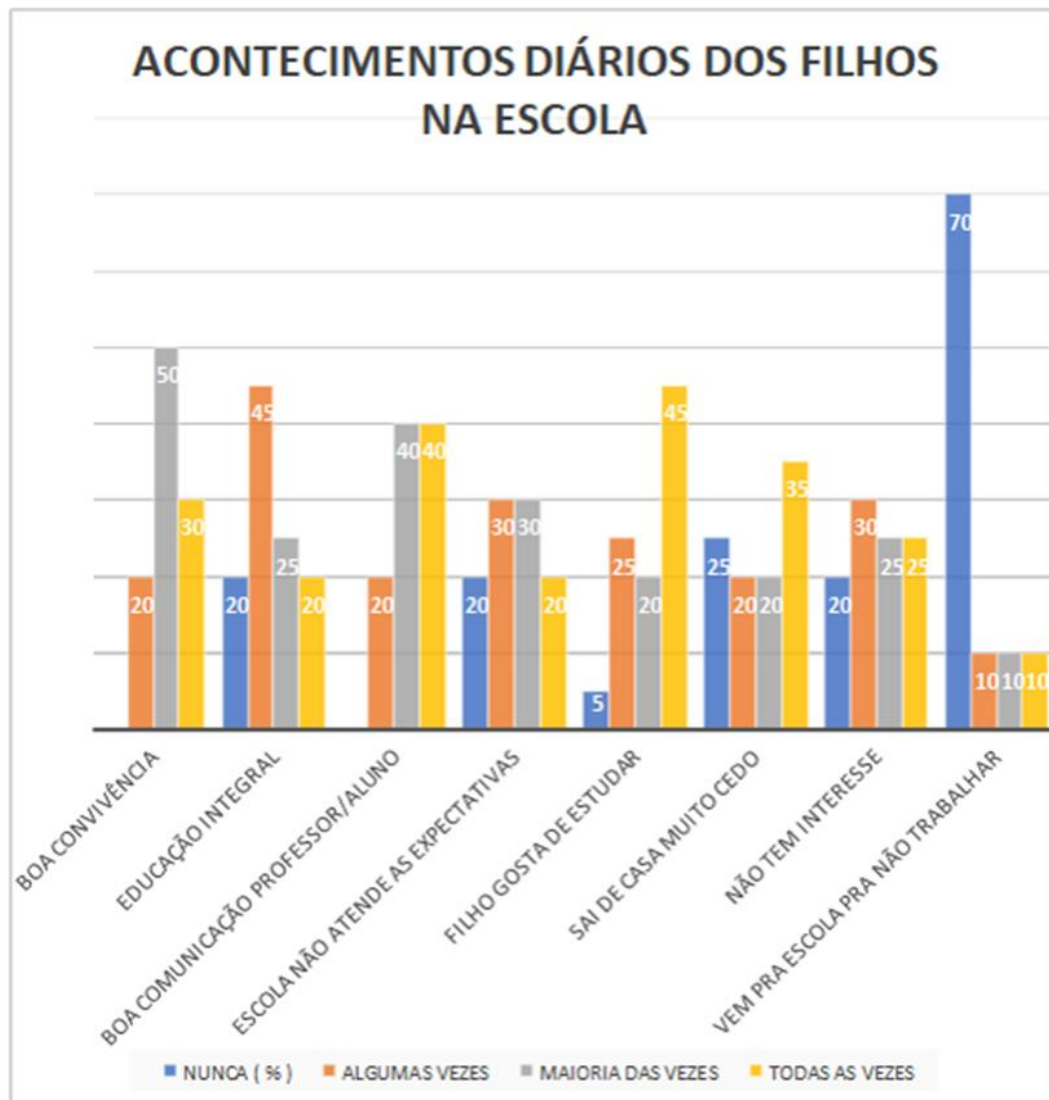
Decorridos mais de oito séculos desde as formulações de Tomás de Aquino, deparamo-nos com as seguintes palavras de Libâneo:

[...] educação é o conjunto das ações, processos, influências, estruturas, que intervêm no desenvolvimento humano de indivíduos e grupos na sua relação ativa com o meio natural e social [...] É uma prática social que atua na configuração da existência humana individual e grupal, para realizar nos sujeitos humanos as características de “ser humano”. [...] (LIBÂNEO, 1998a, p. 22)

A educação nos é apresentada como uma questão bastante complexa, pois não é uma simples questão de subsistência, mas é a propulsora da humanidade. Educar é, assim, humanizar o homem, o que abrange suas ações, seus comportamentos, seus hábitos e tantos outros aspectos.

GRÁFICO 10 ACONTECIMENTOS DIÁRIOS DOS FILHOS NA ESCOLA

O gráfico a seguir retrata a análise descritiva dos escore sobre os acontecimentos diários dos filhos na escola – pesquisas respondidas pelos pais dos alunos do ensino fundamental II



FONTE: Questionário feito pelo entrevistador. (2019)

No gráfico apresentado refere as questões que acontecem no cotidiano do alunado quanto a boa convivência que a maioria das vezes e todas as vezes se destacam com 50%, 30% respectivamente como favorável com as condutas de um bom cidadão.

Apresenta na questão de boa comunicação professor / aluno como favorável com 40% maioria das vezes e 40% todas as vezes atendendo as demandas normais da sociedade.

O que nos deixa satisfeito é o pequeno número de alunos que não gosta de estudar que é apenas 5%

Mas nos chama a atenção é o grande número de alunos que tem que sair da casa muito cedo na totalidade de algumas vezes, maioria das vezes e todas as vezes compreendem 20%,20% e 35% respectivamente.

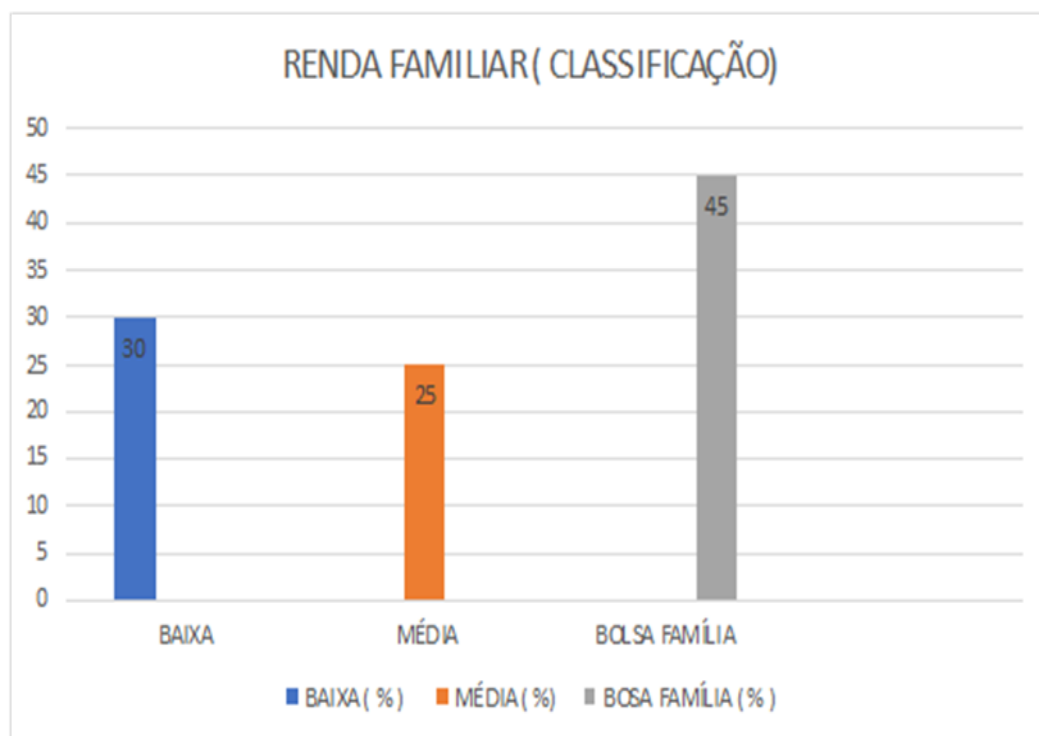
Nos surpreende é a sinceridade dos pais quanto ao não interesse dos filhos nas atividades e situações diárias escolares, os resultados nos mostram que algumas vezes, na maioria das vezes e todas as vezes compreendem 30%,25% e 25% respectivamente.

Os alunos numa estatística de 70% nunca disseram que vem para a escola para não ficar em casa pra trabalhar, vem por gostar da escola.

Segundo Young (2007) [...] conhecimento local e cotidiano que os alunos trazem para a escola, mas esse conhecimento nunca poderá ser uma base para o currículo. A estrutura do conhecimento local é planejada para relacionar-se com o particular e não pode fornecer a base para quaisquer princípios generalizáveis. Fornecer acesso a tais princípios é uma das principais razões pelas quais todos os países têm escolas. (YOUNG, 2007, p. 1299)

GRÁFICO 11 RENDA FAMILIAR (CLASSIFICAÇÃO)

O gráfico a seguir mostra a classificação em porcentagens de acordo com a renda familiar – Pais dos alunos do fundamental II do sorteio aleatório para realização das pesquisas



FONTE: Questionário feito pelo entrevistador. (2019)

Instigado a responder de acordo com o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e estatísticas), sobre a Renda Familiar 30% dos pais o classificaram como de Baixa Renda, outros 25% responderam com de Renda Média e uma grande maioria de 45% disseram ter renda exclusiva do Bolsa Família.

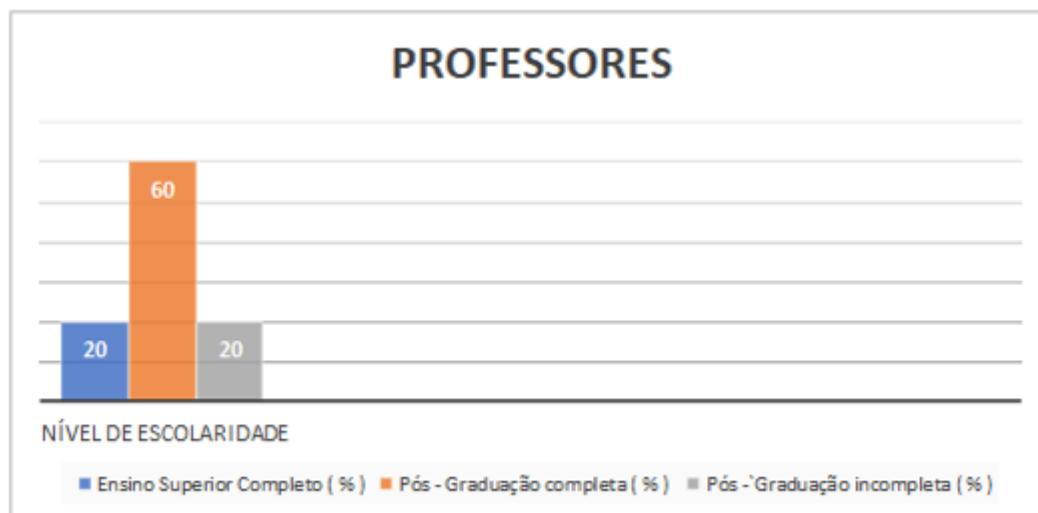
Segundo CHAMBERS (2006), entender a pobreza não é tarefa simples, apesar de estar presente no cotidiano de todas as cidades, ela pode ter diferentes significados e formas de expressão, dependendo do local, tempo histórico e do entendimento sobre pobreza que cada grupo humano tem sobre o assunto. Uma das grandes dificuldades é que as teorias, na maioria das vezes, são elaboradas por pessoas que não se

enquadram nos padrões, definidos por eles mesmos, de pobreza (CHAMBERS, 2006).

Segundo Marx (2006), a pobreza pode ser definida então como a falta de acesso e recursos (não apenas financeiros) que possibilitem um padrão de vida em que sejam supridas as necessidades básicas, como alimentação, higiene, vestuário, educação, lazer, entre outras. São então pobres, aqueles sujeitos que, além de não possuírem renda suficiente para satisfação de suas necessidades e nem acesso a outras alternativas para satisfazê-las, não são valorizados e respeitados como cidadãos. (Marx 2006, p. 146).

GRAFICO 12 PROFESSORES

O gráfico a seguir relata em porcentagens a distribuição de acordo com o grau de codificação de nível de escolaridade – num total de 10 professores dos alunos do fundamental II realizado em sorteio aleatório para realização das pesquisas



Fonte: Questionário realizado pelo entrevistador. (2019)

Os dados do gráfico 12, mostra que o nível dos profissionais pesquisados é satisfatório, os resultados revelam que 20% possui o nível superior completo, 60% possui pós-graduação completa e outros 20% está em fase de conclusão de pós-graduação, ou seja, incompleta.

Esse resultado satisfatório faz jus o artigo 62 da LDB que diz: A formação dos docentes para atuar na educação básica far-se-á em nível superior, em curso de graduação plena, em universidades e institutos superiores de educação, admitida como formação mínima para o exercício do magistério na Educação Infantil e nas quatro primeiras séries do ensino fundamental, a oferecida em nível médio, na modalidade normal.

Dessa forma, a legislação indica como deverá ser conduzida a formação, propondo um viés escolarizante e incluindo apenas os profissionais que estejam habilitados em cursos de magistério ou cursos superiores.

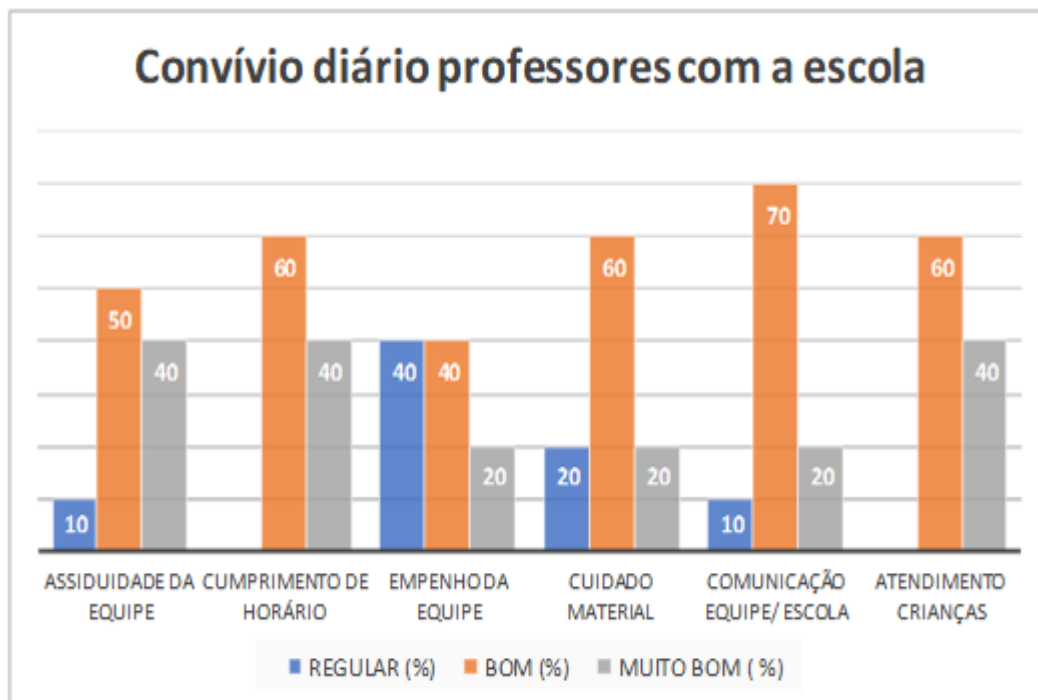
Para Paulo Freire o ensino é muito mais que uma profissão, é uma missão que exige comprovados saberes no seu processo dinâmico de promoção da autonomia do ser de todos os educandos. Os princípios enunciados por Paulo Freire, o homem, o filósofo, o Professor que por excelência verdadeiramente promoveu a inclusão de todos os alunos e alunas numa escolaridade que dignifica e respeita os educandos porque respeita a sua leitura do mundo como ponte de libertação e autonomia de ser pensante e influente no seu próprio desenvolvimento.

A Pedagogia da Autonomia é sem dúvida uma das grandes obras da humanidade em prol duma educação que respeita todo o educando (incluindo os mais desfavorecidos) e liberta o seu pensamento de tradições desumanizantes - porque opressoras. A esperança e o otimismo na possibilidade da mudança são um passo gigante na construção e formação científica do professor ou da professora que "deve coincidir com sua retidão ética" (p.18).

Portanto o profissional preparado, comprometido com a educação de qualidade vai ter uma contribuição excepcional no ensino e aprendizagem dos estudantes que precisam ser moldados a ter perspectivas de vida, pautadas na boa conduta, na busca pela autonomia, se tornando conscientes, críticos e emocionalmente participativos.

GRÁFICO 13 CONVÍVIO DIÁRIO PROFESSOR X ESCOLA (01)

O gráfico abaixo mostra em porcentagens a análise participativa do convívio diário professor / escola em relação à docência– professores do ensino fundamental II



Fonte: Questionário realizado pelo entrevistador. (2019)

Os dados deste gráfico nos revelam um resultado equilibrado, quanto a assiduidade da equipe: 10% acham regular, outros 50% bom e outros 40% acham muito bom.

No cumprimento do horário 60% classificam com bom e outros 40% como muito bom.

No empenho da equipe os dados são: 40% acham regular, 40% acham bom e outros 20% acham muito bom.

No cuidado com o material temos 20% regular, 60% acham bom e outros 20% acham muito bom.

Na comunicação da equipe com a escola: 10% acham a regular, 60% bom e outros 30% muito bom.

No atendimento a crianças: 60% acham bom e outros 40% muito bom.

Mesmo com índices elevados de bom e muito bom, poderia ser melhor, foi avaliado seis itens, onde quatro nos chamam a atenção, tendo respostas regulares com um índice não agradável e quer queira ou não atrapalha o bom andamento no processo de ensino e aprendizagem.

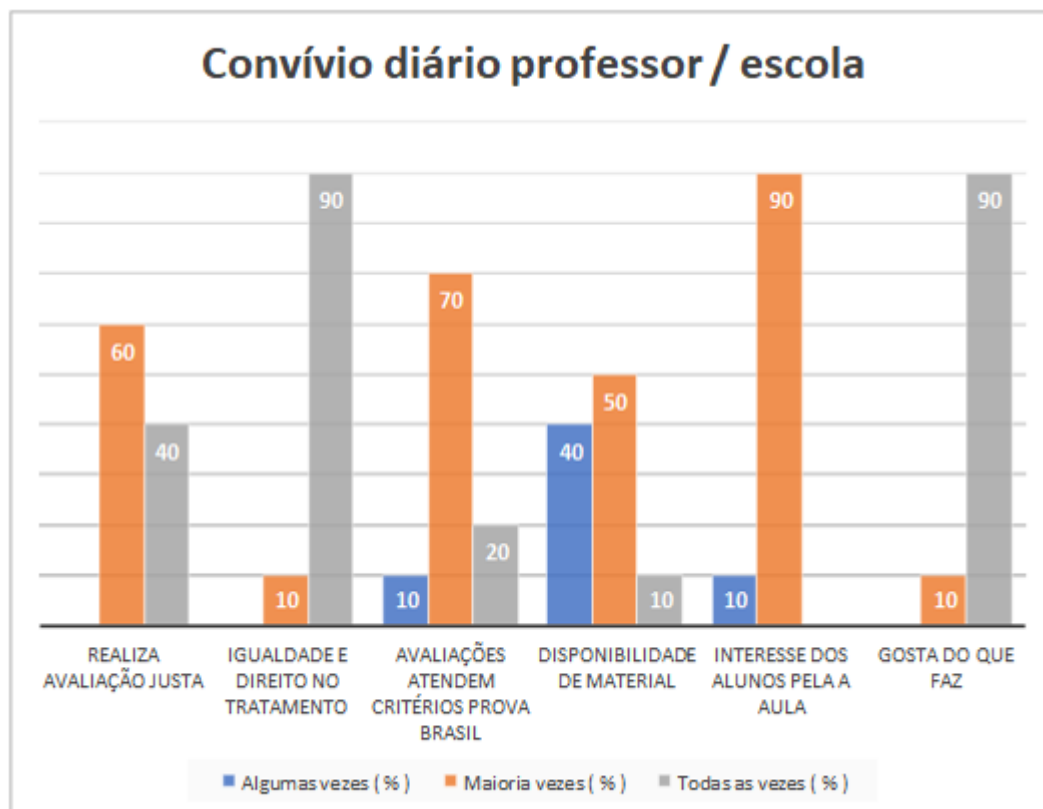
De acordo com Tomás de Aquino (2001) o conhecimento preexiste no educando como potência não puramente passiva, mas ativa, senão o homem não poderia adquirir conhecimentos por si mesmo.

E assim como há duas formas de cura: a que ocorre só pela ação da natureza e a que ocorre pela ação da natureza ajudada pelos remédios, também há duas formas de adquirir conhecimento: de um modo, quando a razão por si mesma atinge o conhecimento que não possuía, o que se chama descoberta; e, de outro, quando recebe ajuda de fora, e este modo se chama ensino. [...]

O professor deve conduzir o aluno ao conhecimento do que ele ignorava, seguindo o caminho trilhado por alguém que chega por si mesmo à descoberta do que não conhecia. (TOMÁS DE AQUINO, 2001, p. 31-32).

GRÁFICO 14 CONVÍVIO DIÁRIO PROFESSOR X ESCOLA (02)

O gráfico abaixo mostra em porcentagens a análise participativa do convívio diário professor / escola em relação à docência– professores do ensino fundamental II



Fonte: Questionário realizado pelo entrevistador. (2019)

Os dados nos relatam que os professores pesquisados se auto avaliam sobre realizar avaliação justa na maioria das vezes para um total de 60% e outros 40% dizem ser justas todas as vezes.

De acordo com Luckesi (2002) a avaliação que se pratica na escola é aquela onde as notas são usadas para fundamentar necessidades de classificação de alunos, onde são comparados desempenhos e não objetivos que se deseja atingir.

Na igualdade e direito no tratamento para com os alunos os pesquisados disseram que 10% na maioria das vezes e para 90% dizem que todas as vezes.

As respostas nos retratam que as avaliações realizadas atendem os critérios da Prova Brasil quanto a opinião dos entrevistados são: 10% algumas vezes, 70% na maioria das vezes e 20% todas as vezes. Percebe-se que são dados insatisfatórios, pois na concepção de avaliação deveria ser 100% atendidas, seguindo os descritores de cada nível possivelmente a qualidade de ensino e aprendizagem seria favorável.

A disponibilidade de material sempre é problema nas instituições, pois a demanda é enorme e os recursos escassos, os dados são: 40% algumas vezes 50% maioria das vezes 10% todas as vezes

Na opinião dos professores pesquisados quanto ao interesse dos alunos pelas aulas dadas são: 10% algumas vezes e 90% na maioria das vezes, e algo preocupante e de se pensar, pois percebemos que os alunos não se interessam pelas aulas, são aulas que não o convence e chamam a atenção.

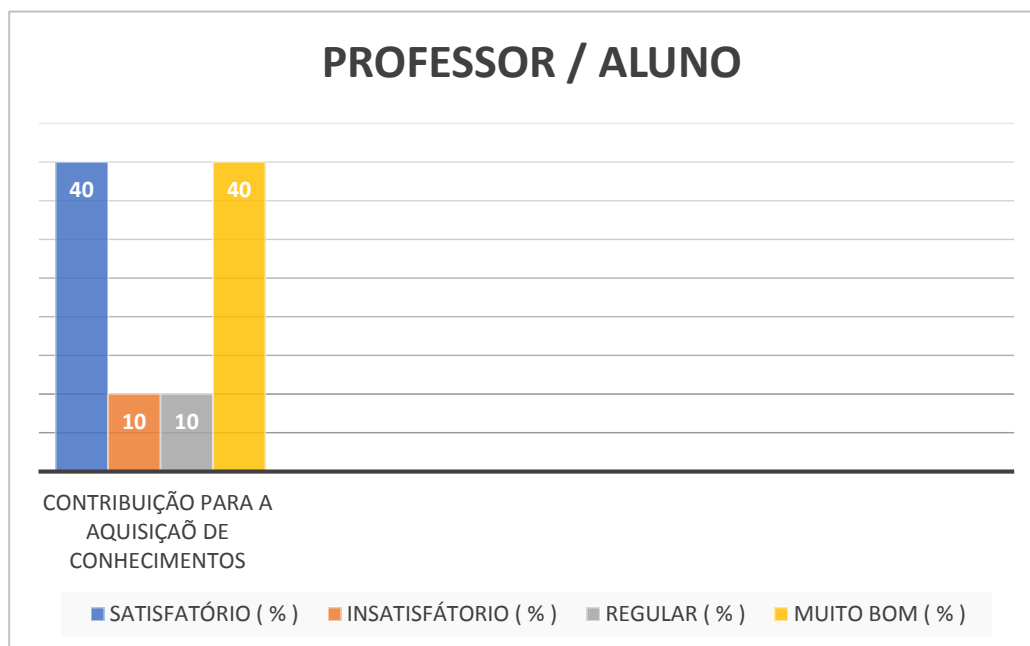
Os dados mostram um resultado satisfatório quanto ao gostar do que faz: apenas 10% dizem que na maioria das vezes e outros 90% dizem gostar todas as vezes.

De acordo com Tyler (1974), o processo avaliativo consiste em determinar em que grau os objetivos educacionais estão sendo realmente alcançados e que os mesmos buscam produzir mudanças nos seres humanos. Neste sentido, percebe-se a extrema importância da avaliação no fazer pedagógico em sala de aula, pois ela busca produzir mudanças nos alunos, enquanto sujeitos sociais.

E segundo Haydt (1997), o objetivo verdadeiro da avaliação é integral, pois analisa e julga todas as dimensões do educando, considerando o mesmo como um todo.

GRÁFICO 15 PROFESSOR X ALUNO

O gráfico abaixo retrata em porcentagem a análise de resultados em relação a contribuição do professor para a aquisição do conhecimento do aluno.



Fonte: Questionário realizado pelo entrevistador. (2019)

Os dados nos revelam que 40% acham que a sua contribuição é satisfatória, 10% insatisfatório, 10% regular e outros 40% muito bom, diante deste quadro percebe-se que o índice de contribuição está razoável, pois ainda temos em média de 20% de professores que consideram que a contribuição não é significativa.

Antigamente a prática educativa estava centrada no professor, ou seja, ele era o centro das atenções apenas repassava os conteúdos e os alunos absorvia sem qualquer reflexão, fazia a memorização, portanto, o professor era um mero transmissor de informações para se adquirir conhecimentos.

Nessa perspectiva Libâneo (1998) afirma:

que o professor medeia a relação ativa do aluno com a matéria, inclusive com os conteúdos próprios de sua disciplina, mas considerando o conhecimento, a experiência e o significado

que o aluno traz à sala de aula, seu potencial cognitivo, sua capacidade e interesse, seu procedimento de pensar, seu modo de trabalhar. Nesse sentido o conhecimento de mundo ou o conhecimento prévio do aluno tem de ser respeitado e ampliado. (LIBÂNEO, 1998 p.29.)

E para o professor entender o real significado de seu trabalho, é necessário que saiba um pouco mais sobre sua identidade e a história de sua profissão.

Teríamos que conseguir que os outros acreditem no que somos. Um processo social complicado, lento, de desencontros entre o que somos para nós e o que somos para fora [...] Somos a imagem social que foi construída sobre o ofício de mestre, sobre as formas diversas de exercer este ofício. Sabemos pouco sobre a nossa história (ARROIO, 2000, p.29).

Nos dias atuais é necessário que os professores tenham sintonia com os alunos para adquirir conhecimentos juntos, o professor vai além de saber apenas os conteúdos das disciplinas, precisa conhecer o aluno, a sua história, de onde ele vem, para saber o que ensinar e para quem.

CONCLUSÃO

A pesquisa ora realizada visou contribuir com os estudos minuciosos voltados para o campo educacional, com a intenção de analisar o Desempenho Escolar dos alunos do Ensino Fundamental de uma escola de zona rural no interior da Bahia, que em sua demanda atendem alunos oriundos de diversas classes sociais e econômicas.

Este trabalho de pesquisa buscou responder a três perguntas básicas: identificar os fatores que prejudicam o desempenho escolar dos alunos dos Anos Finais do Ensino Fundamental; a segunda averiguar as condições socioeconômicas dos alunos dos Anos Finais do Ensino Fundamental; e a terceira analisar o processo de Avaliação adotado pela escola nas referidas turmas.

A primeira pergunta relacionada com os fatores que prejudicam o desempenho escolar, contribuir com o entendimento e a compreensão de um estudo dos diversos temas com suas importâncias na contribuição para um melhor atendimento à demanda escolar.

A segunda pergunta compreende averiguar as condições socioeconômicas dos alunos dos Anos Finais do Ensino Fundamental, os alunos são oriundos de famílias carentes, chega ao ponto de encontrarmos casa que não tem uma geladeira, 100% dos alunos não tem acesso a tv por assinatura, 65% não tem acesso à internet, percebe se que uma grande maioria passa dificuldades, sobrevive exclusivamente do programa de governo Bolsa Família.

A terceira compreende analisar o processo de avaliação adotado pela escola, segundo a resposta dos questionários realizados, para a grande maioria para uma grande maioria a avaliação não é justa, portanto é um problema sério, as avaliações na instituição por conta que uma grande parte não atende os critérios da Prova Brasil, causando reprovação e a não aprendizagem.

De acordo com Luckesi (2002) a avaliação que se pratica na escola é aquela onde as notas são usadas para fundamentar necessidades de

classificação de alunos, onde são comparados desempenhos e não objetivos que se deseja atingir.

Cabe destacar como processo eficiente o transporte escolar que atendem os alunos das diversas regiões, mesmo com uma distância considerável tem o atendimento a todos quantos desejam se adentrarem a escola, para realizar os seus estudos, para ter um elo de esperança com o futuro, são alunos que saem de casa muito cedo, onde não se alimentam, por não dar tempo e outros por não ter em casa, ficando a mercê e à espera da merenda escolar.

Para a realização desta pesquisa sobre a análise do desempenho escolar foi cumprido com os cronogramas estabelecidos em todas as suas etapas e que estes promoverá benefícios à comunidade e que os resultados da pesquisa sobre os fatores que impedem um bom desenvolvimento, a compreensão dos fatores sociais e econômicos, saber a origem de cada aluno, o que cada um traz consigo e os critérios de avaliações nas disciplinas melhorará o andamento da instituição no processo de ensino e aprendizagem.

Algumas porcentagens foram preocupantes no sentido de alguns inconvenientes como: 100% dos alunos não tem interesse pela as aulas, ficam o tempo todo conversando, e que com certeza dificulta o progresso desses atores educativos na aquisição de conhecimentos e participação no processo educacional.

Quanto aos pais os resultados mostram que o grau de instrução, grau de escolaridade, 75% compreende a 1ª a 8ª série, e outros 5% nunca foram a escola, dificultando o acompanhamento, a orientação e a instrução a ser dada aos alunos.

Os alunos têm umas grandes insatisfações afirmando em sua maioria não possuem interesse pela a escola, deixando a desejar a sua participação, o desenvolver das atividades, afirmam que poucas horas de seu tempo são dedicadas aos estudos, juntamente com o pouco tempo que os professores possuem para assessorá-los.

Os professores segundo respostas do questionário têm grande contribuição para a aquisição de conhecimentos do alunado eles ainda reconhecem que as aulas são planejadas e que os professores o incentivam a melhorar e a participar da aula, pois ambos possuem uma boa comunicação.

Quanto às respostas dos professores sobre o nível de escolaridade notamos que em sua maioria possuem nível superior, em diversidades de graduação e pós-graduação.

Fazendo um comparativo nas respostas dos questionários realizados pelos diversos atores educativos, percebe-se que a maioria foi positiva, mas mesmo assim carece de algumas mudanças de postura e mais empenho por todos os envolvidos no processo de ensino e aprendizagem.

A escola possui o apoio dos programas de governo com atendimento no transporte escolar, compra de matérias escolares pelos programas: Mais Educação e pdde escola, segundo relatos não é o suficiente por ser grande a demanda, necessitando de uma contrapartida da Prefeitura Municipal e Secretaria de Educação.

Foi possível perceber que o trabalho interno na escola precisa de mais investimentos pedagógicos, promover mais estudos, ter mais apoio pedagógico e acompanhamento da equipe de coordenação da secretaria junto aos professores, aos gestores para fazerem um trabalho diferenciado com aqueles alunos que mais precisam que vem à escola sem perspectivas de um futuro melhor, evitando assim a evasão escolar e o baixo desempenho.

RECOMENDAÇÕES

Diante dos fatos observados no decorrer desta pesquisa encontramos muitas situações constrangedoras, percebe-se diversos problemas que comprometem o processo de ensino e aprendizagem, podemos refletir diante dos fatos que leva os atores educacionais a necessidade de aprender com nossos próprios erros e as necessidades de capacitação constante para lidar com o desempenho escolar.

Esta pesquisa dinamizar o processo de ensino-aprendizagem, pois, possibilitará compreender melhor como se dá o processo de ensino e aprendizagem, as diversas importâncias de cada componente que forma a instituição, os envolvidos na construção de conhecimentos, os atores construtores de aprendizagem, para que todos os envolvidos possam colocar em prática a teoria estudada, estar em contato e mais próximo da realidade.

Mas para obter melhores resultados precisamos acompanhar e por em prática e seguir algumas sugestões:

Ter conhecimento real de cada integrante, de onde vem e quem são os que forma os atores educacionais;

A decisão de trabalhar atividades que fazem sentido a realidade de cada aluno, sempre buscar objetivos concretos para a solução de problemas comuns, para que se entre num acordo quanto ao tema abordado;

É importante que a equipe de professores se disponha a trabalhar em equipe, nada de individualizar, priorizando sempre o caminhar na mesma direção, na busca do sucesso escolar, sem procura de méritos;

Assegurar a todos os atores educacionais a qualidade das informações, associando as atividades às situações reais com coerência e flexibilidade;

Ter o domínio dos procedimentos que envolvem as áreas de conhecimento em diversos temas tratadas em sala de aula;

Na busca do sucesso escolar os professores precisam ser assessorados com estudos pedagógicos para estarem e sentirem-se seguros e envolvidos no processo educacional;

A direção e supervisão devem sempre acompanhar e estimular os professores nos esclarecimentos das dúvidas que tenham;

É muito importante que os alunos se sintam envolvidos nos processos de ensino e aprendizagem para realizarem suas investigações;

Quanto aos pais, é imprescindível que as informações cheguem até eles por meio de reuniões, pois, certamente sentirão envolvidos e poderão colaborar com a escola no sentido de integrar a comunidade em todos os trabalhos realizados pela instituição;

Quando se trabalha com planejamento bem organizado a tendência do trabalho sempre resulta num produto final de qualidade e de grande proveito, este planejamento envolve divisão de tarefas, objetivos claros. Tudo isso, feito de forma compartilhada e de responsabilidade coletiva, resultará em ganho de tempo e de aprendizagem;

Finalizando, é necessário que na prática docente aconteça simultaneamente a preocupação com a melhoria da qualidade da educação. Só assim se planejará melhor, se ensinará melhor e se aprenderá melhor.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, F. J. & FONSECA JÚNIOR, F.M. **Projetos e ambientes inovadores**. Brasília: Secretaria de Educação a Distância – SEED/ Proinfo – Ministério da Educação, 2000.

ALVES, José Matias. **Organização, gestão e projeto educativo das escolas**. Porto, Edições Asa, 1992.

ARROYO, Miguel G. **Ofício de Mestre: imagens e auto-imagens**. Petrópolis, RJ, Vozes, 2000.

ARROYO, Miguel G. da. **Escola coerente à Escola possível**. São Paulo: Loyola, 1997 (Coleção Educação popular – nº 8.)

BAGNO, Marcos. **Refletir ou Repetir Reproduzir ou produzir**. Revista da Educação, Ceap – Ano X – Nº- 36, Salvador, Mar. / Maio, 2002.

BELTRAME, M. B., MOURA, G. R. S. **Edificações escolares: infraestrutura necessária ao processo de Ensino e aprendizagem escolar**. In: Revista eletrônica “Revista Travessias”, v. 3, n. 2, 2009. Disponível em: Acesso em: 30 jul. 2018.

BEZERRA, J. A. B. **Alimentação e escola: significados e implicações curriculares da merenda escolar**. Revista Brasileira de Educação, Rio de Janeiro, v. 14 n. 40, p. 103-115, 2009.

BORUCHOVITCH, Evely. **Estratégias de aprendizagem e desempenho escolar: considerações para a prática educacional**. *Psicologia Reflexão Crítica*, V.12, nº2, Porto Alegre, 1999.

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: 3º e 4º ciclos do ensino fundamental/ SEF**. – Brasília / MEC/ SEF, 1998.

BRASIL, Senado Federal. **Lei de Diretrizes de Bases da Educação Nacional: Lei nº 9394, 20 de dezembro de 1996**. Brasília: Subsecretaria de Edições Técnicas, 2002.

BRASIL. **Constituição: República federativa do Brasil**, 1988.

BRASIL. **Declaração mundial sobre educação para todos: plano de ação para satisfazer as necessidades básicas de aprendizagem**. UNESCO, Jomtiem/Tailândia, 1990.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: primeiro e segundo ciclos do ensino fundamental**: meio ambiente, saúde. Brasília, 1997.

Brasil: **procedimentos de avaliação e resultados gerais**. Cadernos de Saúde Pública. 2002; 18

BRITO, Rafaela Ribeiro de; CHAVES, Lorena Gonçalves. **Políticas de Alimentação Escolar**. Centro de Educação a Distância – CEAD, Universidade de Brasília, Brasília: 2006.

BRUYNE, paul de: **Dinâmica da pesquisa em ciências sociais: os polos da pratica metodológica**. Rio de Janeiro, Francisco Alves Editora, 1991

BUCHMANN, C.; HANNUM, E. **Education and stratification in developing countries: a review of theories and research**. Annu.Rev.Sociol, v. 27, p. 77-102, 2001.

Cartilha do transporte escolar / **Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira – INEP** – Brasília: (mimeo) 2005. Disponível em: <http://www.fnde.gov.br> Acesso em 25/07/2018.

BLOOM, B.; HASTINGS, J. T.; MADAUS, G. F. **Manual de avaliação formativa e somativa do aprendizado escolar**. São Paulo: Pioneira, 1983.

BUENO, S. M. V. Pedagogia e saúde da esperança. **Rev. Expressão Feedback**, Ribeirão Preto, ano 6, n.70, p.6-10, jun. 2003a.

CANEN, A. **Avaliação da aprendizagem em sociedades multiculturais**. Rio de Janeiro: Papel & Virtual, 1999.

CARTILHA PNE, 2015, P.10

CARVALHO, Horácio de. **Introdução à teoria do planejamento**. São Paulo: Brasiliense, 1979.

CASTRO, J. A. **Financiamento e gasto público na Educação Básica no Brasil**: 1995- 2005. Educação & Sociedade, Campinas, v. 28, n.100 – Especial, p. 857-876, out. 2007.

CERVO, A. L. BERVIAN, P. A. **Metodologia científica**. 5.ed. São Paulo: Prentice Hall, 2002.

Chambers, Robert (2005) **Ideas for Development**, London and Sterling VA: Earthscan

DEMO, P. **Introdução ao ensino da metodologia da ciência**. 2.ed. São Paulo: Atlas, 1987

DEMO, Pedro. **Desafios Modernos da Educação**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 1993.

Dicionário Aurélio Ferreira (2010)

DOURADO, Luiz Fernandes. **Gestão escolar democrática- a perspectiva dos dirigentes escolares da rede municipal de Goiânia**. Goiânia: Alternativa, 2003.

ELALI, G.A. **O ambiente da escola: uma discussão sobre a relação escola-natureza em educação infantil**. Estudos de Psicologia, v. 8, n. 2, p. 309-319, 2003.

FERNANDES, Florestan. **Desafio Educacional**. São Paulo: Cortez/Editores autores associados, 1989.

FERREIRA, Naura Syria Carapeto. **Gestão e Organização Escolar**. IESDE Brasil, 2009.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa**. 2. ed. revista e ampliada. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.

FORNEIRO, M.L.I. **Observación y evaluación del ambiente de aprendizaje en educación Infantil: dimensiones y variables a considerar**. In: Revista Iberoamericana de educación, Espanha, n. 47, p. 49-70, mai./ago. 2008. Disponível em: Acesso em: 30 jul. 2018.

FRANCO, A. M. de Paiva; MENEZES-FILHO N. A.; **Uma análise dos rankings de escolas brasileiras com dados do SAEB**. IN: XXXVI

Encontro Nacional de Economia, 2008, Salvador. Anais...Brasília: Anpec, 2008. Disponível em:

FRANCO, C.; BONAMINO, A. **Iniciativas recentes de avaliação da qualidade da educação no Brasil**. In: FRANCO, C. Avaliação, ciclos e promoção na educação. Porto Alegre: Artes Médicas, 2001. p. 15-28.

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002. Apostila.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. "Prefácio". In POSTER, Cyril & ZIMMER, Jürgen (org). **Educação Comunitária no terceiro mundo**. Campinas, SP: Papyrus, 1995.

FUNDO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO DA EDUCAÇÃO. **Programa Nacional de Alimentação Escolar**. Brasília: FNDE, 2006

GADOTTI, Moacir. **Histórias das Idéias Pedagógicas**. 2 ed. São Paulo: Ática, 1994.

GADOTTI, Moacir. **Histórias das Idéias Pedagógicas**. 2 ed. São Paulo: Ática, 1994.

HADJI, Charles. **A Avaliação desmitificada**. Porto Alegre: Artmed, 2001.

HAYDT, R. C. C. **Avaliação do processo ensino-aprendizagem**. São Paulo: Ática, 1988.

HEYNEMAN, Stephen P.; LOXLEY, William A. **The Effect of Primary-School Quality on Academic Achievement: Across Twenty-nine High- and Low-Income Countries**. American Journal of Sociology. Vol. 88, No. 6 (May 1983), 1162-1194.

HOFFMANN, J. **Avaliação mediadora: uma prática em construção da pré-escola à universidade**. 7. Ed. Porto Alegre: Mediação, 1993.

IMBERNÓN, F. **Formação docente e profissional: formar-se para a mudança e a incerteza**. São Paulo: Cortez, 2001.

JORBA, J.; SANMARTÍ, N. A função pedagógica da avaliação. In: BALLESTER, M.et al. **Avaliação como apoio à aprendizagem**. Porto Alegre: Artmed, 2003.

KRAEMER, Maria Elisabeth Pereira. **Avaliação da aprendizagem como construção do saber**. 19/07/2006.

LEAL, L. C. **Avaliação da aprendizagem num contexto de inovação curricular**. Lisboa: Associação de Professores de Matemática, 1992. (Coleção Teses).

LIBÂNEO, J.; FERREIRA, J.; SEABRA, M. **Educação escolar: políticas, estrutura e organização**. 6 ed. São Paulo: Cortez, 2008

LIBÂNEO, José Carlos. **Adeus professor, adeus professora?: novas exigências educacionais e profissão docente**. São Paulo: Cortez, 1998.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. Ed. 19. São Paulo: Cortez, 1994.

LUCKESI, C.C.. **Avaliação da aprendizagem na escola: reelaborando conceitos e recriando a prática**. Salvador: Malabares Comunicação e Eventos, 2003.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Avaliação da Aprendizagem Escolar**. 15ª ed. São Paulo: Cortez, 2003.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Avaliação da aprendizagem escolar**. 14 ed. São Paulo: Cortez, 2002.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Avaliação da aprendizagem escolar: estudos e proposições**. 6ª Edição, São Paulo, SP: Editora Cortez, 1997.

LUNA, Sergio Vasconcelos de. **Planejamento de Pesquisa: uma introdução**. São Paulo: EDUC, 2000,p. 15

MACHADO, Maria Auxiliadora C. Araújo. **Diagnóstico para superar o tabu da avaliação nas escolas**. AMAE Educando, n. 255, 1995.

MANTOAN, M. T. E. **Inclusão escolar: o que é, por que é? Como fazer?** São Paulo: Moderna, 2003 (Coleção: Cotidiano Escolar).

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Técnicas de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 1999

MARX, K. **Manuscritos econômico-filosóficos**. São Paulo: Martin Claret, 2006.

MATTAR, F. N. **Pesquisa de marketing**. 3.ed. São Paulo: Atlas, 2001.

MÉNDEZ, Juan Manuel Álvarez. **Avaliar para Conhecer, Examinar para Excluir**. Tradução Magda Schwartzaupt Chaves. Porto Alegre: Artmed, 2002.

MEZZAROBA, L.; ALVARENGA, G. M. A trajetória da avaliação educacional no Brasil. In: ALVARENGA, G. M. (org). **Avaliar: um compromisso com o ensino e a aprendizagem**. Londrina: Núcleo de Estudos e Pesquisas em Avaliação Educacional, 1999.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento**. São Paulo: Hucitec, 1993.

MOÇO, Anderson. **Seis práticas essenciais na alfabetização**. Revista Nova Escola. São Paulo: Editora Abril, 2011.

NÓVOA, A. **Formação contínua de professores: realidades e perspectivas**. Aveiro: Universidade de Aveiro, 1991.

PERRENOUD, P. **A prática reflexiva no ofício do professor: profissionalização e razão pedagógica**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

PERRENOUD, Philippe. **Avaliação: da excelência à regulação das aprendizagens – entre duas lógicas**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999.

PILETTI, Claudino. **Didática geral**. 22. ed. São Paulo, SP: Ática, 1999

PIMENTA, Selma Garrido. **O Pedagogo na Escola Pública**. 3 ed. São Paulo: Loyola, 1995.

PIRES, Álvaro P. Sobre algumas questões epistemológicas de uma metodologia geral para as ciências sociais. In: POUPART, Jean; et all. **A pesquisa qualitativa – enfoques epistemológicos e metodológicos**. Rio de Janeiro: Vozes, 2008, p. 43-94.

POZO, Juan Ignacio. **Aprendizes e mestres: a nova cultura da aprendizagem**. Porto Alegre: Artmed, 2002.pg 24

QUINTANA, H. E. O portfólio como estratégia para a avaliação. In: BALLESTER, M.et al. **Avaliação como apoio à aprendizagem**. Porto Alegre: Artmed, 2003.

RABELO, E. H. **Avaliação: novos tempos e novas práticas**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

RIANI, Juliana de Lucena Ruas; RIOS NETO, E. L. G. **Background familiar versus perfil escolar do município: qual possui maior impacto no resultado educacional dos alunos brasileiros?**. Revista Brasileira de Estudos da População, v. 25, p. 251-269, 2008.

RIANI, Juliana de Lucena Ruas; RIOS NETO, E. L. G. **Background familiar versus perfil escolar do município: qual possui maior impacto no resultado educacional dos alunos brasileiros?**. Revista Brasileira de Estudos da População, v. 25, p. 251-269, 2008.

RIBEIRO, Gisele Naiara Matos; SILVA, João Batista Lopes da. **A alimentação no processo de aprendizagem**. Revista Eventos Pedagógicos, Mato Grosso, v.4, n.2, p. 77-85, ago./ dez. 2013.

RODRIGUES, G. M. **A qualidade de ensino para aprimoramento da aprendizagem**. Revista ensino superior, São Paulo, ano 5, n.56, p.12-13, maio 2003.

RÚDIO, Franz Victor. **Compreensão Humana e Ajuda ao Outro**. 3ª Edição. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1990.

SANT'ANNA, I. M. **Por que avaliar? Como avaliar?: critérios e instrumentos**. 16. ed. - Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2013.

SANT'ANNA, Ilza Martins. **Por que avaliar?: Como avaliar?: Critérios e instrumentos**.3ª Edição, Petrópolis, RJ: Vozes, 1995

Santos DN, Borges APV, Pereira PS, Chalhub AA, Happé F, Silva RCR, et al. **Epidemiologia do desenvolvimento cognitivo de escolares em Jequié**, Bahia,

Sites pesquisados: **Conceito de Desempenho**
<https://educalingo.com/pt/dic-pt/desempenho> Acesso no dia 23/07/2018,
 às 13:50.

SOARES, J. F.; ANDRADE, R. **Nível socioeconômico, qualidade e equidade das escolas de Belo Horizonte**. Ensaio: **Avaliação de Políticas Públicas em Educação**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 50, 2006.

SOARES, J. F.; ANDRADE, R. **Nível socioeconômico, qualidade e equidade das escolas de Belo Horizonte**. Ensaio: Avaliação de Políticas Públicas em Educação, Rio de Janeiro, v. 14, n. 50, 2006.

SOARES, Magda B. **Avaliação educacional e clientela escolar**: Introdução à psicologia escolar. São Paulo: T.A. Queiroz, 1981. p. 47-53.

SOUSA, S. M. Z. L. **Avaliação escolar e democratização**: o direito de errar. In: AQUINO, J. G. (Org.). Erro e fracasso na escola: alternativas teóricas e práticas. São Paulo: Summus, 1997. p.127.

SOUZA, S. Z. L. A prática avaliativa na escola de 1º grau. In: SOUZA, C. P. de.(org.) **Avaliação do rendimento escolar**. Campinas, SP: Papirus, 1997.

STRAUSS, A. L.; CORBIN, J. **Basics of qualitative research: grounded theory procedures and techniques**. 2 ed. Thousand Oaks, CA: Sage, 1998.

TIBA, Içami. **Adolescentes: Quem Ama, Educa!** Içami Tiba: Volume 1 – São Paulo: Integrare Editora, 2005.

TYLER, Ralph. **Princípios básicos de currículo e ensino**. Porto Alegre: Globo, 1974.

WEISS, Maria Lúcia L. **Psicopedagogia clínica: uma visão diagnóstica dos problemas de aprendizagem escolar**. 4 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 1997

Wikipédia a enciclopédia livre (2011)

YIN, R. K. **Estudo de caso: Planejamentos de pesquisa e métodos**. 2. Ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.



FACULTAD INTERAMERICANA DE CIENCIAS SOCIALES
MESTRADO EM CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
APÊNDICE A: ANÁLISE DOCUMENTAL

Local da Pesquisa: Escola Municipal – Riacho de Santana - Bahia

Data da Pesquisa: ____/____/____

Avaliando a eficácia do desempenho escolar

QUESTIONÁRIOS PARA OS ALUNOS

BLOCO 1: TRAJETÓRIA ESCOLAR

1. EM QUE SÉRIE/ANO VOCÊ ESTUDA?

- (A) 6º ano
- (B) 7º ano
- (C) 8º ano
- (D) 9º ano

2. VOCÊ JÁ REPETIU O ANO?

- (A) Nunca repeti o ano (mude para o bloco 2)
- (B) Sim, 1 vez, nesta escola
- (C) Sim, 1 vez, em outra escola
- (D) Sim, 2 vezes ou mais

4. SE VOCÊ REPETIU, EM QUAL SÉRIE FOI? (Marque quantas opções forem necessárias)

- | | |
|--------------------------|------------|
| (A) 1º ano/Alfabetização | (F) 6º ano |
| (B) 2º ano | (G) 7º ano |
| (C) 3º ano | (H) 8º ano |
| (D) 4º ano | (I) 9º ano |
| (E) 5º ano | |

FUI REPROVADO PORQUE (Marque apenas UMA OPÇÃO em cada linha)	Não	Sim
5. Tive problemas familiares	(A)	(B)
6. Meus professores não explicavam bem a matéria	(A)	(B)
7. Não estudei o suficiente	(A)	(B)
8. Outro. Qual?	(A)	(B)

BLOCO 2: ESCOLA

MINHA ESCOLA É O LUGAR ONDE: (Marque apenas UMA OPÇÃO em cada linha)	Nunca	Algumas vezes	Na maioria das vezes	Todas as vezes
1. As avaliações são difíceis	(A)	(B)	(C)	(D)
2. Não gosto de estudar	(A)	(B)	(C)	(D)
3. Tenho que levantar muito cedo	(A)	(B)	(C)	(D)
4. Venho para a escola com fome	(A)	(B)	(C)	(D)

5. QUAL A IMPORTÂNCIA DA ESCOLA PARA O SEU FUTURO?

- (A) Não possui importância
- (B) Pouca importância
- (C) Importante
- (D) Decisiva
- (E) Não sei

BLOCO 3: SALA DE AULA

EM SALA DE AULA: (Marque apenas UMA OPÇÃO em cada linha)	Nunca	Algumas vezes	Na maioria das vezes	Todas as vezes
1. Acompanho a matéria exposta pelo professor	(A)	(B)	(C)	(D)
2. Copio no meu caderno a matéria apresentada	(A)	(B)	(C)	(D)
3. Fico à vontade para fazer perguntas	(A)	(B)	(C)	(D)

4. Fico perdido durante a explicação do professor	(A)	(B)	(C)	(D)
5. Converso com os colegas durante as aulas	(A)	(B)	(C)	(D)
6. Discuto a avaliação realizada pelo professor	(A)	(B)	(C)	(D)
7. Realizo as atividades que o professor propõe	(A)	(B)	(C)	(D)

BLOCO 4: PROFESSORES

CONSIDERANDO A MAIORIA DE SEUS PROFESSORES, VOCÊ PERCEBE QUE ELES: (Marque apenas UMA OPÇÃO em cada linha)	Nunca	Algumas vezes	Frequentemente
1. Incentivam os alunos a melhorar	(A)	(B)	(C)
2. Estão disponíveis para esclarecer as dúvidas dos alunos	(A)	(B)	(C)
3. Dão oportunidade aos alunos para exporem opiniões nas aulas.	(A)	(B)	(C)
4. Relacionam-se bem com os alunos	(A)	(B)	(C)
5. Continuam a explicar até que todos entendam a matéria	(A)	(B)	(C)
6. Mostram interesse pelo aprendizado de todos os alunos	(A)	(B)	(C)
7. Organizam bem a apresentação das matérias	(A)	(B)	(C)
28. Realizam uma avaliação justa	(A)	(B)	(C)
9. Procuram saber sobre os interesses dos alunos	(A)	(B)	(C)
10. Demonstram domínio da matéria que ensinam	(A)	(B)	(C)
11. As avaliações são coerentes com o que ensinam	(A)	(B)	(C)

BLOCO 5: SUA FAMÍLIA E SUA CASA

COM QUE FREQUÊNCIA SEUS PAIS OU RESPONSÁVEIS CONVERSAM COM VOCÊ SOBRE: (Marque apenas UMA OPÇÃO em cada linha)	Nunca	Raramente	Quase sempre	Sempre

1. Questões políticas e sociais	(A)	(B)	(C)	(D)
2. Livros, filmes ou programas de TV	(A)	(B)	(C)	(D)
3. Sua escola	(A)	(B)	(C)	(D)
4. Seus estudos	(A)	(B)	(C)	(D)
5. Sua futura profissão	(A)	(B)	(C)	(D)
QUANTOS DOS SEGUINTEs ITENS HÁ NA SUA CASA? (Marque apenas UMA OPÇÃO em cada linha)	Não tem	Um	Dois	Três ou mais
6. Televisão em cores	(A)	(B)	(C)	(D)
7. TV por assinatura	(A)	(B)	(C)	(D)
8. Rádio	(A)	(B)	(C)	(D)
9. Carro	(A)	(B)	(C)	(D)
10. Videocassete ou DVD	(A)	(B)	(C)	(D)
11. Geladeira	(A)	(B)	(C)	(D)
12. Computador	(A)	(B)	(C)	(D)
13. Acesso a internet	(A)	(B)	(C)	(D)

14. QUAL É SUA DATA DE NASCIMENTO? (Indique o dia, o mês e o ano) _____

15. EM QUE REGIÃO VOCÊ MORA?

16. QUAL É O SEU NOME COMPLETO?



FACULTAD INTERAMERICANA DE CIENCIAS SOCIALES
MESTRADO EM CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
APÊNDICE B: ANÁLISE DOCUMENTAL

Local da Pesquisa: Escola Municipal – Riacho de Santana - Bahia

Data da Pesquisa: ____/____/____

Avaliando a eficácia do desempenho escolar

QUESTIONÁRIOS PARA OS PAIS

1. ATÉ QUE SÉRIE VOSSA SENHORIA ESTUDOU?

- (A) Nunca estudou
- (B) Entre a 1ª e 4ª série do Ensino Fundamental (antigo primário)
- (C) Entre a 5ª e 8ª série do Ensino Fundamental (antigo ginásio)
- (D) Ensino Fundamental completo (antigos primário e ginásio)
- (E) Ensino Médio incompleto (antigo 2º grau)
- (F) Ensino Médio completo (antigo 2º grau)
- (G) Começou, mas não concluiu o Ensino Superior
- (H) Completou o Ensino Superior
- (I) Pós-graduação completa ou incompleta
- (J) Não sei.

2. QUAL A IMPORTÂNCIA A ESCOLA TEVE PARA O SEU FUTURO?

- (A) Nenhuma importância
- (B) Pouca importância
- (C) Muito Importante
- (D) Decisiva
- (E) Não sei

O que você percebe no cotidiano do seu filho em relação aos acontecimentos diários da escola: (Marque apenas UMA OPÇÃO em cada linha)	Nunca	Algumas vezes	Na maioria das vezes	Todas as vezes
6. Relação interpessoal (boa convivência)	(A)	(B)	(C)	(D)
7. Educação de tempo integral (passar o dia na escola)	(A)	(B)	(C)	(D)
8. Boa comunicação aluno/professor	(A)	(B)	(C)	(D)
9. A escola não atende as expectativas	(A)	(B)	(C)	(D)
10. O seu filho gosta da escola	(A)	(B)	(C)	(D)
11. Sair de casa muito cedo	(A)	(B)	(C)	(D)
12. Não tem interesse pela a escola	(A)	(B)	(C)	(D)
13. Só vem à escola para não ir trabalhar	(A)	(B)	(C)	(D)

8. QUAL É O SEU SEXO?

- (A) masculino
- (B) feminino

9. COMO VOCÊ CLASSIFICARIA SUA RENDA FAMILIAR DIACORDO COM O IBGE?

- (A) Baixa
- (B) Média
- (C) Alta
- (D) Vive do bolsa família

10. QUAL É SUA DATA DE NASCIMENTO? (Indique o dia, o mês e o ano)

11. EM QUE REGIÃO VOCÊ MORA? _____

12. QUAL É O SEU NOME COMPLETO?



FACULTAD INTERAMERICANA DE CIENCIAS SOCIALES
MESTRADO EM CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
APÊNDICE C: ANÁLISE DOCUMENTAL

Local da Pesquisa: Escola Municipal – Riacho de Santana - Bahia

Data da Pesquisa: ____/____/____

Avaliando a eficácia do desempenho escolar

QUESTIONÁRIOS PARA OS PROFESSORES

1. QUAL É O SEU NÍVEL DE ESCOLARIDADE?

- (A) Ensino Médio completo (antigo 2^o grau)
- (B) Começou, mas não concluiu o Ensino Superior
- (C) Completou o Ensino Superior
- (D) Pós-graduação completa
- (E) Pós-graduação incompleta
- (F) Mestrado

2. A partir da sua concepção sobre a contribuição para o bom desempenho escolar, como indicaria o seu desenvolvimento em sua unidade escolar?

- () abaixo da expectativas
- () de acordo com suas expectativas
- () acima da expectativas
- () não sei esclarecer

. No seu convívio diário classifique as afirmações que se seguem: (Marque apenas UMA OPÇÃO em cada linha)	Insuficiente	Regular	Bom	Muito bom
3. Assiduidade dos membros da equipe	(A)	(B)	(C)	(D)
4. Cumprimento do horário pelos membros da equipe	(A)	(B)	(C)	(D)
5. Empenho da equipe em resolver problemas	(A)	(B)	(C)	(D)
6. Cuidado da equipe com o material colocado á sua disposição	(A)	(B)	(C)	(D)
7. Comunicação estabelecida entre a equipe e os profissionais da escola em todos os níveis	(A)	(B)	(C)	(D)
8. Atendimento das crianças pela equipe	(A)	(B)	(C)	(D)
No seu convívio diário classifique as afirmações que se seguem: (Marque apenas UMA OPÇÃO em cada linha)	Nunca	Algumas vezes	Na maioria das vezes	Todas as vezes
9. Realiza uma avaliação justa	(A)	(B)	(C)	(D)
10. Tratar a todos com igualdade e direitos	(A)	(B)	(C)	(D)
11. As suas avaliações atendem os critérios da prova Brasil	(A)	(B)	(C)	(D)
12. A escola dispõe de materiais para um bom trabalho	(A)	(B)	(C)	(D)
13. Os alunos interessam pelas as suas aulas.	(A)	(B)	(C)	(D)
14. Você gosta do que faz	(A)	(B)	(C)	(D)

15. QUAL É O SEU SEXO?

- (A) masculino
- (B) feminino

16. COMO VOCÊ CLASSIFICARIA O SEU NÍVEL DE CONTRIBUIÇÃO PARA A AQUISIÇÃO DE CONHECIMENTO DOS ALUNOS?

- (A) satisfatório
- (B) insatisfatório
- (C) regular
- (D) muito bom

17. QUAL É SUA DATA DE NASCIMENTO? (Indique o dia, o mês e o ano)

18. EM QUE REGIÃO VOCÊ MORA? _____

19. QUAL É O SEU NOME COMPLETO?
